

95 TESES SOBRE JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

MORRIS L. VENDEN

Título do Original em Inglês:
95 THESES ON RIGHTEOUSNESS BY FAITH

Tradução de Azenilto G. Brito
Segunda Edição – 1990

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA Tatuí - SP

Contracapa:

Em 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero sobe os degraus da igreja do castelo de Wittenberg, Alemanha, e prega na porta de madeira maciça, as 95 teses que logo desencadeiam a Reforma Protestante.

Quase cinco séculos depois, Morris Venden prega, em forma impressa, suas *95 Teses Sobre Justificação Pela Fé*. Este livro é o resultado de muitos anos de pesquisa e meditação sobre este tema tão importante.

95 Teses Sobre Justificação Pela Fé constituem o livro mais significativo de Morris Venden. Sua grande esperança é que os leitores destas páginas aprendam a confiar inteiramente em Jesus, para obter perdão e poder.

Para acessar rapidamente, clique em:

INTRODUÇÃO

95 Teses Sobre Justificação Pela Fé

INTRODUÇÃO

O repentino vislumbre, de Martinho Lutero, na famosa escadaria, de que o justo viverá pela fé, foi um importante marco na Reforma Protestante. Mas as 95 teses que ele afixou sobre a porta da igreja em Wittenberg não eram basicamente uma discussão adicional do tema da justificação pela fé. Antes, tratavam principalmente de reformas necessárias no sistema religioso da época, com insistência sobre liberdade de consciência, condenação à venda de indulgências, e graves denúncias contra abusos papais.

As 95 teses neste volume estão centradas sobre as verdades da justificação pela fé em Jesus Cristo somente. São uma mensagem de aplicação ilimitada, mantendo-se num crescendo até prevalecer um único interesse; um assunto que supera todos os demais – Cristo, justiça nossa. Vivemos nesse tempo. A mensagem dos três anjos tem sido proclamada e continuará ressoando até que alcance proporções de alto clamor.

O propósito deste livro é estimular a reflexão e o estudo do grande tema da justiça de Cristo. É escrito primordialmente para um público adventista do sétimo dia, acompanhado de um conjunto de lições bíblicas destinadas a partilhá-las com seus amigos.

Mas, cuidado! Se perceber-se concordando ainda que só com a primeira tese, você poderá ficar enredado. Se ainda se achar de acordo após as primeiras doze teses, não há escape! Quem quer que realmente concorde com as primeiras doze teses, dificilmente será

levado a discordar das restantes, pois as primeiras doze formam a base para o entendimento de todo o conjunto.

A teoria da justificação pela fé é dinâmica. Uma vez que a entenda, você nunca mais será o mesmo. Mas a teoria não é suficiente. O poder real vem quando você a experimenta por você mesmo. Convido-o hoje a obter a experiência de toda uma vida!

95 Teses Sobre Justificação Pela Fé:

Justificação11

1. O cristão faz o que é certo por ser cristão, nunca a fim de sê-lo. S. João 15:511
2. Justiça = Jesus. Não temos justiça à parte dEle. Romanos 1:16 e 17 12
3. A única maneira de buscar justificação é procurar a Jesus. Romanos 4:4 e 514
4. Cristianismo e Salvação não se baseiam no que você faz, mas em quem você conhece. Romanos 3:2817
5. Fazer o certo por não praticar o errado não é agir certo. Ser bom por não ser mau não é ser bom. S. Mateus 23:27 e 28. . . 19
6. A justificação tornará você moral, mas moralidade não tornará você justo. S. Mateus 5:20 21
7. Nossas boas obras não causam nossa salvação. Nossas más obras não causam nossa perdição. Romanos 3:20 23

Pecado26

8. Todos nascem pecadores (ou egoístas) porque todos nascem separados de Deus. Salmo 58:3

9. Deus não nos atribui responsabilidade por termos nascido pecadores. Ezequiel 18:20; S. João 1:9 28
10. Pecamos porque somos pecadores. Não somos pecadores porque pecamos. Romanos 7:14-17 31
11. Pecado (singular) – o viver longe de Deus, resulta em pecados (plural) – praticar coisas erradas. I S. João 3:4 33
12. Quem quer que viva sua vida separado de Deus, está vivendo em pecado. S. João 16:8 e 9 34

Fé 37

13. A melhor definição de fé é confiança. Confiança é depender de outro. S. Mateus 15:21, 28 37
14. Conhecer a Deus resulta em confiar em Deus. Se você não O conhece, não irá confiar nEle. Se você não confia nEle, então não O conhece. II Timóteo 1:12 39
15. Fé é um fruto do Espírito, não um fruto da pessoa. Não é algo em que a gente trabalhe ou que a gente desenvolva. Gál. 5:22 41
16. Pensamento positivo não produz fé genuína, mas a fé produzirá pensamento positivo. Romanos 10:17 43

Submissão 46

17. Submissão é renunciar a nós próprios, não o abandono de nossos pecados. Renunciar a nossos pecados é resultado de renunciar a nós mesmos e buscar a Deus. Romanos 10:3 e 4 46

18. Empenhar-nos em renunciar a nossos pecados, pode impedir-nos de renunciar a nós mesmos. Romanos 9:31 e 32 48
19. Ninguém pode crucificar-se a si mesmo, nem operar a própria submissão. Alguém deve fazê-lo em seu lugar. Gálatas 2:20 . . . 50
20. Somos controlados por Deus ou por Satanás. O único controle que temos é escolher quem nos controlará. Romanos 6:1652
21. A submissão da vontade é a submissão do poder de escolha, mas empregamos o nosso poder de escolha para o submeter. Renunciamos a nosso poder de escolha, tendo em vista o comportamento; conservamos nosso poder de escolha, tendo em vista o relacionamento. Romanos 6:11 54
22. O único esforço deliberado na vida cristã é buscar a Deus. Disso resultarão esforços espontâneos para outras coisas. Filipenses 4:13 56
23. Cristãos em crescimento experimentam períodos de submissão e de não-submissão. Às vezes dependem de Deus, outras vezes de si mesmos. S. Luc. 9:54; S. Mat. 16:16, 17, 22 e 23 59
- Conversão 62**
24. Conversão é obra do Espírito Santo, que produz uma mudança de atitude para com Deus e cria uma nova capacidade de conhecer a Deus. S. João 3:3-8 62
25. A conversão leva a uma vida transformada. Ezeq. 36:26 e 27 64
26. Conversão e arrependimento são experiências contínuas, e não de uma vez apenas 66

Arrependimento **69**

27. Arrependimento é tristeza pelo pecado e afastamento dos pecados. Arrependimento é um dom. Portanto, a tristeza pelo pecado é um dom, e afastamento dos pecados é um dom. Atos 5:31 .
..... 69
28. Não transformamos nossa vida a fim de ir a Cristo. Vamos a Ele tal como estamos, e Ele transforma nossa vida. S. João 6:37 . . .
. 71
29. Deus dá o arrependimento antes de dar o perdão. Atos 3:19 . . .
.. 73
30. A tristeza humana é a que sentimos por haver quebrado uma lei e sermos apanhados. A tristeza de origem divina é a que experimentamos por ter quebrantado um coração e ferido nosso melhor Amigo. II Coríntios 7:10 75

Perdão **77**

31. O único pecado conhecido que não pode ser perdoado é aquele de que não nos arrependemos e de que não pedimos perdão.
I S. João 1:9 77
32. O perdão não fará nenhum benefício ao pecador, a menos que ele o aceite. Salmo 86:5 79
33. O perdão de Deus não é limitado, mas nossa aceitação de Seu perdão pode ser. S. Mateus 18:21 e 22 81
34. Aqueles que são muito perdoados, muito amarão.
Aqueles que muito amam, muito obedecerão.
S. Luc. 7:41-43; S. João 14:15 83
35. O perdão é gratuito, mas não é barato. Custou a vida do querido Filho de Deus. S. João 3:16 85

A Cruz 89

36. Deus perdoa os pecadores, não os pecados, mas a Bíblia chama

a isso de perdão dos pecados. Jesus morreu porque os pecados não podiam ser perdoados. Isaías 53:5, 6 e 8 89

37. Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras. I Coríntios 15:3 91

38. A cruz tornou possível que Deus fosse justo e ainda perdoasse a todos. Romanos 3:23-26 93

39. A morte de Cristo foi necessária a fim de sermos perdoados. S. João 3:14 e 15 95

40. Nada podemos acrescentar ao que Jesus fez na cruz, mas Deus pode acrescentar muitíssimo. Hebreus 7:25; 9:11 e 12 97

Segurança 100

41. Permanecer com Jesus é tão importante quanto ir a Ele.

S. João 15:4 100

42. A segurança da salvação continua mediante o relacionamento pessoal diário com Jesus. I S. João 11 e 12 102

43. Os cristãos devem saber que têm a garantia da salvação hoje.

S. João 6:47 104

44. A Bíblia ensina que uma vez salvo, sempre salvo, enquanto se permanece salvo. S. Mateus 24:12 e 13 106

45. A paz não resulta da vitória, mas a vitória resulta da paz.

S. João 8:11 108

46. Uma razão por que continuamos a pecar é não cremos que fomos perdoados. A segurança conduz à vitória. A incerteza conduz à derrota. I S. João 3:2 e 3 111

Relacionamento 114

47. Justificação pela fé é uma experiência, não uma teoria apenas. Filipenses 3:9 e 10 114

48. A vida devocional do cristão não é opcional. O relacionamento com Deus é a base integral da vida cristã ativa. S. João 17:3 . . . 116

49. Se não tomarmos tempo para a Bíblia e a oração, iremos morrer espiritualmente. S. João 6:53 118

50. Só porque você lê a Bíblia e ora não significa que terá um relacionamento com Deus. Mas se não o fizer, não terá.

S. João 5:39 120

51. O propósito principal da oração não é obter respostas, mas conhecer a Jesus. Apocalipse 3:20; S. João 17:3 122

52. O principal propósito do Estudo da Bíblia não é obter informação, mas conhecer a Jesus. Apocalipse 3:20 125

53. As coisas muitas vezes vão pior quando oramos, até que aprendemos a buscar a Jesus por causa dEle, não por nossa

causa. Jó 127

54. Quem quer que se desencoraje com seu relacionamento por causa de comportamento é legalista. Romanos 7:14-24 130

Obediência 133

55. A verdadeira obediência é um dom de Deus (a veste é gratuita).

S. Mateus 22:11-14 133

56. A verdadeira obediência vem de dentro para fora, não de fora para dentro. S. Mateus 23:25 e 26 135

57. A genuína obediência é natural e espontânea. Ela vem apenas mediante o relacionamento de fé com Cristo. S. João 14:15 . . . 137

58. Aquele que depende de Deus para ter o poder, não precisa tentar obedecer a duras penas. Ele teria que esforçar-se para

não fazê-lo. I S. João 3:6	139
59. A obediência que é somente externa é uma falsa obediência. S. Mateus 5:20	141
60. Quando conhecemos a Deus como é nosso privilégio conhecê-Lo, nossa vida será uma existência de contínua obediência. I S. João 2:3	144

Lei 146

61. Qualquer que tente viver a vida cristã sem Cristo, não é cristão. É legalista, seja conservador ou liberal. Gálatas 3:1-3	146
62. Não há, na lei, poder para a genuína obediência. O Monte Sinai nada vale sem o Monte Calvário. Romanos 8:3	148
63. Cristo é o fim da lei para justiça, mas não o fim da lei. Romanos 10:4	150

Obras 153

64. As boas obras, praticadas independentemente de Cristo, são más obras. S. Mateus. 7:22 e 23	153
65. O propósito das boas obras não é salvar-nos, mas glorificar a Deus. S. Mateus 5:16	155
66. Quando a questão é genuína fé e obras, você não pode ter uma sem a outra. S. Tiago 2:17, 18 e 26	157

Crescimento 160

67. A fé cresce em quantidade, não em qualidade. O crescimento está na constância da dependência de Deus. S. Luc. 17:5 e 6	160
68. Você não cresce tentando crescer. S. Mateus 6:27	162

69. Os cristãos crescem mais firmemente reconhecendo suas fraquezas

Quando são fracos, aí é que são fortes. II Cor. 12:9 e 10 164

70. Podemos todas as coisas mediante Cristo, que nos fortalece; mas, sem Ele, nada podemos fazer. Filip. 4:13; João 15:5 166

Permanência Nele 169

71. Satanás não tem poder para levar os que dependem de Deus a pecar, mas os que dependem de si mesmos são facilmente derrotados. II Coríntios 10:4 e 5 169

72. O permanente relacionamento com Deus, conduz à permanente submissão e dependência dEle a todo instante. S. João 15:15 .. 171

73. Olhar para o eu é sempre o ponto de separação de Deus, e interrompe a dependência dEle momento a momento. S. Mateus 14:28-30 175

74. Deus jamais Se separará de nós. Mas podemos decidir separar-nos dEle. Romanos 8:35, 38 e 39 177

Testemunho 180

75. A razão por que Deus deseja que testemunhemos é, primeiramente, o nosso bem. S. Mateus 11:29 180

76. O desejo de compartilhar vem naturalmente ao cristão genuíno (conquanto os métodos possam variar). II Coríntios 4:13 182

77. A pessoa mais feliz no mundo é a mais envolvida em servir a outros. A pessoa mais infeliz é aquela que está mais envolvida em servir ao eu. S. Marcos 8:35 184

78. O serviço cristão na vida espiritual equivale ao exercício na vida física. Atos 3:6-9 186

79. Não podemos dar a outros aquilo que nós próprios não possuímos. S. Marcos 5:19; S. João 3:11 188

Tentação 191

80. A verdadeira questão envolvida na tentação é se é possível viver vida sem Cristo. S. João 16:8 e 9 191

81. As tentações se tornam pecado quando consentimos com elas em nossa mente. S. Mateus 5:21, 22 e 28 193

82. Jesus foi tentado a fazer o certo, mas em Seu próprio poder, tal como nós. S. Mateus 4:2 e 3 195

83. O Senhor sabe como livrar o justo das tentações, mas não os injustos. II S. Pedro 2:9 197

84. As tentações não são vencidas no momento da tentação, mas sempre antes. Hebreus 4:16 199

Vitória 202

85. Vitória não é algo que efetuamos. É algo que recebemos. I Coríntios 15:57 202

86. Na milícia cristã, somos ativos no combate da fé e passivos no combate aos pecados. Efésios 6:10-18 204

87. A vitória real é obter vitória sobre tentar obter vitória. II Crônicas 20:15 e 17 206

Perfeição 210

88. A perfeição de caráter não é obra nossa. É a obra de Deus em nós. Hebreus 18:20 e 21 210

89. A perfeição pode ser coisa perigosa se concentra nossa atenção em nós mesmos e em nossas obras. Gálatas 3:3 212

Jesus 214

90. Jesus foi semelhante a Adão antes da queda por ter uma natureza sem pecado – Ele não nasceu separado de Deus. Jesus foi semelhante a Adão após a queda em força física, poder mental, e valor moral. S. Luc. 1:35; Heb. 2:17 e 18 214
91. Jesus não tinha qualquer vantagem sobre nós em vencer a tentação. Hebreus 4:15 216
92. Jesus venceu a tentação da mesma maneira por que podemos vencer: pelo poder do alto, não pelo poder vindo de dentro. S. João 14:10 218
93. Jesus achava os pecados repulsivos. Na medida em que dependamos de Deus, também acharemos os pecados repulsivos. Hebreus 1:8 e 9 221
94. Nunca poderemos ser como Jesus foi, mas podemos agir como Jesus agia. S. João 14:12 223
95. O problema do pecado é um relacionamento interrompido entre Deus e o homem. O alvo da salvação é restaurar a relação entre Deus e o homem. Apocalipse 19:7-9 225

JUSTIFICAÇÃO

TESE 1

O cristão faz o que é certo por ser cristão, nunca a fim de sê-lo.

Aconteceu durante as primeiras semanas em um novo distrito pastoral. Naquela igreja, meu alvo era visitar cada família, para começar a familiarizar-me com os membros. Mas é fácil ficar só em conversinhas inconseqüentes: "Aquela foto ali sobre a lareira é da tia Minnie?" "Sim."

Então inventei um truque: uma pergunta, que faria em toda casa que visitasse: "Qual é sua definição de cristão?" E procurei manter um registro cuidadoso de cada resposta.

"Cristão é alguém que vive segundo a regra áurea."

"O cristão será honesto."

"Cristão é alguém bondoso e compassivo."

"O cristão é um bom vizinho."

Ouvia muitas respostas, diferentes umas das outras, mas havia um denominador comum. Toda resposta era de cunho comportamental. O nome de Cristo estava notoriamente ausente.

Você pode ler reportagens de homens de imprensa entrevistando alguém na rua, formulando perguntas semelhantes. O padrão de respostas é o mesmo.

"O cristão faz isso e aquilo. O cristão não faz aquilo outro." Quantas vezes você ouve a resposta – "Cristão é alguém que conhece e ama a Cristo"?

O que é cristianismo? Baseia-se preponderantemente em comportamento? Ou se baseia fundamentalmente em relacionamento? Aqui está o ponto fundamental para se compreender e experimentar salvação pela fé em Cristo. O cristianismo é uma questão de conhecer a Cristo. E o comportamento que distingue o cristão do não-cristão é *resultado* do relacionamento de fé com Jesus – jamais a causa.

Permita-me reformular esta tese um pouquinho. Uma macieira produz maçãs por ser uma macieira, nunca a fim de ser uma. Jesus fez a mesma comparação: "Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons." S. Mateus 7:17 e 18.

Se estiver interessado em bons frutos, o ponto de partida é uma boa árvore. Sua tarefa, pois, é regar a árvore, talvez fertilizá-la, e permitir que sol, chuva e vento cumpram sua obra. Não há necessidade de exercer esforços para que produza frutos. Se tiver uma árvore saudável, os frutos virão naturalmente.

Assim se dá na vida cristã. Aquele que tenta viver a vida cristã empenhando-se em comportamento, está como que num beco sem saída.

Parábolas de Jesus torna isso claro: "É pela renovação do coração, que a graça de Deus atua para transformar a vida. Não basta a mudança exterior para pôr-nos em harmonia com Deus. Muitos há que procuram reformar-se, corrigindo este ou aquele mau hábito, e esperam desse modo tomar-se cristãos, mas estão principiando no lugar errado." – Pág. 97.

Não importa quão correta possa ser sua vida, não importa a quantidade de boas ações que possa praticar, não importa quão religioso possa parecer, você não será um cristão genuíno até conhecer a Jesus Cristo pessoalmente, na base de um para um. Fazer o que é certo jamais o tornará um cristão. Apenas o tornará moral.

A igreja primitiva mantinha em tal proporção seu enfoque sobre o Senhor Jesus Cristo, que Ele era o tema de seu pensamento e conversação. "Cristo fez isso, e Cristo fez aquilo." finalmente, alguém declarou: "Vamos chamá-los de cristãos."

Como você seria chamado se recebesse o nome segundo aquilo em que mais pensa e de que mais fala? Você é uma boa pessoa? Ou é realmente um cristão? Pense a respeito disso!

TESE 2:

Justiça = Jesus. Não temos justiça à parte dEle.

Meu professor da principal matéria na faculdade iniciou a discussão em classe, durante o primeiro período de aula do semestre, pedindo-nos uma definição de *justiça*.

Demos muitas definições. Justiça é fazer o que é certo. Justiça é conformidade com a lei de Deus. Justiça é santidade. E talvez, ainda melhor, justiça é amor. Não somente os alunos deram essas definições, mas poderá você encontrá-las no comentário inspirado.

Mas, após o professor ter rebatido todas as nossas definições, levou-nos finalmente à conclusão de que a melhor e mais completa definição de justiça é Jesus. Todas as outras são inadequadas.

Se, por exemplo, justiça é definida como fazer o que é certo, então qual a única coisa de que necessitamos para ser justo? Fazer o que é correto. Não teríamos necessidade de um Salvador, se justiça se baseasse apenas em comportamento.

Mas justiça não é uma entidade em si mesma. Não é nada que a humanidade possa de alguma forma produzir. Estamos falidos, em termos de justiça. Declara Isaías, que "todas as nossas justiças [são] como trapo da imundícia". Isaías 64:6. Não só somos incapazes de produzir justiça, mas somos também incapazes de armazená-la. Não é algo que possamos obter ou reter separado de Jesus. Portanto, podemos melhor definir justiça como uma Pessoa. Enquanto tivermos a Jesus, teremos justiça. Mas sem Ele, não temos esperança de justificação.

"O homem pecaminoso só pode encontrar esperança e justiça em Deus; e nenhum ser humano é justo além do tempo em que tem fé em Deus e com Ele mantém vital ligação." – *Testemunhos Para Ministros*, pág. 367.

Poderíamos tentar estabelecer uma equação. Se Jesus = Justiça, e Justiça = Jesus, então a única maneira pela qual podemos obter

justiça é chegar a Jesus e permanecer junto a Ele. Assim poderemos dizer que Humanidade + Jesus = Justiça.

Estava discutindo isso com um grupo de estudantes universitários, certo dia, quando um jovem de uma fileira de trás passou a encarar-me estranhamente. Ele levantou a mão e disse: "Mas se Jesus por Si só é igual a justiça, e se a humanidade mais Jesus é igual a justiça, então a humanidade tem valor igual a zero!" E ele falava como se eu tivesse acabado de cometer uma grande injustiça à raça humana.

Mas não é o dilema da humanidade que não tenhamos justiça própria? Temos valor supremo aos olhos do Céu. Jesus sobre a cruz provou o valor da alma humana. No que tange a produzir justiça, porém, estamos ao desamparo. Não podemos produzi-la; não temos nenhuma.

Charles T. Everson contava que uma mulher foi comprar o pano para fazer um vestido novo. Ela esfregava o tecido com o dedo, examinava a textura, admirava as cores e padrões, até que finalmente descobriu um rolo de tecido que parecia ser o que desejava. Enquanto refletia, querendo convencer-se de que aquela seria a escolha certa, o proprietário da loja aproximou-se e disse: "Notei-a examinando este material e, por coincidência, esse tecido foi empregado num vestido. Talvez não o tenha notado quando entrou." E assim, ele a conduziu até a vitrina da frente da loja; e a mulher exclamou: "Que lindo! É exatamente o que desejo. O material me agradou muito – mas, agora que o vejo na forma de vestido, estou completamente convencida." Ela adquiriu a quantidade de pano de que precisava.

Assim se dá com a lei de Deus. Podemos admirar seus princípios; podemos concordar com seus preceitos. Mas, antes que possamos verdadeiramente apreciá-la e aceitá-la, precisamos vê-la

na forma de uma vida – a vida de Jesus. Quando O vemos, nosso coração é conquistado. E quando O recebemos, recebemos também Sua justiça.

TESE 3

A única maneira de buscar justificação, é procurar a Jesus.

Era uma vez um homem que desejava tornar-se padeiro. Ele sempre apreciara pão recém-assado, e imaginou que iria gostar de fabricar pão para outros.

Assim, realizou uma pesquisa na cidade para encontrar o melhor ponto para seu novo negócio. Conseguiu um lote de esquina, e contratou o empreiteiro da localidade, e logo estava com sua padaria pronta para ser inaugurada, com reluzentes pias de alumínio, equipamentos novinhos em folha e vitrinas iluminadas à frente para expor seus produtos.

Mas as coisas não estavam marchando bem para o padeiro. Ele trabalhava muitas horas. Fazia publicidade de toda espécie. Fez o melhor que pôde para avançar no ramo. Contudo, parece que não conseguia produzir o tipo de pão que havia experimentado no passado. Quando os fregueses chegavam para ver seu novo estabelecimento, raramente adquiriam qualquer de seus produtos. E nunca mais voltavam.

Finalmente, após anos de luta, ele teve de admitir que era um fracasso. Estava a ponto de falir. Havia tentado tudo quanto sabia para tornar sua padaria um sucesso, mas nada tinha dado certo.

Exatamente quando estava a ponto de desistir, ouviu a respeito de algo que revolucionou toda a sua atividade comercial. Soube que, para fazer pão, é necessário utilizar farinha! Não havia tentado

antes, mas isso lhe pareceu fazer sentido. E, quando começou a empregar farinha, deu-se uma grande diferença.

Imaginou a história acima como uma parábola? Talvez lhe pareça difícil de acreditar que alguém realmente passasse por alto a verdade simples e básica de que é necessário utilizar farinha para fazer pão. Reconhecemos que seria trágico tentar manter uma padaria sem isso.

Não importa em que ramo de negócio você esteja empenhado, precisa conhecer certos requisitos básicos, se espera ter êxito. Não se pode operar um banco sem dinheiro. Não se pode operar uma ferrovia só com vagões, sem locomotiva. E impossível produzir lã se não tiver ovelhas.

Mas no que se refere a viver a vida cristã? Quantos de nós não passamos por alto o que é básico a isso, durante anos? Procurar justiça, mas sem saber como obtê-la? E não passa de desapontamento, tentar ser cristão sem entender como se consegue isso.

Os homens de imprensa apresentam certas perguntas-chave, a fim de chegar às questões básicas de uma reportagem. Tais perguntas podem ser transferidas para a vida cristã. A primeira é – o que? Às vezes, o mais fácil é falar sobre *o que* da vida cristã. Alguns de nós fomos criados à base de *o que*. **O que fazer, o que não fazer, a fim de ser cristão e obter a salvação.** Tivemos um regime alimentar muito indigesto de *que*. Este levou a discussões nas classes bíblicas do ginásio, e a semanas de oração em que se indagava o que estava errado com isso, e o que estava errado com aquilo.

É errado falar sobre *o o que*? Não, a Bíblia fala muito sobre *o que*. Mas *o que* nunca pode ser a base do cristianismo.

A seguir, surge a questão de o *Por que*. Esta é a pergunta sofisticada, intelectual. É o melhor tipo de pergunta para preencher o tempo durante o estudo da lição da Escola Sabatina. *Por que* pode ser importante. Deus declara: "Vinde e arrazoemos." Isaías 1:18. Não é errado arrazoar. Somos criados à imagem de Deus, com capacidade para pensar e ponderar. Mas *por que* não é suficiente.

Outra questão com a qual dispendemos muito tempo na história de nossa igreja é *Quando*. *Quando* irá acontecer tudo? Assim, temos os gráficos sobre a parede, falando sobre *quando*. Talvez alguns estejam tão interessados no *quando*, por estarem esperando embarcar no último vagão para o escape. Mas outros aguardam que o *quando* os alcance antes de descobrirem como cumprir o *que*.

Se você foi criado com base em o *que*, e *por que* e *quando*, a próxima pergunta lógica será como? E uma pergunta de caráter prático, e pode levá-lo à teoria da justificação pela fé. Se não entender *como*, o restante só irá deixá-lo frustrado. Mas mesmo saber *como* não é suficiente, porque justificação pela fé é mais do que uma teoria. É uma experiência. E *como* se torna uma questão das mais emocionantes quando se entende que a resposta ao *como* é *quem*!

Jesus é a base do cristianismo. É verdade que a Bíblia fala sobre procurar a justiça. **Sofonias 2:3** o diz em poucas palavras: "Buscai a justiça." Alguns de nós têm julgado que a maneira de buscar a Jesus é buscar a justiça. Mas perdemos de vista o *como*.

Sendo que justiça = Jesus, a forma de buscar justiça é buscar a Jesus. "A justiça de Deus se acha concretizada em Cristo. Recebemos a justiça recebendo-O a Ele." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 18.

Cristianismo e salvação não se baseiam no que você faz, mas em quem você conhece.

Certa mulher adquiriu um novo par de lentes de contato. Não muito depois disso, foi detida por violação do trânsito. Após examinar-lhe os documentos e verificar as restrições assinaladas em sua carteira de motorista, o guarda perguntou: "Onde estão os seus óculos?"

A mulher respondeu: "Eu tenho contatos."

O guarda retrucou: "Não interessa quem a senhora conheça – é obrigada a usar óculos!"

É fato incontestável que neste mundo faz muita diferença saber quem você conhece. Se estiver em busca de emprego e for conhecida do chefe, levará vantagem. Se for levado perante o tribunal e conhecer o juiz, isso pode ser uma boa notícia. Se estiver desejoso de entrevistar-se com alguém importante e descobrir que conhece um amigo dele, está com tudo.

Quando Abraão Lincoln era presidente, às vezes deixava instruções com seu grupo de auxiliares para não ser perturbado. Entrava em seu gabinete e fechava a porta. Os guardas permaneciam do lado de fora e circulavam pelo corredor para impedir qualquer um de entrar. Mas alguém poderia vir correndo pelo corredor, passar por todos os guardas e abrir a porta, indo direto ao presidente. Os guardas nem tentariam interceptá-lo. Por quê? Porque seu nome era Tad Lincoln, e era o filho do presidente! Seu relacionamento com o presidente fazia toda a diferença.

Acredita que seu relacionamento com Cristo é a coisa que faz toda a diferença em sua vida espiritual? Acredita que o cristianismo se baseia em quem você conhece? Ou crê que se baseia no que você faz?

Numa reunião campal, no noroeste dos Estados Unidos muitos anos atrás, o redator da Adventist Review [Revista Adventista] levantou-se e dirigiu algumas perguntas ao auditório. Disse: "Quantos crêem que somos salvos somente pela fé em Jesus Cristo?" Umhas poucas mãos se ergueram, mas foram logo baixadas.

Indagou então: "Quantos julgam que são salvos com base em suas obras?" Umhas poucas mãos foram levantadas, mas em seguida baixadas.

E perguntou: "Quantos imaginam que somos salvos pela fé em Jesus Cristo, mais as boas obras?" Todo o restante das mãos se levantou, sendo agitadas no alto!

Ele declarou: "Espero que até o fim do sermão desta manhã vocês tenham mudado de idéia!" E passou a provar que somos salvos pela fé em Cristo somente. Ponto final!

Jesus disse em **S. João 17:3**: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste."

O Desejado de Todas as Nações, pág. 315 declara: "Quando, por meio de Jesus, entramos no repouso, o Céu começa aqui. Atendemos-Lhe ao convite: Vinde, aprendei de Mim; e assim fazendo começamos a vida eterna. O Céu é um incessante aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo."

Você O conhece? Conhecer a Jesus é a base integral da vida cristã. Conhecer a Jesus é o caminho para a vida eterna. Conhecer a Jesus transformará seu estilo de vida, pois ao aprender a conhecê-Lo e amá-Lo e associar-se com Ele, você será transmudado à Sua imagem.

Justificação é uma Pessoa. Salvação é uma Pessoa. Mediante Jesus, sua vida eterna pode começar hoje!

TESE 5

Fazer o certo por não praticar o errado não é agir certo. Ser bom por não ser mau não é ser bom.

Se você não estiver fazendo nada errado, então estará fazendo o certo, correto? Errado!

Logicamente, isto não significa que se você está fazendo o que é errado você está fazendo o certo, ou que é certo fazer o errado. O que realmente significa é que você pode estar fazendo o certo por fora, mas o errado por dentro. E isso não é certo! O único que realmente faz o que é certo é aquele que é certo por dentro tanto quanto por fora.

Você já ouviu falar sobre os fariseus? Eles eram certos ou errados? Jesus proferiu algumas severas palavras aos fariseus em **S. Mateus 23:27 e 28**: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de toda imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e iniquidade."

Isso tudo nos conduz a uma questão importante. Conquanto possamos concordar em que o objetivo para o cristão é ser bom tanto por dentro quanto por fora, suponha que você ainda não é bom interiormente. Não estaria em melhor condição sendo pelo menos bom por fora, se isso é o melhor que pode conseguir? Ser um fariseu não seria melhor do que ser um publicano? Cuidado com a maneira como responde!

Jesus disse que a religião do fariseu não era suficiente para a vida eterna. "Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas

e fariseus, jamais entrareis no reino dos Céus." S. Mateus 5:20. Assim, não importa a utilidade da bondade exterior, ela não serve para a salvação.

Precisamos considerar o que diz *Caminho a Cristo*, pág. 43: "Há os que professam servir a Deus, ao mesmo tempo que confiam em seus próprios esforços para obedecer à Sua lei, formar um caráter reto e alcançar a salvação. Seu coração não é movido por uma intuição profunda do amor de Cristo, mas procuram cumprir os deveres da vida cristã como uma exigência de Deus a fim de alcançarem o Céu. Semelhante religião nada vale." Portanto, seja qual for o fim para que sirva a bondade exterior, ela não serve para a religião. Aqui não tem valor algum.

Apocalipse 3 traz uma mensagem especial à igreja pouco antes de Jesus vir novamente. "Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio, ou quente! Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da Minha boca." Versos 15 e 16. Assim, seja qual for o fim a que se destine a bondade exterior, é pior, segundo a perspectiva divina, do que absolutamente bondade nenhuma! Ele prefere até mesmo o frio ao morno!

Bondade que existe somente no exterior é repulsiva a Deus. Ele sabe que o pecador declarado é mais facilmente alcançado com as boas novas de salvação do que aquele que não sente qualquer necessidade. Aqueles que têm êxito em ser bons no exterior por seus próprios esforços, excluem-se da necessidade de um Salvador. E, sendo que não sentem nenhuma necessidade, não vêm a Cristo para receber a salvação que Ele está esperando dar.

É possível encher a igreja com pessoas fortes, capazes de produzir o comportamento por ela requerido. É o comportamento do

qual tanto se orgulham, torna-se uma barreira contra qualquer relacionamento pessoal com Jesus Cristo.

Se nós realmente crêsemos nisso, se realmente aceitássemos a tese de que a justiça exterior é não só inútil aos olhos de Deus, mas é-Lhe mesmo repugnante, deixaríamos de tentar fazer o que é certo. Em vez disso, dedicaríamos nosso tempo, energia e esforço em buscá-Lo, para que Ele possa vir a viver Sua vida em nós.

Isso o assusta? Teme desistir de tentar fazer o que é certo? Está disposto a envidar esforços em aceitar Sua justiça dia a dia num relacionamento contínuo com Ele? Se estiver sentindo-se nervoso, a estas alturas, intrigado sobre onde entraria o comportamento, apresse-se e leia o capítulo seguinte. Começa dizendo: "A justificação tornará você moral." Depressa, siga agora para a próxima tese!

TESE 6

A justificação tornará você moral, mas moralidade não tornará você justo.

Deus não é contra a moralidade! Ele não repreende os laodiceanos, em Apocalipse 3, devido à moralidade deles. **Repreende-os porque estão tentando substituir a justiça pela moralidade.**

Você pode não ser contra uvas de plástico! Pode até achá-las muito atraentes quando num arranjo ornamental. Há um lugar para as frutas de plástico, e algumas das imitações no mercado são bem convincentes. Mas quando alguém adiciona uvas plásticas numa salada de frutas, esteja certo de que serão um desapontamento e um mau gosto. Elas não substituem de modo algum a fruta real.

Deus não é contra a moralidade! Se você estiver vivendo uma vida moral, ficará livre da cadeia. Não transformará seu cérebro num mingau de aveia. Haverá de manter-se melhor num emprego. Sua reputação e conceito na comunidade melhorará. Os que estão ao seu redor não sofrerão os efeitos de um comportamento imoral de sua parte. A moralidade tem algumas vantagens genuínas, não há dúvida. Mas Deus repreende a igreja de Laodicéia com base na premissa de que a moralidade nunca é um substituto para a justiça.

"Muitos que se chamam cristãos são meros moralistas humanos." – *Parábolas de Jesus*, pág. 315. Note que isto não está descrevendo os que se chamam moralistas humanos. Está descrevendo aqueles que se intitulam cristãos, mas que não o são.

Na parábola do homem que não dispunha de vestes nupciais (ver S. Mateus 22) vemos o mesmo princípio. O homem poderia ter preferido permanecer em casa, onde suas roupas de cidadão comum não despertariam qualquer comentário. O rei o convidou para as núpcias, mas não o forçou a assistir a elas. O problema do homem era que ele tentou usar suas próprias roupas em lugar das vestes que o rei provia e ainda participar das bodas.

As pessoas ao tempo de Cristo haviam aperfeiçoado uma religião baseada somente em moralidade. O fariseu que orou em pé no templo era uma vítima da moralidade como substituto da justiça. Ele estava tocando seu próprio tambor moral. Recitou para Deus uma lista de atos que sentia recomendado aos Céus. Baseava sua segurança no fato de que não *praticava* o que o publicano *fazia*. Era um comportamentista.

E provou novamente que a moralidade não só fracassará em torná-lo justo, mas, na verdade, pode afastá-lo da genuína justiça.

Deus não é contra a moralidade! Leia-o em *Caminho a Cristo*, pág. 18: "A educação, a cultura, o exercício da vontade, o esforço

humano, todos têm sua devida esfera de ação, mas neste caso são impotentes. Poderão levar a um procedimento exteriormente correto, mas não podem mudar o coração."

Não devemos descartar a moralidade; precisamos porém, compreendê-la apropriadamente. Moralidade é resultado da justificação. Não é a causa da justificação. Nunca será uma causa. O cristão genuíno será uma pessoa moral. Ao buscar genuína justiça, jamais precisaremos temer que a moralidade fique de fora. É possível ter bondade exterior somente, mas nunca é possível ter bondade interna sozinha. Quando o coração é mudado, o resultado inevitável será uma mudança de comportamento. A justificação sempre fará você moral.

"Se habitamos em Cristo, se o amor de Deus habita em nós, nossos sentimentos, nossos pensamentos, nossas ações estão em harmonia com a vontade de Deus tal como se expressa nos preceitos de Sua santa lei." – *Caminho a Cristo*, pág. 61.

Deus não é contra a moralidade! Mas Ele nos adverte contra a aceitação da moralidade como um substituto para a justificação. Ele nos convida para, em vez disso, aceitar a justiça de Cristo, livremente concedida a todos que vão a Deus por Ele.

TESE 7

Nossas boas obras não causam nossa salvação. Nossas más obras não causam nossa perdição.

O Pastor A. T. Jones foi um dos campeões da justificação pela fé em Cristo, isoladamente durante a ênfase de 1888, em nossa igreja. Ele era evidentemente um orador inflamado e bastante individualista. Em seu entusiasmo ele exagerou em sua apresentação e o Senhor enviou-lhe uma mensagem de conselho.

Acha-se no *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, começando pela página 377.

O Pastor Jones havia, repetidas vezes, declarado que as boas obras não valem nada, que não há condições para a salvação. Ellen White lhe disse: "Sei o que quereis dizer, mas deixais uma impressão errada nos espíritos. Conquanto as boas obras não salvem alma alguma, é impossível que uma única alma se salve sem as boas obras." – P. 377. E umas poucas páginas adiante, no mesmo volume, ela declara: "As obras não nos comprarão a entrada ao Céu." – Página 388.

Assim, onde o Pastor Jones exagerou em sua apresentação? Qual é a diferença entre dizer que as boas obras nada valem, e dizer que as boas obras não salvarão sequer uma alma, nem comprarão entrada no Céu?

Algumas pessoas chegam logo à conclusão de que se as obras não nos salvam, então elas não devem ser importantes. E se nossas obras más não causam nossa perdição, então está certo praticá-las. Mas há uma palavra-chave, que impede esse tipo de mal-entendido. Falando sobre a relação de nossas boas ou más obras quanto à salvação ou perdição, não se esqueça da palavra *causar*.

Não estamos falando sobre a *importância* das boas obras. Não estamos falando sobre o *propósito* das boas obras. Estamos falando sobre o método de salvação. E quando se fala em salvação, as boas obras não são a sua causa. Elas são o resultado.

O que, então, *causa* nossa salvação? Sabemos que não são nossas boas obras. **Romanos 3:20** afirma-o com clareza. "Ninguém será justificado diante dele por obras da lei." *Jesus* é Aquele que nos salva, e somos salvos por aceitá-Lo. "Abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." Atos 4:12.

Nossa atenção não deve concentrar-se sobre nossas ações, sejam elas boas ou más. Ao buscar salvação, devemos focalizar a Jesus e, ao contemplá-Lo, somos transformados à Sua imagem. Toda vez que olharmos a nós próprios, fracassaremos. Ou veremos nossa pecaminosidade e nos tornaremos desanimados, ou veremos nosso bom comportamento e ficaremos orgulhosos. É um beco sem saída, seja qual for a direção que tomarmos. Somente olhando à Jesus estaremos seguros.

Paulo foi veemente na questão da salvação pela fé em Cristo somente. Mas ele não era contra as boas obras. Ele havia sido uma das pessoas de melhor comportamento da cidade. Ele fala a respeito disso em **Filipenses 3**, e declara: "Se alguém tem razão de contar vantagens quanto as boas obras, vou comparar meu registro de conduta com a dele!" No final, entretanto, ele considerou tudo isso como perda, quando o comparou com a justiça de Cristo. "Julgado pela letra da lei, segundo os homens a aplicam à vida exterior, havia-se afastado do pecado; mas quando olhou as profundezas dos santos preceitos e se viu a si próprio como o via Deus, prostrou-se, humilde, e confessou a culpa." – *Caminho a Cristo*, págs. 29 e 30.

Certa vez eu estava discutindo esta tese com um grupo de ministros. Quando falamos sobre a primeira parte, que nossas boas ações nada têm a ver quanto a causar nossa salvação, houve concordância de todo lado. Mas quando chegou a segunda parte, que nossas ações más nada têm a ver quanto a causar nossa perdição, alguns se tornaram pouco à vontade.

Permita-me, porém, perguntar: se a primeira parte é verdadeira, também a segunda não o seria? Não estão ambas as partes simplesmente reiterando a mesma verdade? Nossa salvação baseia-se em nossa contínua aceitação de Jesus e Seu sacrifício por nós, mediante um relacionamento diário com Ele. Não tem por base

nosso comportamento. A salvação vai além do comportamento. *E assim também se dá com a perda da salvação!* Comportamento não é a linha divisória para determinar o destino eterno de alguém.

Se, por fim, você se salvar, será devido ao que fez em relação a Jesus como seu Salvador. As boas obras indubitavelmente estarão presentes; não são, porém, o que *causou* a sua salvação. Do mesmo modo, se afinal perder-se, será porque deixou a Jesus fora de seu coração, batendo em vão, pedindo entrada. As más obras podem estar presentes, mas serão o resultado, e não a causa. Deus não julga pelos atos exteriores, mas pelo coração. Do coração procedem as fontes da vida. Ver I Samuel 16:7; Provérbios 4:23.

PECADO

TESE 8

Todos nascem pecadores (ou egoístas) porque todos nascem separados de Deus.

Como seres humanos, temos pelo menos duas coisas em comum. Primeiro, nascemos. Segundo, nascemos pecadores. Nosso problema de pecado começou por ocasião do nascimento, pois nascemos separados de Deus.

Às vezes as pessoas têm problemas com esta verdade. Olham um bebezinho recém-nascido, e dizem: "Como pode uma coisinha dessas, um ser assim tão vulnerável ser pecador?" Mas poucos têm problema em aceitar o fato de que um recém-nascido é altamente egoísta! Não quer nem saber se a mamãe está cansada ou o papai tem que trabalhar amanhã. Se o bebê deseja ser alimentado ou limpo, ou entretido, terá meios de fazer com que se saiba disso. Um bebê é inteiramente egoísta. Nascer neste mundo é uma experiência trágica!

"O pecado é a herança dos filhos. O pecado os separou de Deus." – *Orientação da Criança*, pág. 475. Devido ao pecado de Adão, sua posteridade nasceu com propensão inerente à desobediência. Ver Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 5, pág. 1.128.

Nas primeiras sete teses, estivemos tratando do assunto da justificação. Uma vez que o oposto de justiça é pecado, isso parece

ser o próximo assunto lógico a considerar. Um claro entendimento de justificação e pecado é essencial para qualquer estudo do assunto da salvação pela fé. O modo como se encaram esses dois tópicos, pode representar a fenda na calçada que, posteriormente, torna-se o Grand Canyon.

Nosso estudo da justificação, até aqui, poderia ser resumido, dizendo-se que **justificação deriva de relação com Jesus; não tem por base o comportamento.** Se isso for verdade, então precisamos também definir pecado como algo mais do que comportamento. **Somos pecadores por nascimento; somos pecadores por natureza. Nossa natureza é que é perversa; nossas más ações representam somente o resultado.**

Paulo declara em **Efésios 2:3** que somos por natureza filhos da ira. O **Salmo 58:3** reza: "Desviam-se os ímpios desde a sua concepção; nascem e já se desencaminham, proferindo mentiras." E no caso de não estar certo quanto a quem incluir entre os "ímpios" tenha em mente **Romanos 3:10**: **"Não há justo, nem sequer um."**

Conta certo relato que um escorpião desejava atravessar o rio. Ele encontrou uma rã junto à margem e pediu que lhe desse uma carona sobre suas costas.

"Oh! não!" disse a rã. "Se eu lhe deixasse subir às minhas costas, você iria ferrear-me e eu morreria."

"Por que iria eu fazê-lo?" perguntou o escorpião. "Se eu aferroasse e lhe causasse a morte, então nós ambos iríamos afogar-nos, e eu jamais conseguiria atravessar o rio."

Bem, o argumento do escorpião parecia ser lógico para a rã; e, assim, ela permitiu que lhe subisse às costas. Passou então a nadar através do rio.

Mais ou menos na metade do trajeto, o escorpião a ferrou. E, ao soltar seu último alento, a rã ainda disse: "Por que fez isso? Agora nós dois vamos morrer!" O escorpião respondeu com tristeza: "Eu sei, mas não pude evitá-lo. É minha natureza."

Este é o dilema da raça humana. Nossa natureza é caída. Não podemos evitá-lo. Mesmo reconhecendo que nos estamos destruindo, descobrimos que **somos incapazes de parar de pecar, pois nossa natureza é que é má.**

"O resultado de comer da árvore da ciência do bem e do mal, é manifesto na experiência de todo homem. Há em sua natureza um pendor para o mal, uma força á qual, sem auxilio, não poderá ele resistir." – *Educação*, pág. 29.

Por causa do pecado de Adão, "nossa natureza se acha decaída, e não podemos tornar-nos justos". – *Caminho a Cristo*, pág. 62.

Devido ao fato de nosso problema de pecado ir mais fundo do que simplesmente fazer coisas erradas, visto sermos pecadores desde o momento em que nascemos neste mundo de pecado, então a resposta para o problema do pecado deve ir mais fundo do que comportamento. Deus Se propõe começar tudo de novo. Ele nos oferece um novo nascimento, com uma natureza totalmente nova.

Jesus explicou a Nicodemos, em Seu sermão da meia-noite, àquele auditório de uma só alma que, a menos que haja um novo nascimento, não temos esperança de ver jamais o reino dos Céus. O primeiro nascimento de nada vale para a vida eterna – é preciso seguir-se um segundo nascimento. A boa nova de salvação é que, por causa de Jesus, podemos receber nova natureza e, ao compartilhar Sua natureza divina, podemos escapar da corrupção do mundo pecaminoso no qual nascemos.

Deus não nos atribui responsabilidade por termos nascido pecadores.

Um dia, na Califórnia do Sul, um guarda rodoviário me fez parar no acostamento da estrada. Acontece que, exatamente naquele trecho, a rodovia estava em construção, o que era a causa da dificuldade. Eu estivera dirigindo na faixa errada, mas não me dera conta disso, porque a faixa de sinalização estava coberta de sujeira. Embora eu estivesse ciente da lei quanto à obrigação de dirigir na minha própria faixa, não percebi que a estava transgredindo naquela ocasião.

O oficial que me multou era de opinião que a ignorância não serve como desculpa. Mas eu entendia que era uma boa desculpa! Assim, em lugar de pagar a multa, apelei ao tribunal. Felizmente, o juiz viu a coisa segundo minha perspectiva e anulou a multa.

Quem você acha que estava certo, o juiz ou o patrulheiro rodoviário? Acha que a transgressão por ignorância é uma escusa legítima, ou não? Como considera Deus nossa ignorância, em termos de manter-nos sob a responsabilidade por quebrar Sua lei?

Poderíamos estudar várias passagens bíblicas para descobrir a resposta a esta pergunta. **Ezequiel 18:20** declara: "A alma que pecar, essa morrerá: o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este." Em **S. João 15:22** Jesus disse: "Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas agora não têm desculpa do seu pecado." E novamente em **S. João 9:41**: "Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado."

Já se perguntou por que levou tantos anos até que Jerusalém fosse destruída após Jesus ter vindo e falado à nação judaica, deixando-a sem desculpas? Por que não desceu fogo do céu na manhã da ressurreição e destruiu aqueles que assassinaram o Filho de Deus?

O livro *O Grande Conflito* apresenta duas razões: Primeiro, nem todos haviam ouvido, mesmo entre os adultos. Segundo, as crianças: "Muitos havia ainda entre os judeus que eram ignorantes quanto ao caráter e obra de Cristo. E os filhos não haviam gozado das oportunidades nem recebido a luz que seus pais tinham desprezado. Mediante a pregação dos apóstolos e de seus cooperadores, Deus faria com que a luz resplandecesse sobre eles; ser-lhes-ia permitido ver como a profecia se cumprira, não somente no nascimento e vida de Cristo, mas também em Sua morte e ressurreição. Os filhos não foram condenados pelos pecados dos pais; quando, porém, conhecedores de toda a luz dada a seus pais, os filhos rejeitaram mesmo a que lhes fora concedida a mais, tornaram-se participantes dos pecados daqueles e encheram a medida de sua iniquidade." – Págs. 28, 29.

Não é bom sabermos que o Juiz de toda a Terra leva em consideração nossa ignorância de Sua lei, antes de pronunciar sentença sobre nós? Mesmo que sejamos pecadores por nascimento, Ele não nos imputa responsabilidade por nossa condição até que tenhamos suficiente luz e oportunidade para o arrependimento.

Temos pelo menos três problemas com o pecado, neste mundo. O primeiro é o problema da natureza pecaminosa com que nascemos. O segundo é o problema de nosso pecaminoso registro de vida, nossos pecados que cometemos no passado. O terceiro é o problema de nossos pecados no presente. Às vezes as pessoas fazem a idéia de que se parássemos de pecar no presente, e nunca mais

falhássemos ou pecássemos, então não mais precisaríamos de Jesus. Mas enquanto aqui estivermos, necessitaremos de Sua graça justificadora para cobrir nossos pecados passados e nossa natureza pecaminosa.

Por outro lado, alguns acham que algo precisa ser feito para expiar nossa natureza pecaminosa e, crendo que somos pecadores por nascimento, julgam necessário, batizar as criancinhas a fim de superar esse problema. **Agostinho** ensinou o que às vezes se chama a doutrina do **pecado original**, conquanto fosse mais apropriado chamá-lo de "culpa original". Ele cria na condição pecaminosa do homem quando do nascimento – e também cria que somos considerados responsáveis por tal condição.

Mas Deus jamais nos considera responsáveis por nossos pecados – seja no que respeita a nossa natureza pecaminosa, nossos pecados passados ou nossos pecados presentes – até que compreendamos duas coisas: Primeiro, o que é pecado, e, segundo, o que fazer a respeito. Somente então entra em cena a responsabilidade.

Deus não está empenhado em ver quantas pessoas Ele pode manter fora do Céu. Ao contrário disso, devido a Seu grande amor, Ele está fazendo tudo quanto um Deus de amor pode fazer para tornar possível que cada um ali esteja. A solução para a natureza pecaminosa, a pecaminosidade passada, o pecar no presente, é provida por Sua graça.

TESE 10

Pecamos porque somos pecadores. Não somos pecadores porque pecamos.

Um grupo de estudantes de medicina recebeu um cadáver para estudar durante seu curso de medicina. Reuniram-se no salão onde estava o cadáver e trocaram idéias sobre o problema que tinham diante de si.

"Ele parece horrivelmente pálido", frisou o primeiro estudante.

"E fica aí parado, sem fazer nada", acrescentou o segundo.

"Estou certo de que não pratica exercícios suficientemente para manter-se saudável", observou o terceiro.

"Creio que nosso primeiro objetivo deve ser fazê-lo movimentar-se por aí para melhorar sua circulação", concluiu o quarto. Assim, tentavam convencer o cadáver a se mexer, mas este apenas permanecia inerte sobre a mesa, frio e sereno, sem perturbar-se com o que dissessem ou fizessem.

Bem, esta é uma ilustração! Certamente já o perceberam! Mas empregando essa analogia um tanto tétrica, permita-me reformular a tese 10: "Um cadáver jaz sobre a mesa porque está morto. Ele não está morto porque jaz sobre a mesa." O comportamento típico de um cadáver ocorre como resultado de estar sem vida – não é a causa da morte.

Espiritualmente, nascemos mortos. Paulo fala em **Efésios 2:1** sobre estar "mortos em vossos delitos e pecados". Os atos pecaminosos que pessoas pecadoras cometem são apenas o resultado dessa condição, não a causa. Não estou tentando dizer que pecar não é pecaminoso! Estou argumentando que pecar não é o que nos torna pecadores. Se você pudesse parar todo comportamento pecaminoso exatamente agora, isso o tornaria justo? Não, apenas o tornaria bem comportado.

O Desejado de Todos as Nações, pág. 21, declara: "O pecado originou-se na busca dos próprios interesses." Pense nisso por um momento. Lúcifer havia sido honrado mais do que todos os

anjos celestiais. Ele era o mais elevado dentre os seres criados. Mas em lugar de continuar buscando ao Senhor, em vez de manter-se em comunhão com Ele, em vez de ter como maior alvo a glória e honra de Deus, Lúcifer começou a visar a sua própria glória. O pecado não começou com Lúcifer roubando maçãs da árvore da vida. Começou com sua busca de glória e interesse próprio, e a glorificação da criatura em lugar do Criador.

É uma lei universal, que se torna impossível procurar a glória de Deus e nossa própria glória ao mesmo tempo. O primeiro dos três anjos de Apocalipse 14 vem com uma mensagem a toda nação, tribo, língua e povo: "Temei a Deus e dai-Lhe glória." Verso 7. A obra do evangelho não tem lugar para a glória do homem. **Justificação pela fé "é a obra de Deus ao lançar a glória do homem no pó e fazer pelo homem aquilo que ele por si mesmo não pode fazer"**. – *Testemunhos Para Ministros*, pág. 456. Adorar a nós próprios em lugar de Deus é a causa de todos os pecados que se seguem.

A pesara que tem força de vontade talvez seja capaz de controlar seu comportamento. Mas nem mesmo o mais forte pode mudar sua condição pecaminosa. "É-nos impossível, por nós mesmos, escapar ao abismo do pecado em que estamos mergulhados. Nosso coração é ímpio, e não o podemos transformar." – *Caminho a Cristo*, pág. 18.

Qualquer mudança exterior que possamos realizar, separadamente de Cristo, resultará apenas na exaltação de nossa própria glória, e na redução a pó, da glória de Deus. E terminamos, mais do que nunca, longe da vida em Cristo, que é oferecida mediante relacionamento e comunhão com Ele.

Um cadáver pode ser lavado, penteado, e vestido com as roupas mais finas. Pode não ser culpado de cometer uma só coisa errada.

Pode até ser levado para uma igreja. Mas ainda é um cadáver! Somente vida nova partindo do interior, dada por Deus, pode operar a mudança da morte para a vida. A nova vida é recebida mediante relacionamento com Ele. "A lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte." Romanos 8:2.

TESE 11

**Pecado (singular) – o viver longe de Deus,
resulta em
pecados (plural) – praticar coisas erradas.**

Há uma diferença entre pecado, no singular, viver longe de Deus, e pecados no plural, fazer coisas erradas. O viver separado de Deus é a base do pecado; as más ações que muitas vezes denominamos pecado são somente o resultado de nossa condição pecaminosa.

Às vezes vemos a coisa ao invés. Pensamos que fazer coisas erradas é o que nos separa de Deus. Mas a verdade é que separação de Deus é que nos leva a fazer coisas erradas. Pecado, singular, conduz a pecados, plural.

Consideremos Salomão. Evidentemente ele começou sua regência com coração em perfeita sintonia com Deus. Mas, ao se passarem os anos, deu-se uma mudança. "Sendo já velho, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era de todo fiel para com o Senhor seu Deus, como fora o de Davi, seu pai." I Reis 11:4.

Que aconteceu com Salomão? Começou ele a fazer coisas erradas, e persistiu em praticá-las até que seu coração não mais era perfeito? Não, foi exatamente o contrário. Essa descrição de sua

decadência é encontrada nos Comentários de Ellen G. White do *SDA Bible Commentary*, vol. 2, pág. 1.301:

"Todos os pecados e excessos de Salomão podem ser acompanhados **até a origem de seu grande erro em cessar de depender de Deus para obter sabedoria**, e andar em humildade perante Ele."

O mesmo foi verdade quanto a Eva. **Alguns têm pensado que ela caiu porque comeu o fruto** – Quando o certo é que ela comeu o fruto porque havia caído. A certa altura, antes que ela estendesse a mão para apanhar o fruto, tinha chegado a desconfiar de Deus e a depender dela somente. A ação que se seguiu foi somente o resultado.

Pode levar tempo para alguém que esteja vivendo separado de Deus chegar à condição de cometer pecado aberto. Levou tempo para Salomão. Pode também levar tempo para alguém que esteja buscando a Deus, e um relacionamento com Ele, experimentar vitória ininterrupta. É possível estar buscando a Deus e ainda estar crescendo em termos de comportamento. Mas, no final, a condição do coração para com Deus é o fator decisivo para a vida exterior, tanto quanto para a interior.

Se o pecado (viver a vida longe de Deus) é a causa dos pecados (fazer coisas erradas), então de onde derivam os pecados quando estamos buscando um relacionamento com Deus dia após dia?"

O Desejado de Todas as Nações, pág. 668, responde a essa pergunta numa sentença: "Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, nossa vida será de contínua obediência."

Mesmo quando O estamos buscando dia após dia, podemos ainda não conhecê-Lo como é nosso privilégio fazê-lo. Assim, pode haver ocasiões em que desviemos dEle os olhos por um momento.

Pode haver ocasiões em que deixemos de depender dEle e confiemos em nós próprios novamente. E quando o fizermos, falharemos. Mas ao prosseguirmos em busca dEle, Ele nos conduzirá, a ponto de nEle confiarmos por todo o tempo, de modo a que nosso comportamento também seja correto.

TESE 12

Quem quer que viva sua vida separado de Deus, está vivendo em pecado.

Se a questão real do pecado jaz na área do relacionamento, em lugar de no comportamento, então, quem quer que viva vida separadamente de Deus, está vivendo em pecado. De fato, mesmo as "boas" obras, que são realizadas independentemente de um relacionamento de fé com Deus, são pecaminosas. "Tudo o que não provém da fé é pecado." Romanos 14:23. E, quando Jesus descreve a obra do Espírito Santo para convencer do pecado, Ele diz: "Do pecado, porque não crêem em Mim." S. João 16:9.

Em nossa tentativa de apreender esta verdade, consideremos o gramado da viúva. Suponhamos que uma viúva more do outro lado da rua, em frente da minha casa, e que todo domingo, à tarde, eu apare sua grama. Esta é uma boa ou má ação? Bem, provavelmente seja uma boa ação no que concerne à minha vizinha. Mas que dizer sobre meu próprio coração? Esta tese insistiria em que mesmo aparar a grama da viúva seria pecaminoso se eu estou vivendo à parte de Deus.

Um ateu pode decidir aparar a grama do vizinho. Isto o tornaria um cristão? Alguém que é simplesmente um bom membro de igreja, que não pensaria em fazer nada errado, mas que não tem tempo para oração pessoal, e estudo e comunhão com Deus dia a dia, poderia

aparar a grama da viúva. Mas se a ação é praticada à parte de uma relação vital com Deus, o coração está errado, e assim a ação se torna pecaminosa para ele também.

Por exemplo, eu poderia estar aparando a grama da viúva porque desejo que os vizinhos me julguem uma boa pessoa. Ou poderia estar aparando a grama porque estou tentando expiar algum pecado passado em minha vida. Poderia estar aparando a grama da viúva porque ouvi dizer que ela tem uma boa reserva financeira e estou esperando que se lembre de mim no seu testamento. Separadamente de Deus, os meus motivos serão egoístas, e qualquer ação que praticar, boa ou má, exteriormente, será pecaminosa.

É possível que a mais agradável aparência exterior acoberte o pior tipo de pecado. O Universo se tem, por séculos, admirado da maneira como muitas vezes o mais fraco e mais deficiente termina mais próximo de Deus, enquanto o mais forte e mais bem comportado O rejeita completamente.

Dentre os discípulos, aquele que seria mais provavelmente visto como o que faria sucesso, terminou sendo o que traiu a Jesus. Os líderes religiosos de seus dias o rejeitaram e crucificaram, enquanto os publicanos, prostitutas e ladrões tomaram-se Seus firmes seguidores.

"O tentador freqüentemente opera com muito êxito por meio daqueles de quem menos se suspeita estarem sob o seu domínio. ... Muito homem de intelecto culto e maneiras agradáveis, que se não rebaixaria ao que comumente é considerado um ato imoral, não passa de instrumento polido nas mãos de Satanás." – *O Grande Conflito*, pág. 509.

E *Caminho a Cristo*, pág. 55, nos diz: "O amor da influência e o desejo da estima alheia poderão determinar uma vida bem

ordenada. O respeito próprio poderá levar-nos a evitar a aparência do mal. Um coração egoísta poderá praticar ações generosas."

Se o coração é pecaminoso, uma vida bem ordenada pode ser um engano ainda maior. O que é mais perigoso: uma garrafa marrom escura debaixo da pia, com a gravura de um crânio e duas tíbias no rótulo, e veneno no interior, ou uma garrafa no refrigerador com a marca "7-Up" com veneno dentro?

Você está vivendo em pecado hoje? Faz pouca diferença se é fraco e deficiente ou se é um fariseu dos fariseus, como Paulo, antes que se encontrasse com Jesus na estrada de Damasco. O caminho para a liberdade do pecado – seja esse pecado manifesto em "bom" comportamento ou "mau" comportamento – é ir a Jesus para obter salvação, e continuar indo a Ele. Somente Jesus pode conduzir-nos do pecado para a justiça.

FÉ

TESE 13

A melhor definição de fé é confiança. Confiança é depender de outro.

Talvez tenha ouvido a história do malabarista que andava sobre a corda bamba por cima das Quedas de Niágara. Após ter deixado

multidões embevecidas com seu feito, perguntou: "Quantos de vocês acreditam que desta vez eu posso atravessar novamente sobre a corda empurrando um carrinho de mão com alguém sentado dentro?"

A multidão aplaudia. Todos estavam certos de que ele poderia fazê-lo. Então, continuou: "Quem quer ser o voluntário e entrar no carrinho de mão?" Fez-se um profundo silêncio! O auditório havia acabado de ser lembrado da diferença vital entre crença e confiança! Uma coisa é crer que o carrinho atravessaria com toda segurança o abismo. Outra, bem diversa, é pôr a própria vida numa corda bamba.

S. Tiago 2:19 estabelece a mesma distinção: "Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem, e tremem." A fim de desenvolver fé salvadora, você precisa mais do que assentimento mental. Até mesmo os demônios têm crença desse nível; e tremem, em resultado disso. Os demônios crêem – mas não confiam. E essa é a diferença crucial.

Três palavras descrevem a relação de dependência do cristão para com Deus: *fé, crença, e confiança*. No uso moderno, *crença* muitas vezes traz consigo a idéia de mero assentimento mental. *Fé* é, às vezes, confundida com pensamento positivo. Mas a palavra *confiança* provavelmente seja a que mais se aproxime em descrever a dependência bíblica de Deus. Onde quer que encontre a palavra *crença* ou *fé* na Escritura, pode substituir pela palavra *confiança*, e talvez obtenha uma nova dimensão de palavras familiares. Por exemplo, "Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo." (Atos 16:31) poderia ser assim redigido: "*Confia* no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo."

Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 389 declara: "A fé abrange não só a crença mas também a confiança."

E *Educação*, página 253: "A fé é a confiança em Deus."

Fé é dependência de Outro. E, provavelmente, a palavra mais próxima de submissão encontrada na Bíblia; pois traz consigo a idéia de entregar a vida ao controle de Deus.

Os grandes empreendedores não gostam da idéia de dependência. Pode parecer assustador pensar em colocar-se sob o controle de outrem. Pode ser um golpe ao orgulho e auto-suficiência humanos, permitir que algum outro dite as regras. Mas "sem fé é impossível agradar a Deus" (Hebreus 11:6) – ou, "sem *confiança* é impossível agradar a Deus". Somente quando renunciamos a nossa própria vontade e modo de pensar, e confiamos totalmente em Seu poder para salvar, Deus pode realizar Seu propósito em nossa vida.

Assim como as crianças trazem seus brinquedos quebrados,

Com lágrimas, para que os consertemos,
Levei meus sonhos despedaçados para Deus
Porque Ele era o meu Amigo.

Mas então, em vez de deixá-Lo
Em paz, a trabalhar sozinho,
Fiquei por perto, procurando ajudar
Por maneiras que me eram próprias.

Finalmente, os tomei de volta, e exclamei:
"Como podes ser tão vagaroso?"
"Meu filho", disse Ele, "que podia Eu fazer?
Tu nunca os soltaste."

A fé ou confiança genuína é totalmente dependente, totalmente vulnerável. O raciocínio, ou entendimento, ou lógica humana podem ir até certo ponto, e então temos que partir para aquilo que não pode ser provado, exceto por experiência. Os teólogos, se têm referido, às vezes, a esta verdade, como o "salto da fé".

Mas confiança em Deus não é um salto no escuro. Ele nos tem dado evidências suficientes em que basear nossa confiança nEle. Em S. Mateus 15, encontramos a história da mulher siro-fenícia. Ela veio em busca de Jesus, que havia percorrido 80 quilômetros além de Seu roteiro a fim de que sua busca fosse recompensada. Encontrá-Lo caminhando pelas poeirentas estradas de seu próprio país, deve tê-la encorajado a crer. Mas quando Lhe levou o seu pedido, Ele parecia ignorá-la. Ela persistiu, e Ele parecia insultá-la. Contudo, havia evidência bastante em Seu olhar, tom de voz e maneira de agir, para encorajá-la a confiar nEle, a despeito das aparências; e ela persistiu, até que sua fé foi recompensada. A resposta veio ao continuar ela confiando nEle.

TESE 14

Conhecer a Deus resulta em confiar em Deus. Se você não O conhece, não irá confiar nEle. Se você não confia nEle, então não O conhece.

Duas coisas apenas são necessárias para se confiar em alguém. Primeiro, você deve encontrar alguém que seja digno de confiança. Segundo, você precisa conhecê-lo. O oposto disso é também verdadeiro. A fim de não confiar em alguém, tudo quanta precisa fazer é encontrar quem não seja digno de confiança – e então passar a conhecê-lo.

Certo verão, quando estava no curso ginásial, trabalhei num posto de gasolina, e aprendi a desconfiar de postos de gasolina! As pessoas com as quais eu trabalhava naquele verão, tinham muitas maneiras de se aproveitar de clientes desatentos. Uma delas era torcer a correia do ventilador até quebrá-la – e então a levavam ao cliente, dizendo: "Veja, descobri que sua correia de ventilador está quebrada. Foi sorte ter verificado isso, não?" Então ficavam com a comissão pela venda da correia de ventilador nova. Outra, era "trocar" o óleo de um carro, enchendo o cárter com óleo retirado de outro carro, e assim ganhar o dobro pelo óleo. Não eram dignos de confiança, e eu os fiquei conhecendo. Desde esse tempo, tenho desconfiado de serventes de postos de gasolina.

Certa vez, parei num posto de gasolina para abastecer. O homem chegou até minha janela, com uma correia de ventilador na mão. Eu disse: "Você a quebrou, agora trate de repô-la." Ele ficou chocado. "Que quer dizer?" Expliquei: "Já trabalhei em posto de gasolina." "Oh!", disse ele. E substituiu minha correia de ventilador sem cobrar nada.

Agora, é inteiramente possível que em alguma parte do mundo haja serventes de posto de gasolina honestos. Mas, a fim de confiar num deles, novamente, teria que conhecê-lo bem. Um relacionamento casual não seria suficiente. Ele não só teria de ser digno de confiança, mas eu teria que tomar tempo bastante para conhecê-lo bem e nele confiar.

A Bíblia declara que Deus é digno de confiança. Mas você jamais confiará realmente nEle até que O conheça por você mesmo.

Já fizemos notar o pensamento profundo de *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 668: "Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, nossa vida será de contínua obediência."

Acrescente-se a isso uma linha de *Caminho a Cristo*, pág. 61: "A obediência é fruto da fé." Se você precisa conhecer a Deus a fim de obedecer, e se obediência deriva da fé, então você precisa conhecer a Deus a fim de ter fé ou de confiar nEle.

Às vezes, esquecemo-nos dessa verdade, e nos envolvemos no combate ao pecado e ao demônio. Tentamos a muito custo obedecer, e falhamos e fracassamos vez após vez. É verdade que somos chamados para um combate – mas é essencial tornar-nos envolvidos no combate certo. "Combate o bom combate da fé", declara I Timóteo 6:12. Como combatemos o bom combate da fé? Exercendo o esforço necessário para chegar a conhecer a Deus de modo que nEle confiemos.

Como chegamos a conhecer a Deus? Do mesmo modo como chegamos a conhecer qualquer outra pessoa. A fim de nos relacionarmos com alguém, são necessárias três coisas. Primeiro, falar com ela. Segundo, ouvi-la ao lhe dirigir a palavra. E, terceiro, ir a lugares e realizar coisas junto com ela. Estes são os ingredientes da comunicação.

TESE 15

Fé é um fruto do Espírito, não um fruto da pessoa. Não é algo em que a gente trabalhe ou que a gente desenvolva.

Se estiver interessado em produzir seja o que for, de maçãs a pepinos, por onde começará? Já trabalhou num jardim ou numa horta? Sabe como se faz? Não é necessário ser um especialista em agricultura para reconhecer que certas coisas "causam" e certas outras coisas "resultam". E se desejar ter êxito em seu jardim ou horta, não se empenhará em resultados não é mesmo?

Que bênção não seria, se pudéssemos ver a diferença entre causa e resultado de modo tão claro em nossa mente, no que tange a crescimento espiritual! Quantos de nós despendemos anos e grandes esforços, tentando produzir resultados – trabalhando sobre resultados! Paulo alista os frutos vistos na vida cristã. E note que são frutos do Espírito, não da pessoa: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei." Gálatas 5:22 e 23.

A Escritura sempre apresenta a fé como um fruto, ou dom, ou resultado. Nunca é nosso trabalho.

Romanos 12:3 declara que Deus deu a cada um a medida da fé. **Romanos 10:17** diz que a fé vem pelo ouvir, e ouvir a Palavra de Deus. A fé sempre vem em resultado de algo mais. Você não pode trabalhar para produzi-la. Você não age sobre os frutos. Antes, empenha-se naquilo que produz o fruto. Você não trabalha por um dom. Em vez disso, empenha-se em ir à presença do Doador e aceita o dom concedido.

"Homem algum pode criar fé. O Espírito que opera na mente humana e a ilumina produz fé em Deus." – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 940.

E fácil confundir fé com sentimento, tentar pôr a fé em operação, fazendo entrar em ação o sentimento. Quando acha mais fácil crer que Deus responderá suas orações: quando crê que Ele o fará, ou quando está seguro de que o não fará? Quando é que tem mais fé na promessa de Deus em perdoar os pecados que Lhe haja confessado: quando se sente perdoado, ou quando se sente esquecido? Sua fé parece firme quando as coisas estão correndo às mil maravilhas, ou quando o teto afundou e você está defrontando provas e aflição?

É-nos dito que "sentimento não é o mesmo que fé; são duas coisas distintas". – *Primeiros Escritos*, pág. 72. E este se torna outro argumento por que jamais podemos trabalhar nossa fé. E possível trabalhar nossos sentimentos. Você pode pôr para tocar o tipo adequado de música; pode deixar-se levar pela eloquência de alguém que esteja tentando despertar algum entusiasmo; pode ser afetado pelas luzes certas ou pela disposição de pessoas ao seu redor. Por trabalhar com as multidões da maneira precisa, é possível despertar tremendos sentimentos. Mas após as luzes se apagarem e as pessoas retornarem para casa, e você ser deixado sozinho, o que sucede? Pode terminar sentindo-se pior do que antes. Já lhe ocorreu isso alguma vez? Milhões em nosso mundo hoje vivem de um pique emocional para outro, gastando sua vitalidade numa louca busca de algo que lhes soerga o espírito e os ajude a esquecer que a última coisa que tentaram não durou muito.

O inimigo tem controlado o mundo com tanto êxito, nessa base, que ainda emprega isto como uma de suas melhores ferramentas dentro da igreja. Quando alguém toma a decisão de ir a Jesus para encontrar a felicidade duradoura que Ele tem para oferecer, o inimigo se aproxima e diz: "Você quer ir a Jesus? Bem, é melhor então arruinar sua vida para que Ele possa aceitá-lo." Ele faz com que essa pessoa tente produzir os resultados, e a mantém afastada de Jesus, enquanto esta tenta em vão tornar-se justa por conta própria. Mas então ouve sobre justificação pela fé. Parece bom. E ao decidir aceitá-la, o inimigo chega com outro estratagema, dizendo: "É verdade, a justificação vem pela fé. Não opere sua justiça; opere sua fé." E isso pode ser simplesmente outra barreira entre o pecador e o Salvador.

A verdade é que você não opera sua justiça – nem sua fé. Ambas as coisas são dons. Ambas são frutos. Ambas ocorrem como

resultado de conhecer a Jesus. E conhecer a Jesus vem em resultado de passar tempo em comunhão e íntima relação com Ele. Se for a Ele, o Senhor lhe dará a fé genuína de que carece. O primeiro subproduto de buscar a Jesus é fé genuína. A justiça vem em segundo lugar.

TESE 16

Pensamento positivo não produz fé genuína, mas a fé produzirá pensamento positivo.

Huss e Jerônimo foram heróis nos anos da Reforma. Trabalharam na Boêmia, e o testemunho deles precedeu ao de Lutero na Alemanha. Os escritos de Wycliffe influenciaram a ambos. Não muito depois que João Huss começou a pregar o evangelho com grande poder, teve a companhia de Jerônimo, que estivera na Inglaterra.

Ao se tornar mais conhecida a pregação de João Huss, foi ele convocado a ir a Roma, prestar contas de seus ensinamentos. Huss obteve um salvo-conduto, mas, após sua audiência, foi lançado na prisão da mesma forma. Tendo recebido oportunidade de retratar-se, recusou fazê-lo, e após se passarem muitas semanas, foi queimado na estaca. Seus perseguidores espalharam-lhe as cinzas sobre o Reno e esperavam, em vão, que lhe tivessem silenciado a voz.

Quando Jerônimo ouviu que seu amigo corria perigo, apressou-se a ir a Roma, sem esperar sequer pelo salvo-conduto, que se revelara tão ineficaz no caso de Huss. Ao chegar, foi também lançado na prisão, e ali mantido por muitos meses. Sua coragem vacilou, e aceitou a oportunidade para retratação.

Descobriu então, uma coisa impressionante. Há algo pior do que ser queimado na estaca! Trata-se de não ser queimado na estaca

– viver com o remorso de ter negado o Senhor. Jerônimo retratou-se de sua retratação, e partiu cantando para a morte. Quando o carrasco se aproximou dele por trás, para acender a fogueira, bradou: "Venha com ousadia para minha frente; aplique o fogo perante minha face. Se eu tivesse temor não estaria aqui."

A história de Huss e Jerônimo tem muito a nos ensinar sobre fé genuína. Há uma pseudofé, popular hoje em dia, tanto no mundo quanto na igreja, que não é fé de maneira alguma, mas pensamento positivo. Leva-o a crer que a fé consiste meramente em crer que aquilo que você deseja vai acontecer, que se puder encontrar alguma coisa nas Escrituras que se pareça com uma promessa, pode reclamá-la como sua. Frank Sinatra canta sobre esse "pensamento positivo" em sua música "I Did it My Way" [Fi-lo a meu modo]. Mesmo dentro de nossa igreja você pode encontrar a versão de fé "pensamento positivo" proclamando: "Você pode consegui-lo."

Mas a posição bíblica é de que nem toda promessa é para você neste tempo e sob estas circunstâncias. Se reivindicar promessas é tudo de que precisamos para libertação, então Huss e Jerônimo fracassaram fragorosamente. Isaías 43:2 tem uma maravilhosa promessa que poderiam ter reivindicado: "Quando passares pelas águas eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti." Mas Huss e Jerônimo foram para a estaca – não porque deixassem de exercer fé, mas devido a sua fé.

A fé ainda confia em Deus mesmo quando as coisas não se passam do modo como gostaríamos. É fácil confiar em Deus quando a vida marcha suavemente. O teste real da fé se dá quando nossas orações parece não terem resposta. "O Senhor deseja que confieis em Seu amor e misericórdia em meio a nuvens e escuridão, tanto quanto sob o brilho do sol." – *Testimonies*, vol. 2, pág. 274.

Em nossa humanidade, não podemos evitar de preferir a história de Daniel na cova dos leões ao relato de João Batista. Achamos difícil de compreender quando lemos que "entre todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a comunhão com Cristo em Seus sofrimentos é o que traz maior peso de esperança e mais elevada honra." – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 478.

Gostamos da primeira parte de **Hebreus 11**, o capítulo da fé, mas temos dificuldade com a parte final. Contudo, essa última parte continua lá. Tem-na lido ultimamente? Após os luminosos relatos do livramento que Deus operou em favor de Seu povo em várias situações críticas, prossegue falando de "outros". Nunca se esqueça dos outros!

Versos 35-39: "Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra. Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé *não* obtiveram, contudo, a concretização da promessa." (Ênfase acrescentada).

As promessas espirituais – de perdão do pecado, do Espírito Santo, de poder para realizar o trabalho dEle – sempre estão disponíveis. Mas as promessas de bênçãos temporais, mesmo para a própria vida, são concedidas em certas ocasiões e retiradas noutras, segundo Deus julgue melhor em Sua providência. Está disposto a contar-se entre os "outros" se Deus o chamar a unir-se a eles no mais profundo teste de fé?

SUBMISSÃO

TESE 17

Submissão é renunciar a nós próprios, não o abandono de nossos pecados. Renunciar a nossos pecados é resultado de renunciar a nós mesmos e buscar a Deus.

Já tomou alguma decisão de final de ano? Alguns de nós tomamos resoluções não só no fim do ano, mas no primeiro dia do mês, no primeiro dia da semana, na data natalícia, no começo do ano letivo, e toda vez que mudamos para outra cidade!

Justiça por meio de resolução! "De agora em diante eu...", ou "Desse momento em diante não..." Já passou por isso? Já se viu frustrado por perceber que isso não funciona?

Estamos falando sobre submissão nas poucas teses seguintes, e um dos primeiros princípios básicos da submissão é que se não incluir tudo não é absolutamente submissão. A submissão vai muito além de desistir deste ou daquele mau hábito. E mesmo dizer que precisamos renunciar a "tudo" pode ser confundido. Pois submissão não é de modo algum questão de *coisas*. A única maneira em que podemos renunciar a tudo é renunciar a nós próprios. A renúncia própria é a base da submissão.

Quando as forças do Eixo se renderam, ao findar a Segunda Guerra Mundial, a que renunciavam? Apenas a suas armas e munições? Apenas a seus tanques e granadas de mão? Apenas a seus uniformes e suprimentos? Ou foram obrigados a renunciar a si mesmos? E quando se renderam, isso automaticamente abrangia armas, bombas, tanques e tudo o mais.

A submissão não pode ser feita a prestação. Não existe essa espécie de submissão parcial. Não é possível submeter-se parcialmente tanto quanto não existe possibilidade de se estar ligeiramente grávida. Ou está, ou não está. Não há meio-termo.

Se estudar o que os escritos inspirados para a igreja têm a dizer, descobrirá que o faz em termos de tudo ou nada.

- Cristo exige submissão integral e sem reservas. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 110.
 - Submissão incondicional. Ver *Testimonies*, vol. 4, pág. 120.
 - Renúncia completa. Ver *A Ciência do Bom Viver*, pág. 473.
- E a lista vai longe.

Quando falamos sobre submissão, estamos empregando um termo não encontrado na versão bíblica Almeida, conquanto a idéia de submissão ali se encontre. "Sujeitai-vos portanto a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (S. Tiago 4:7) é um exemplo que oferece importante pista sobre o que está envolvido em submissão completa, integral e sem reservas. Como observamos, não somente renunciamos a certas coisas. Submetemo-nos a nós próprios. E no processo de renunciar ou sujeitar o eu, quaisquer problemas que o eu haja causado são automaticamente submetidos junto com todo o pacote.

Testimonies, vol. 9, págs. 182 e 183 apresenta-o nos seguintes termos: "Cada um terá uma renhida luta para vencer o pecado em seu próprio coração. Isto algumas vezes é uma obra muito dolorosa e desanimadora; porque, ao constarmos as deformidades de nosso caráter, continuamos a vê-las, quando deveríamos olhar para Jesus e revestir-nos com o manto de Sua justiça. Todos quantos se adentrarem pelos portões de pérola da cidade de Deus, ali

penetrarão como vencedores, e sua maior conquista terá sido a vitória sobre o eu."

Submissão e fé estão intimamente relacionadas. Somente quando confiamos em Deus e nos submetemos, ou renunciamos a nós próprios, em Seu favor, dEle estaremos dependendo, antes que de nós próprios. Ao nos submetermos a Ele, permitimos-Lhe o controle. Ele pode então operar em nós o querer e o realizar segundo o Seu beneplácito.

TESE 18

Empenhar-nos em renunciar a nossos pecados, pode impedir-nos de renunciar a nós próprios.

Suponhamos que você decida dar estudos bíblicos a alguém. Você vai até o pastor e pede-lhe que indique interessados com potencial de se tornarem membros da igreja. E ele diz: "Bem, de fato tenho duas famílias que solicitaram estudos. Você pode escolher a que preferir." E ele passa a descrevê-las.

A primeira é de um comerciante de êxito na cidade. Ele e a esposa gozam de excelente conceito na comunidade. A esposa realiza trabalho voluntário no hospital da cidade, enquanto o marido tem ligações com a política local. Seus filhos são bem disciplinados. A casa deles é muito limpa. Nenhum membro da família fuma ou bebe. Alguns anos atrás se interessaram por boa saúde e agora não só saem em exercício de "cooper", percorrendo oito quilômetros por dia, como são vegetarianos também. Na verdade, foi o interesse deles, com questões de saúde, que os levou a buscar informações sobre os adventistas do sétimo dia.

A segunda família vive no centro da cidade num pequeno apartamento em cima de um bar. Marido e esposa – talvez eu deva dizer o homem e a mulher, pois apenas vivem juntos – não são casados legalmente. Seja como for, o casal está desempregado; são sustentados pelo serviço social. O homem já cumpriu sentenças na prisão local por pequenos delitos mais de uma vez – acusado de posse de narcóticos, furtos, e coisas desse tipo. A mulher é alcoólatra, obesa e mãe de três filhos, cada um de pai diferente e nenhum deles relacionado com o atual "chefe da família". Poucas semanas atrás, o juizado de menores recolheu as crianças da casa temporariamente, acusando os pais de negligência e violência contra os menores. Essa situação gerou o contato inicial com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, pois a mãe deseja manter os filhos em seu poder, e diz que agora reconhecem que precisam de Deus, se quiserem pôr a vida em ordem.

Com qual dessas famílias gostaria de tornar-se envolvido? A escolha é sua! Qual dessas famílias julga que apresenta maior possibilidade de se tornar bons cristãos, bons adventistas do sétimo dia?

Lembro-me de ter visitado o marido alcoólatra de uma senhora que era membro da igreja. Ao tentar iniciar conversa, ele me encarou com olhos avermelhados, e disse: "Eu realmente admiro os adventistas. É necessário ser uma pessoa forte para ser adventista."

Você concorda com isso? Ou a pessoa fraca pode tornar-se bom adventista? Seria possível encher a igreja de pessoas fortes, que não pensariam em fazer algo errado, mas que nunca reconheceram sua necessidade de Cristo?

Para o diabo, não faz qualquer diferença se a pessoa se perde dentro ou fora da igreja. E um de seus esquemas para isolar-nos da

experiência genuína da submissão, é levar-nos a nos preocupar com os nossos pecados, tentar duramente viver vida correta.

Esforçar-se por renunciar seus pecados é um beco sem saída, seja você forte ou fraco. Se for forte, seu bom comportamento pode tornar-se uma barreira entre você e o Salvador. Se fraco, pode tornar-se tão desencorajado e dominado por suas falhas, que desistirá completamente.

"Não devemos olhar a nós próprios. Quanto mais nos demormos em nossas próprias imperfeições, menos força teremos para superá-las." – Ellen G. White, *Review and Herald*, 14 de janeiro de 1890.

A nação judaica ao tempo de Cristo demonstrava esse princípio. A igreja judaica estava repleta de pessoas fortes. Era necessário ser um homem forte para tornar-se um fariseu! Contudo, foram as pessoas fortes que rejeitaram a Jesus e, finalmente, O crucificaram.

As pessoas fracas na nação judaica estavam do lado de fora, condenadas como grandes pecadores. Os líderes as haviam excomungado, havia tempo, por suas falhas e pecados. Haviam perdido a esperança de um dia alcançar o Reino. Contudo, essas pessoas fracas se amontoavam em torno de Jesus, aceitavam Sua oferta de graça e se tornavam Seus seguidores mais fiéis.

Parece bastante desesperador para as pessoas fortes, não é mesmo? Devemos todos sair por aí e embebedar-nos, a fim de podermos reconhecer nossa necessidade? Ou todos nós, fortes ou fracos, reconhecemos uma vez mais que nosso comportamento nem nos salva nem causa nossa perdição? Todos precisam ir a Jesus para obter a salvação.

Você é uma pessoa forte? Assim era Paulo. Assim era Nicodemos. Você é fraco? Assim era Maria. Assim eram Pedro e Mateus. Assim era o endemoninhado. Todos tinham uma

necessidade comum, a de renunciarem a si próprios e virem a Jesus. Todos descobriram que Ele os aceitava quando vinham a Ele.

Ele aceitará também você hoje.

TESE 19

Ninguém pode crucificar-se a si mesmo, nem operar a própria submissão. Alguém deve fazê-lo em seu lugar.

Talvez uma das verdades mais difíceis de aceitar, na área da submissão, seja a de que não podemos submeter a nós mesmos! Se pudéssemos operar a submissão, não teríamos que nos submeter. Porque submeter-nos, ou renunciar a nós próprios, é o mesmo que admitir que nada podemos fazer. Inevitavelmente, portanto, a obra de levar-nos ao ponto de submissão deve ser de Deus. Não é algo que possamos fazer por nós mesmos.

Como já observamos, o diabo tem preparado atalhos a cada passo para aquele que se convence de sua necessidade de Cristo e decide vir a Jesus. Ele diz: "Você é um pecador e não tem justiça. E isso mesmo – vá operar sua justiça." E podemos gastar dias e anos inúteis, tentando produzir justiça através da força de vontade.

Então, ouvimos sobre a verdade de que a justiça procede somente da fé, e o diabo logo se apresenta para dizer: "É isso mesmo, você precisa de fé. Comece a operar sua fé. "

E após virmos a entender que a fé é um dom, não nossa própria obra, ele novamente nos encontra na última etapa de nossa ida a Cristo, que é a submissão, e assegura: "Muito bem, o que você precisa fazer agora é tentar arduamente chegar à submissão."

Às vezes os pais, professores e ministros, e outros líderes da igreja, já têm inconscientemente ajudado o diabo em sua campanha! Já participou de alguma reunião em que um pastor ou professor

convida o auditório a empenhar-se bastante na submissão? Já viu na frente do púlpito um pequeno altar sobre o qual há fogo aceso, e pedaços de papel sendo distribuídos pelo salão? Você escreve no pedaço de papel o pecado que deseja abandonar e o leva até a frente, colocando-o no fogo. Isso é submissão?

Já se perguntou como livrar-se de algum pecado em sua vida, tendo logo depois alguém chegado para você e ensinado que tudo quanto deve fazer é renunciar a ele? E você tenta isso. Pronuncia as palavras –"renuncio a minha desonestidade", ou "renuncio a meus maus pensamentos". Você *ora* proferindo essas palavras, mas percebe que a desonestidade e os maus pensamentos continuam a incomodá-lo.

A Bíblia emprega a analogia da crucifixão como símbolo da experiência de submissão. "Estou crucificado com Cristo", declarou Paulo. Gálatas 2:20. Jesus empregou o símbolo repetidas vezes, convidando Seus seguidores a tomarem sua cruz e segui-Lo. Ver S. Mateus 10:38; S. Lucas 14:27; S. Marcos 8:34. De fato, toda vez que Jesus falava de cruz, sempre Se referia à nossa cruz, nunca à Sua própria.

Pense por um minuto sobre a crucifixão. Como se consumou? É fácil lembrar, não é? Quantas vezes já não vimos os quadros e gravuras, e ouvimos sobre os pregos e a madeira rude! Mas observe um fato em particular. Você não pode crucificar-se a você mesmo. Alguém terá que fazê-lo por você. Se deseja matar-se, poderá fazê-lo de várias maneiras. Poderá colocar uma arma na cabeça e apertar o gatilho. Poderá saltar do alto de um edifício ou de alguma ponte elevada. Poderá tomar uma dose excessiva de pílulas para dormir, ou fechar-se na garagem com o motor do carro em funcionamento. As pessoas têm tentado todo tipo de método, com maior ou menor êxito. Mas ninguém jamais tentou o suicídio buscando crucificar-se.

O livro *Parábolas de Jesus* expressa isto da seguinte forma: "Ninguém se pode esvaziar a si mesmo do eu. Somente podemos consentir em que Cristo execute a obra." – Pág. 159.

Como permitimos que Cristo realize a obra? Isso envolve mais do que proferir somente as palavras, ou repeti-las em oração.

"Os lábios podem exprimir uma pobreza de espírito que o coração não reconhece. Ao passo que fala a Deus de pobreza de espírito, pode o coração ensoberbecer-se com a presunção de sua humildade superior e exaltada justiça. Só de um modo o verdadeiro conhecimento do próprio eu pode ser alcançado. Precisamos olhar a Cristo." – *Ibidem*.

Ao tomarmos a decisão de gastar tempo, dia após dia, contemplando a Cristo, ao convidá-Lo para realizar Sua obra em nossa vida, Ele nos conduzirá passo a passo ao ponto de submissão. A renúncia própria é possível somente quando Ele nos trazer até esse ponto.

TESE 20

Somos controlados por Deus ou por Satanás. O único controle que temos é escolher quem nos controlará.

Que tal responder a um breve teste? Marque somente uma resposta para cada pergunta:

1. Você é:
 - a) adepto do partido situacionista?
 - b) adepto do partido de oposição?
 - c) nenhum dos dois casos?
2. Você é:
 - a) um gênio?
 - b) um imbecil?

- c) nenhum dos dois casos?
3. Você é:
- a) Um milionário?
 - b) Um mendigo
 - c) nenhum dos dois casos?
4. Você é:
- a) lindo?
 - b) horroroso?
 - c) nenhum dos dois casos?
5. Você é:
- a) controlado por Deus?
 - b) controlado por Satanás?

Neste ponto, temos que interromper o padrão de nosso pequeno teste. Você pode ocupar todos os tipos de meios-terminos neste mundo. Pode ser indiferente a política, pertencer á classe média, ter inteligência mediana, ser moderadamente atraente. Mas quando se discute quem controla a sua vida, não há meio-termo. É. uma proposição de tudo ou nada.

"Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?" Romanos 6:16. Duas escolhas. Pecado para a morte. Ou obediência para justiça. Estas são as únicas escolhas.

Jesus o disse em S. Lucas 11:23: "Quem não é por Mim, é contra Mim; e quem comigo não ajunta espalha."

O livro *O Desejado de Todas as Nações* contém quatro referências principais que explicam esta verdade. Você poderá lê-las em sua inteireza por sua própria conta, mas citarei duas delas aqui.

"A menos que nos entreguemos ao domínio de Cristo, seremos governados pelo maligno. Temos inevitavelmente de estar sob o domínio de um ou de outro dos dois grandes poderes em conflito pela supremacia do mundo. Não é necessário que escolhamos deliberadamente o serviço do reino das trevas para cair-lhe sob o poder. Basta negligenciarmos fazer aliança com o reino da luz." – *Idem*, pág. 324.

"Toda alma que recusa entregar-se a Deus, acha-se sob o domínio de outro poder. Não pertence a si mesma. Pode falar de liberdade, mas está na mais vil servidão." – *Idem*, pág. 466.

Esta idéia às vezes torna as pessoas nervosas. "Mas, que dizer de nossa individualidade?", perguntam. "Se formos totalmente controlados por Deus, isso não eliminará nosso poder de escolha? Não nos tornaremos como marionetes?"

Na verdade, é a recusa em submeter-se ao controle de Deus o que nos torna marionetes e sacrifica nossa individualidade! Porque o controle de Deus traz consigo a liberdade de não mais ser controlado em qualquer ocasião. É o inimigo que segura firme aqueles sob o seu controle, recusando-se soltá-los.

Como seres humanos, somos instrumentos. **Romanos 6:13** declara que podemos ser instrumentos de justiça para Deus, ou instrumentos de injustiça para com o pecado. Nós cantamos – "Cristo, bom Mestre, eis meu querer: Tua vontade sempre cumprir." Mas ainda podemos recusar aceitá-la. Você é uma instrumentalidade? Um instrumento é controlado por alguém. Um machado não é bom ou mau por si mesmo. Pode cortar lenha para aquecer a casa no inverno, ou pode tirar a vida de alguém. Quem está controlando o instrumento é que decide. Um violino pode emitir sons maviosos ou barulho irritante, dependendo de quem o maneje.

Nós também somos instrumentos. Quem nos está controlando hoje?

TESE 21

A submissão da vontade é a submissão do poder de escolha, mas empregamos o nosso poder de escolha para o submeter. Renunciamos a nosso poder de escolha, tendo em vista o comportamento; conservamos nosso poder de escolha, tendo em vista o relacionamento.

Por favor, apanhe sua lente de aumento e junte-se a mim ao examinarmos atentamente ao livro *Caminho a Cristo*, pág. 47:

"Muitos indagam: 'Como devo eu fazer a entrega do próprio eu a Deus?' Desejais entregar-vos a Ele, mas sois faltos de poder moral, escravos da dúvida e dirigidos pelos hábitos de vossa vida de pecado. Vossas promessas e resoluções são como palavras escritas na areia. Não podeis dominar os pensamentos, os impulsos, as afeições. O conhecimento de vossas promessas violadas e dos votos não cumpridos, enfraquece a confiança em vossa própria sinceridade, levando-vos a julgar que Deus não vos pode aceitar; mas não precisais desesperar."

A primeira vez que li isto, disse: "Como a autora de *Caminho a Cristo* me conhece tão bem?" Mas a página tinha boas novas. Diz mais: "Não precisais desesperar. O que deveis compreender é a verdadeira força da vontade." – *Ibid.* "É assim mesmo", pensei. "Não tenho força de vontade suficiente. Não posso manter-me longe do recipiente de salgadinhos. Não consigo sair para praticar o 'cooper'. Não posso controlar meu temperamento. Preciso de mais força de vontade." E uma vez mais apelaria às promessas e resoluções como palavras escritas na areia para terminar exatamente onde havia começado. Era tão desanimador que, muitas vezes,

quando deparava novamente com a página 47, exclamava – "Oh! Isso de novo!" E saltava para a página 49!

Mas a explicação está implícita no contexto, se tomar tempo para realmente examiná-lo. "O que deveis compreender é a verdadeira força da vontade. Esta é o poder que governa a natureza do homem, o poder da decisão ou de escolha."

Então, o que vem a ser a vontade? O poder de escolha. Há uma grande diferença entre a vontade – o poder de escolha – e a força de vontade – domínio próprio ou "espinha dorsal". Então, substituamos "o poder de escolha", o sinônimo que o contexto oferece, pela palavra *vontade*.

"Tudo depende da reta ação da vontade. [Muito bem, substitua – Tudo depende da reta ação do poder de escolha.] O poder da escolha deu-o Deus ao homem; a ele compete exercê-lo. Não podeis mudar vosso coração, não podeis por vós mesmos consagrar a Deus as vossas afeições; mas podeis *escolher* servi-Lo. Podeis dar-Lhe a vossa vontade [Podeis dar-Lhe o vosso poder de escolha]; Ele então operará em vós o querer e o efetuar, segundo a Sua vontade. Desse modo toda a vossa natureza será levada sob o domínio do Espírito de Cristo..."

"Muitos se perderão enquanto esperam e desejam ser cristãos. Não chegam ao ponto de render a vontade a Deus [Não chegam ao ponto de render o poder de escolha a Deus]..."

"Mediante o conveniente exercício da vontade [poder de escolha], pode operar-se em vossa vida uma mudança completa. Entregando a Cristo o vosso querer, aliai-vos com o poder que está acima de todos os principados e potestades. Tereis força do alto para estar firmes e, assim, pela constante entrega a Deus, sereis habilitados a viver a nova vida, a vida da fé." – Páginas 47 e 48.

Entretanto, é necessário empregar o seu poder de escolha para renunciar ao seu poder de escolha! É outra vez a distinção entre comportamento e relacionamento. Nós renunciemos ao nosso poder de escolha tendo em vista o comportamento. Mantemos nosso poder de escolha tendo em vista o relacionamento. Ao continuarmos a preferir entrar num relacionamento pessoal diário com Cristo, Ele opera em nós o querer e o efetuar segundo o Seu beneplácito. Não podemos conduzir-nos ao ponto de renunciar a nossa vontade, outro termo para submissão. Mas podemos consentir em que Cristo realize a obra colocando-nos em Suas mãos ao buscarmos um relacionamento pessoal com Ele.

TESE 22

O único esforço deliberado na vida cristã é buscar a Deus. Disso resultarão esforços espontâneos para outras coisas.

Suponhamos que um domingo de manhã você decida fazer rodízio dos pneus de seu Fusca. Você o coloca sobre macacos e consegue tirar todos os quatro pneus. Nesse momento, sua esposa o chama para o almoço.

Antes que termine de comer, sua filha de quatro anos vai brincar na frente da casa. Sua bola corre para debaixo do carro, e ela se enfia embaixo dele para apanhá-la, derrubando um dos macacos que sustentam o veículo. Você ouve os gritos, e, da mesa, olha pela janela.

Vê então o carro, do lugar onde está assentado, e percebe imediatamente o que ocorreu. Então você...

Que faria nessas circunstâncias? Inclinar-se-ia no encosto da cadeira, para comentar com a esposa: "Parece que o carro caiu sobre a Cassinha. Acho melhor eu ir lá fora e pôr o macaco outra vez.

Mas, primeiro, não quer dar-me mais um pedaço daquela torta de maçã?"

Ou você corre até a frente da casa, exerce força sobre-humana e levanta a extremidade do carro, a fim de que a criança fique livre?

Que seria mais fácil fazer? Espere – não responda tão depressa. O que é mais fácil em termos de esforço deliberado? Estar sentado à mesa e receber outro pedaço da torta de maçã, ou levantar um carro – mesmo sendo um Fusca? Qual das duas coisas requer mais energia? Qual delas queima mais calorias? Qual delas lhe proporciona mais exercício?

Por outro lado, se você realmente ama sua filhinha, qual delas seria mais dura de praticar? Não há o que discutir, não é verdade? Pode ser necessário força sobre-humana para erguer a traseira do carro a fim de que sua filha possa ser salva, mas exigiria esforço impossível permanecer sentado à mesa!

A distinção entre esforço deliberado e esforço espontâneo é muito importante para compreender o esforço envolvido em viver a vida cristã. Às vezes as pessoas têm a idéia, quando falamos em não combater o pecado e o diabo com nossa própria força, que estamos falando de uma religião sem esforço.

Havia uma estranha seita, a dos Quietistas, no século passado, que acreditava que não devíamos exercer esforço nenhum. Devíamos apenas sentar-nos e balançar – na verdade, isso talvez ainda fosse muito. Devíamos apenas ficar sentados. Seja o que for que precise ser feito, o próprio Deus disso cuidará, à parte de nós.

Mas Deus nunca nos concede salvação independentemente de nossos esforços. Esse dilema muitas vezes tem mantido os teólogos debatendo até meia-noite, mas é claramente respondido em dois textos que constituem um minicurso em justificação pela fé, uma

concisa declaração sobre o tema do poder divino *versus* esforço humano como jamais poderia você descobrir de outro modo.

Os dois textos são S. João 15:5 e Filipenses 4:13. As palavras de Jesus: " Sem Mim nada podeis fazer", e o comentário de Paulo, "Tudo posso nAquele que me fortalece". Ponha as duas declarações juntas. Se separados de Cristo nada podemos fazer, e com Ele podemos todas as coisas, então o que nos é deixado para fazer? Chegue-se a Ele e permaneça com Ele.

"Tudo que o homem pode fazer no sentido de sua salvação, é aceitar o convite: "Quem quiser, tome de graça da água da vida." Apoc. 22:17." – *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 343. E não se esqueça de que o termo salvação inclui não só perdão pelo pecado, mas poder para obediência, e Céu por fim – justificação, santificação e glorificação.

Como chegamos a Cristo? Como tomamos a água da vida?

"Nessa comunhão com Cristo, mediante a oração e o estudo das grandes e preciosas verdades de Sua Palavra, seremos alimentados, como almas que têm fome; como os que têm sede, seremos saciados à fonte da vida." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 113.

Para os pais, o esforço deliberado que foi investido dia após dia no relacionamento com o filho ou filha, pode ter requerido às vezes trabalho penoso. Mas quando ocorre uma situação crítica, o esforço necessário é totalmente espontâneo. Nenhum pai ou mãe que ame, pararia para considerar a energia requerida; mas se apressaria ao socorro de um filho que estivesse em problema.

Assim ocorre com o cristão. Todo tipo de esforço é requerido na vida cristã. Contudo, o esforço *deliberado* em particular é buscar comunhão com Deus. O esforço espontâneo para com outras coisas certamente virá em resultado.

TESE 23

Cristãos em crescimento experimentam períodos de submissão e de não-submissão. Às vezes dependem de Deus, outras vezes de si mesmos.

Os discípulos caminhavam pela estrada para Cafarnaum. Seus passos se tornavam mais e mais lentos até que eles quase perderam de vista a Jesus. Estavam tendo uma acalorada discussão, e mal notavam que Jesus não mais lhes fazia companhia – exceto por rápidas olhadelas de quando em vez, para assegurar-se de que Ele não estava tão próximo para ouvi-los.

O tema de sua discussão era um dos favoritos: Quem seria o maior no reino? Certa feita, chegaram ao ponto de incluir a Jesus nesses debates, esperando alguma resposta direta dEle que pudesse resolver a questão. Mas Ele lhes respondera apenas por uma parábola sobre criancinhas, em vez de fornecer a cada um deles uma clara descrição dos cargos com que haviam sonhado. Agora, sentiam-se embaraçados por Ele saber que ainda discutiam a questão.

Esta não seria a última vez que os discípulos se envolveriam nessa disputa, a despeito dos repetidos esforços de Jesus em instruí-los. Eles ouviriam Suas palavras na casa de Cafarnaum aquele dia. Reconheceriam seu erro em buscar o lugar mais elevado, exatamente o pecado de Lúcifer no princípio. Mas não demoraria muito, Tiago e João viriam, por intermédio da mãe deles, com uma solicitação extravagante pelos lugares mais elevados, à direita e à esquerda, e novamente os discípulos se acharam envolvidos na divergência. Pouco tempo depois, Pedro, Tiago e João seriam incluídos na misteriosa jornada até o topo da montanha, e os nove que ficaram para trás passariam a noite debatendo sobre quem seria

o maior. Mesmo a humilhação de serem incapazes de expulsar um demônio na manhã seguinte não foi suficiente para ensinar-lhes a lição. Pois no cenáculo, na noite anterior à crucifixão, estavam novamente a ponto de puxarem espadas, cada qual não se dispondo a conceder o lugar mais elevado e a cumprir a parte de um servo.

Os discípulos estavam cometendo um pecado. Sabiam que era pecado. Não obstante, continuaram a praticar isso repetidas ocasiões.

Quem eram os discípulos? Bem, eram homens que tinham o benefício de três anos passados em íntima relação com Jesus. Associavam-se com Ele dia após dia. Eram homens convertidos, pois Jesus lhes disse quando retornaram de sua viagem missionária, regozijando-se com o poder que lhes fora concedido sobre os demônios, que deviam antes regozijar-se porque seus nomes estavam escritos no Céu. Ver S. Lucas 10:20. O livro da vida não inclui o nome dos que nunca foram convertidos. Ver S. João 3.

A história dos discípulos é para alguns um tanto perturbadora. Ela é tão bíblica quanto sua Bíblia e, de fato, o padrão de altos e baixos não começa ou termina com eles. Abraão, Jacó, Elias, Davi, Maria e Marta, e mesmo Paulo, revelam o mesmo padrão, bem como muitos outros. É perturbador, mas é a realidade. Uma realidade que a Escritura registra fielmente.

Já fizemos notar que não existe essa questão de submissão parcial. A submissão é tudo ou nada. Mas *existe* a possibilidade de submissão inconstante. De fato, com base nas biografias que a Bíblia nos oferece, poderíamos mesmo ir ao ponto de dizer que a submissão inconstante não é apenas uma possibilidade. Com mais freqüência, exigiu tempo e tentativa e erro antes que aquele que se submeteu a Deus aprendesse a *permanecer* submisso a Ele por todo o tempo, sem vacilação.

A Tese 72 entrará em maiores detalhes quanto a este padrão de altos e baixos na vida cristã. Por agora, vamos apenas abordar até este ponto: suponhamos que você se ache no lugar dos discípulos. Suponhamos que descubra que num minuto esteja dependendo de Deus e experimentando a vitória – e no minuto seguinte, comece, de certo modo, a depender de você mesmo, e descubra que fracassou, caiu e pecou novamente. O que fará?

Há instrução e encorajamento para tal pessoa: "Se alguém que comunga diariamente com Deus se desvia o caminho, se por um instante deixa de olhar firmemente para Jesus, não é porque peque intencionalmente; pois, quando vê os seus erros, volve-se novamente e fixa os olhos em Jesus, e o fato de que errou não o torna menos querido ao coração de Deus." – Ellen White, *Review and Herald*, 12 de maio de 1896.

CONVERSÃO

TESE 24

Conversão é obra do Espírito Santo, que produz uma mudança de atitude para com Deus e cria uma nova capacidade de conhecer a Deus.

Você não pode escolher o dia do seu nascimento! Ninguém foi capaz de fazer isto até hoje. Quando aqui chegamos, o dia de nosso aniversário já estava definido. E, a despeito do progresso da moderna ciência médica, não é fácil escolher a data de nascimento de outro ser humano. A conversão é chamada de novo nascimento. É o início da vida espiritual. E, tal como na vida física, você não pode escolher a data de seu nascimento espiritual.

Quando meu filho estava no ginásio, achei que era tempo de ele se converter. Certo dia, sentei-me ao seu lado, tencionando realizar o trabalho. Não funcionou. Ambos terminamos frustrados. Havia-me esquecido do princípio fundamental na conversão que é obra do Espírito Santo. Não podemos converter-nos a nós mesmos, nem a outrem. "Essa mudança só se pode efetuar mediante a eficaz operação do Espírito Santo." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 172.

Os jovens geralmente entendem mal o que é realmente conversão. Alguns têm esperado uma experiência de Estrada de Damasco, esquecendo-se de que mesmo Paulo precisou de três anos de silêncio no deserto da Arábia a fim de estar pronto para começar seu ministério público. No outro extremo, outros não estão certos se afinal de contas são convertidos, mas imaginam que sim, pois foram criados dentro da igreja. Alguns se dedicaram a Cristo e, quando não se sentem miraculosamente transformados em caráter na manhã seguinte, concluem que não se converteram e esperam até o próximo apelo emocional para tentar novamente.

Encontrar uma definição para conversão, portanto, faz-se extremamente necessário. Conversão é obra do Espírito Santo, e produz uma mudança de atitude para com Deus. Quando o filho pródigo se converteu? Quanto estava no chiqueiro. E onde estava o filho pródigo imediatamente após a conversão? Ainda no chiqueiro! Alguém geralmente acrescenta este pensamento: "Mas ele não permaneceu ali por muito tempo!" É verdade. Mas o que mudou por ocasião de sua conversão? Foi sua atitude. Ele ainda tinha um longo caminho a percorrer para alcançar a casa de seu pai, porém sua atitude para com o pai sofreu uma mudança radical. E tal mudança de atitude preparou o caminho para o resto das mudanças que se seguiram.

A conversão cria uma nova capacidade para conhecer a Deus. Ninguém é capaz de comer ou respirar por si mesmo até ter nascido. E, conquanto seja possível apressar o processo de conversão colocando-se numa atmosfera de coisas espirituais, a tentativa de manter uma vida de devoção não será mais do que algo aborrecido e difícil de suportar, até que se haja nascido espiritualmente.

I Coríntios 2:14 declara: "O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente."

Um dos milagres que o Espírito Santo opera ao tempo da conversão é criar uma nova capacidade para conhecer a Deus. "Para O servirmos devidamente, é mister nascermos do divino Espírito. Isto purificará o coração e renovará a mente, dando-nos nova capacidade para conhecer e amar a Deus." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 189.

Não importa se você procede de uma formação ateísta ou de cristãos genuínos, você precisa nascer de novo a fim de ver o reino dos Céus. Jesus disse a Nicodemos em S. João 3:3: "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus." E você pode saber se se converteu ou não. É verdade que as conversões diferem na medida em que difere nosso mecanismo emocional humano, mas a experiência de conversão é ainda distinta.

"Pouco a pouco, sem que o objeto dessa obra tenha talvez consciência do fato, produzem-se impressões que tendem a atrair a alma para Cristo. Estas se podem causar meditando nEle, lendo as Escrituras, ou ouvindo a palavra do pregador. De repente, ao chegar o Espírito com mais direto apelo, a alma entrega-se alegremente a Jesus." – *Idem*, pág. 172.

Você já teve essa experiência "repentina"? Tem dependido de seu bom comportamento, sua posição na igreja, ou sua herança cristã para assegurar-se da salvação?

Ou tem-se concentrado em suas fraquezas ou erros para concluir com base nisto que nunca se converteu?

Quando compreender o que é a conversão, poderá saber se já se converteu ou não.

TESE 25**A conversão leva a uma vida transformada.**

Nenhum restaurante de refeições rápidas oferece o fruto do Espírito. O crescimento espiritual leva tempo. A parábola de Jesus comparou o desenvolvimento espiritual ao físico. "Primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga." S. Marcos 4:28.

Apenas ir a Jesus – sem crescer nEle – envolve um processo. O primeiro passo é o *desejo* de algo melhor. Podemos nem mesmo reconhecer esse desejo como tendo que ver com Deus. Podemos simplesmente desejar um carro melhor ou um emprego melhor, ou uma média de notas melhor. Mas Deus colocou dentro de cada coração a busca de algo mais.

O segundo passo em ir a Cristo é obter o *conhecimento* do que é melhor. Mediante a Escritura, mediante o testemunho de outros cristãos, mediante a operação do Espírito Santo no coração, aprendemos sobre o plano de salvação, a resposta de Deus para o vazio do coração humano.

O terceiro passo em ir a Cristo é a *convicção* de que somos pecadores. Convencemo-nos de nossa condição – não meramente de nosso comportamento pecaminoso. Ao obtermos conhecimento do amor de Deus, reconhecemos quão pouco valor lhe temos atribuído. Reconhecemos que temos vivido independentemente dEle. Consideramos nossa condição desesperada e percebemos nossa necessidade de Sua salvação.

O quarto passo em ir a Cristo é a percepção de que somos *impotentes* para fazer seja o que for quanto à nossa condição. Os jovens, especialmente, podem permanecer durante anos vacilando entre o passo 3 e o 4, reconhecendo que são pecadores, mas não

admitindo ainda que não podem ajudar a si próprios a sair de sua condição.

Finalmente, esgotamos nossos próprios recursos. Quando constatamos nosso desamparo, há somente uma coisa a fazer. Desistir. E isso se soletra assim: S-U-B-M-I-S-S-Ã-O. Como já fizemos observar, não podemos levar nós próprios ao ponto de submissão. Mas quando Deus nos traz até aí, nós próprios tomamos a decisão de submeter-nos a Ele.

Caminho a Cristo, pág. 18, descreve o milagre da conversão, ou o novo nascimento: "Disse o Salvador: 'Aquele que não nascer de novo' – não receber um novo coração, novos desejos, propósitos e motivos, **que conduzem a uma nova vida** – 'não pode ver o reino de Deus.' " Não perca de vista estas palavras: "Que conduzem a uma nova vida". Isso tudo não se passa da noite para o dia. O nascimento físico é um começo. O novo nascimento é um começo. Não é uma completa mudança de padrões de vida e hábitos. Mas é uma mudança completa de direção.

Já passamos tempo considerando como os discípulos continuaram por três anos e meio lutando com alguns dos mesmos problemas antes de finalmente encontrarem a saída rumo à vitória. Jacó submeteu-se a Deus em Betel, mas isso foi vinte anos antes que o ponto crítico de sua vida, junto ao Jaboque, o trouxesse ao fim de sua dependência de si mesmo. Maria foi até Jesus sete vezes, buscando Suas orações em seu favor para expulsar os demônios que lhe controlavam a vida. Levou tempo para que compreendesse como se manter submissa a Ele por todo o tempo.

Para todos esses, porém, havia um denominador comum. Estavam agora buscando comunhão com Jesus em vez de correrem dEle. A direção havia mudado. Tinham uma nova capacidade para conhecer e amar a Deus. Sua atitude para com Deus tinha-se

modificado. E ao prosseguirem a buscar a Jesus o processo de crescimento e maturidade realizou seu trabalho, e sua vida foi transformada.

A Ciência do Bom Viver, pág. 454, nos diz: "As preciosas graças do Espírito Santo não se desenvolvem num momento. Ânimo, fortaleza, mansidão, fé e inabalável confiança no poder de Deus para salvar são adquiridos mediante a experiência de anos."

Estudaremos mais quanto à questão da tentação, nas Teses 80 a 84. Por ora, observe apenas mais isto: "O ceder à tentação começa ao permitirdes que a mente vacile, seja inconstante na confiança em Deus." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 92. E quanto tempo leva para ter confiança inabalável em Deus? Isso não se passa da noite para o dia. Leva tempo.

Já se entregou a Deus? Continua a ir a Ele dia após dia em comunhão e discipulado? E ainda se percebe inconstante em sua confiança nEle? Bem-vindo ao clube. Seu novo coração o está *conduzindo* a uma nova vida. Está disposto a continuar indo a Ele, mesmo que se ache vagaroso em aprender as lições que Ele lhe quer ensinar? Está disposto a dar a Deus tempo?

TESE 26

Conversão e arrependimento são experiências contínuas, e não de uma vez apenas.

Certa vez um estudante universitário parou no meu escritório e disse: "Tomei a decisão de entregar minha vida a Cristo no verão passado numa reunião campal, e dessa vez julguei que realmente estava convertido. Mas dentro de poucas semanas estava mais longe de Deus do que nunca. Isso me tem acontecido vez após vez. O que há de errado que minha conversão não perdura?"

A conversão não deve durar mais do que um dia! O dilema do estudante não era o de converter-se com freqüência – era um problema de não converter-se com freqüência suficiente!

Não cremos no "uma vez convertido, sempre convertido". Se você estiver realmente convertido hoje, ainda precisa estar realmente convertido amanhã. A conversão deve ser uma questão diária.

Certo verão trabalhei como colportor-estudante nas colinas de Nebraska. Esperava que a experiência que tivera com Deus durante o verão prosseguisse por todo o ano escolar. Mas, quando o intenso horário escolar me envolveu, e, me achei rodeado pelos amigos, não mais senti tanta necessidade de buscar a Deus; a elevada experiência do verão pronto se extinguiu. Espiritualmente, aquele se tornou um de meus piores anos letivos.

Mesmo as mais espetaculares manifestações do poder de Deus, rapidamente perdem o seu poder de influenciar-nos. Isso foi verdade no tempo de Cristo. Ele havia alimentado 5.000 homens, além de mulheres e crianças, a partir de uns poucos pães e peixes. Parecia que os Céus haviam baixado à Terra. O povo estava a ponto de coroá-Lo rei. Você pode ler a respeito disso em S. João 6.

Apenas vinte e quatro horas depois, quando Ele lhes recusou o pedido de novos e mais espetaculares milagres, o povo estava pronto da mesma forma a desviar-se dEle em sinal de desprezo. Não tiveram paciência para comer o misterioso Pão da Vida de que falava. Tantos se apartaram dEle naquele dia que finalmente perguntou aos discípulos: "Também vós quereis retirar-vos?" Aparentemente, Seus discípulos foram os únicos que permaneceram.

Se você não descobriu a necessidade de conversão diária, isso pode ser uma grandiosa descoberta em sua vida.

O Maior Discurso de Cristo, pág. 101 faz esta promessa: "Se buscardes o Senhor e vos converterdes cada dia ... todas as vossas murmurações emudecerão, remover-se-ão todas as vossas dificuldades, todos os desconcertantes problemas que ora vos defrontam se resolverão."

Conversão e arrependimento estão intimamente associados, e eu incluí arrependimento nesta tese ao fazer a transição para as teses concernentes a arrependimento. Mas arrependimento não é experiência de uma vez na vida. Deve, também, ser uma questão diária.

Quando falo de arrependimento como uma necessidade diária, não estou falando sobre arrependimento por ações erradas. Provavelmente já ouviu a história do homem que disse para o seu pastor: "Já pedi a Deus para perdoar-me por este pecado específico mil vezes." E o pastor respondeu: "Isto é, 999 vezes a mais!"

Não estou defendendo uma infundável enumeração de nossas faltas e erros. Deus prometeu que "se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". I S. João 1:9. Em vez disso, estou falando sobre arrependimento no sentido descrito em *Atos dos Apóstolos*, pág. 561:

"Nenhum dos apóstolos e profetas declarou jamais estar sem pecado. Homens que viveram o mais próximo de Deus, que sacrificariam a vida de preferência a cometer conscientemente um ato mau, homens a quem Deus honrou com divina luz e poder, confessaram a pecaminosidade de sua natureza."

Este é o arrependimento de que se necessita diariamente, o arrependimento operado por um renovado reconhecimento de nossa condição pecaminosa que torna a graça de Deus uma necessidade. Este é o arrependimento do qual é dito: "A cada passo para a frente

em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará."
– *Ibidem*.

Você é convertido? Você está convertido hoje? Você foi a Deus em busca de arrependimento hoje?

ARREPENDIMENTO

TESE 27

Arrependimento é tristeza pelo pecado e afastamento dos pecados. Arrependimento é um dom. Portanto, tristeza pelo pecado é um dom, e afastamento dos pecados é um dom.

Cedo, em meu ministério, achei-me numa situação muito desconfortável. Não era convertido, e não sabia como tornar-me convertido. Não era salvo, e não sabia como ficar salvo. E o ministério evangélico é o lugar mais desconfortável do mundo para um inconverso e não salvo estar!

Chegou o verão. Aproximava-se o tempo de reuniões campais. Como um jovem ministro, um de meus deveres era ajudar a armar tendas no local das campais durante a semana que antecedia às reuniões. Os ministros encarregados dessa tarefa conseguiam armar a primeira fileira de tendas, para terem onde ficar e então necessitavam de um descanso! Não estávamos acostumados com esse tipo de exercício! Enquanto descansávamos um pouco entre as fileiras de tendas, víamo-nos envolvidos com toda sorte de discussões teológicas. Conversávamos sobre qual seria o local onde a Batalha do Armagedom se desenrolaria, ou se as asas dos anjos teriam penas reais ou não! Percebi minha oportunidade.

Aproximando-me de um dos pastores mais velhos, perguntei: "O que diz para alguém que pergunte como pode ser salvo?" (Essa parecia uma maneira segura de expressá-lo).

Ele respondeu: "Digo-lhes para se arrepender."

"E se perguntar como se arrepender?"

"Bem, arrependimento é estar triste pelos seus pecados e afastar-se deles."

"Certo, mas como a gente se afasta dos pecados?"

"Ora, você se arrepende!"

Minha reação foi: "Espere um momento. Você está dizendo que a maneira de desviar-se de seus pecados é afastar-se dos seus pecados, e a forma de se arrepender é arrepender-se?"

"Isso mesmo", respondeu sorrindo, obviamente satisfeito com minha clara percepção do assunto.

A definição clássica para arrependimento, encontrada no livro *Caminho a Cristo*, pág. 23 emprega precisamente estas palavras. "O arrependimento compreende tristeza pelo pecado e afastamento do mesmo." A verdade que eu havia perdido de vista sobre o arrependimento, porém, é que arrependimento é um dom. Não é algo que realizamos; é algo que recebemos. Isto estabelece toda a diferença.

Atos 5:31 nos diz que arrependimento é um dom de Deus.

Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 353 diz claramente: "Arrependimento, bem como o perdão, é dom de Deus mediante Cristo." Assim, qualquer arrependimento que tentemos operar por nossos meios, qualquer arrependimento que seja autogerado, fatalmente ficará aquém do genuíno fato. Podemos ser capazes de entristecer-nos pelas conseqüências de nossas más ações. Podemos lamentar os resultados de nossa vida de pecado. Mas a menos que

recebamos o arrependimento que é um dom de Deus, seremos incapazes de ir além disso.

Tristeza pelo pecado, tristeza por ter vivido separadamente de Deus, somente pode proceder do próprio Deus. Não podemos fazer-nos tristes. A genuína tristeza pelo pecado é um dom.

E afastar-se dos pecados é também um dom. Não nos afastamos dos pecados a fim de nos arrepender. Vamos a Jesus a fim de nos arrepender! E **Romanos 2:4** diz que é a bondade que nos leva ao arrependimento. Reconhecemos mais plenamente a malignidade do pecado quando reconhecemos mais plenamente o amor de Jesus. Ao estudarmos a vida de Jesus, ao contemplarmos o Seu sacrifício por nós na cruz, nossos corações são quebrantados, e experimentamos genuíno arrependimento. O pecado não mais parece atraente. Quando nossos corações são mudados, nossas ações são mudadas, e recebemos o dom do arrependimento de que não se precisa arrepender. Nossa parte é somente, como sempre, ir a Ele.

TESE 28

Não transformamos nossa vida a fim de ir a Cristo. Vamos a Ele tal como estamos, e Ele transforma nossa vida.

Certo dia uma enfermeira parou no meu escritório. Ela disse: "Estou enfasiada da minha vida. Sei que preciso de Deus, e gostaria de ir a Ele. Poderia, por favor, ajudar-me?"

Bem, este é exatamente o tipo de oportunidade com que qualquer pregador se emociona. Assim, eu disse: "Logicamente! Tudo quanto precisa fazer é ir a Ele em oração e pedir-Lhe que perdoe os seus pecados e assuma o controle de sua vida. Poderá fazê-lo agora mesmo."

"Não", respondeu ela. "Espere um instante. Tenho planos para este fim de semana." E passou a contar-me seus planos. Ela iria deixar a cidade com o marido de outra mulher. Desejava ir a Cristo, mas não pretendia modificar seus planos para o final de semana. E era quinta-feira à noite.

Eu lhe disse: "Você pode ir a Cristo tal como está. Não precisa alterar seus planos para o fim de semana a fim de ir a Cristo. Você pode ir a Ele tal como está, e *Ele* lidará com os seus planos."

Sua reação foi: "Não pode realmente crer no que diz!"

Agora, permita-me perguntar: Quem estava certo? Teria ela que mudar seus planos para o fim de semana antes de poder ir a Cristo? Ou Ele a aceitaria *com* os seus planos para o fim de semana? Como pensa que seria?

Jeremias 3:13 declara: "Tão-somente reconhece a tua iniquidade, reconhece que transgrediste contra o Senhor teu Deus". Bem, essa jovem enfermeira tinha ido até este ponto. Ela admitia que seus planos para o fim de semana eram errados. Mas ainda não estava disposta a renunciá-los.

Como se manifesta o arrependimento? Vamos a Cristo a fim de arrependê-los, ou nos arrependemos a fim de ir a Cristo? Na área do arrependimento, muitas vezes nos encontramos no lugar do homem cuja buzina do carro não funciona. Assim, ele foi até a oficina providenciar o conserto, e na porta da garagem havia um cartaz que dizia: "Buzine para se atendido."

O capítulo sobre arrependimento em *Caminho a Cristo* revela a saída desse aparente dilema. Declara o seguinte:

"Exatamente aqui está o ponto em que muitos erram, sendo por isso privados de receber o auxílio que Cristo lhes desejava conceder. Pensam que não podem chegar a Cristo sem primeiro arrependê-se e que é o arrependimento que os prepara para o

perdão de seus pecados. É certo que o arrependimento precede o perdão dos pecados, pois unicamente o coração quebrantado e contrito é que sente a necessidade de um Salvador. Mas terá o pecador de esperar até que se tenha arrependido, antes de poder chegar-se a Jesus? Deve fazer-se do arrependimento um obstáculo entre o pecador e o Salvador?" – Pág. 26.

A resposta para esta pergunta aparece na mesma página:

"Assim como não podemos alcançar perdão sem Cristo, também não podemos arrepender-nos sem que o Espírito de Cristo nos desperte a consciência." Arrependimento não é algo que fazemos; é um dom. A fim de receber um dom, precisamos primeiro comparecer à presença do Doador.

Assim, se você é uma jovem enfermeira numa quinta-feira à noite, ansiosa por algo melhor em sua existência, mas incapaz de modificar seus planos para o fim de semana, você pode ir a Cristo tal como está. Jamais será capaz de modificar sua vida de pecado à parte dEle. Quando, porém, for a Ele, receberá dEle arrependimento, perdão e graça para vencer, operando em você aquilo que é agradável à Sua vista. Sua parte é continuar a ir a Ele, continuar a aceitar os dons que Ele tem para oferecer.

TESE 29

Deus dá o arrependimento antes de dar o perdão.

Consideremos por alguns minutos onde o arrependimento se enquadra na seqüência de ir a Cristo. Já observamos antes que o primeiro passo na direção de Cristo é o desejo de algo melhor. Segundo, obtemos o conhecimento do que é melhor. Terceiro, estarmos convencidos de nossa condição pecaminosa, e, quarto,

reconhecemos que somos impotentes para nos salvar a nós mesmos. É aí que desistimos, ou nos submetemos e vamos a Cristo.

Deus não espera que nos arrependamos antes de ir a Cristo; na verdade, seria impossível que o fizéssemos. Primeiro, vamos a Cristo; e, depois, Ele nos concede o arrependimento.

"Os judeus ensinavam que o pecador devia arrepender-se antes de lhe ser oferecido o amor de Deus. A seu parecer, o arrependimento é obra pela qual os homens ganham o favor do Céu. Foi esse pensamento que induziu os fariseus atônitos e irados a exclamarem: "Este recebe pecadores." Luc. 15:2. Conforme sua suposição, não devia permitir que pessoa alguma a Ele se achegasse sem se ter arrependido. Mas na parábola da ovelha perdida, Cristo ensina que a salvação não é alcançada por procurarmos a Deus, mas porque Deus nos procura. "Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram." Rom. 3:11 e 12. Não nos arrependemos para que Deus nos ame, porém Ele nos revela Seu amor para que nos arrependamos." – *Parábolas de Jesus*, pág. 189.

Assim, após irmos a Cristo, chegamos a reconhecer o mortífero caráter do pecado ao contemplar Seu amor por nós, e então nos tornamos dispostos a aceitar o Seu dom de arrependimento.

Arrependimento não é algo que nós fazemos, embora seja algo que fazemos! O arrependimento não é obra nossa; é a obra de Deus por nós. Mas esta vem antes do perdão. E se o arrependimento precede o perdão, então precede também a justificação. "Aquele a quem Cristo perdoa, faz Ele primeiro penitente. " – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 7.

Atos 2:38 deixa claro que o arrependimento deve ter lugar antes do perdão. "Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um

de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados."

Às vezes as pessoas questionam o valor de tornar-se tão meticolosos em tentar isolar e alistar na ordem cada evento do ir a Cristo para salvação. Certamente não é como se tivesse uma lista para ir conferindo cada item ao progredir, e saber o que fazer em seguida! Mas o inimigo de Deus e do homem tem um firme suprimento de mal-entendidos pelo caminho. E tais coisas podem formar uma barreira entre nós e Deus. Se pensarmos que devemos operar a justificação pela fé, a submissão, o arrependimento, a obediência, ou quaisquer outros dons que Deus está querendo conceder-nos gratuitamente, podemos deixar de ir a Ele. E ir a Ele é a única maneira de recebermos os Seus dons.

Muitos desses aspectos isolados, de ir a Cristo – arrependimento, novo nascimento, perdão e justificação – ocorrem quase simultaneamente. O propósito de separá-los é discuti-los, de modo a que possamos definir claramente qual é nossa obra e qual é a obra de Deus, o que é causa e o que é resultado.

A bondade de Deus nos conduz ao arrependimento, segundo Romanos 2:4. Não podemos trabalhar no arrependimento, mas podemos decidir ler Sua Palavra ou ouvir o pregador vivo onde a bondade de Deus é destacada. Não podemos operar o arrependimento, mas podemos ir a Ele. Não podemos produzir o genuíno sofrimento pelo pecado; não podemos afastar-nos do pecado em nossa própria força. Mas podemos buscar o Senhor para que realize essas coisas por nós. Deus Se deleita em ajudar aqueles que não podem ajudar-se a si mesmos.

TESE 30

A tristeza humana é a que sentimos por haver quebrado uma lei e sermos apanhados. A tristeza de origem divina é a que experimentamos por ter quebrantado um coração e ferido nosso melhor Amigo.

Você já dirigiu a mais de 80 por hora? Já foi detido na estrada e recebeu uma multa por excesso de velocidade? Ficou triste com isso? Por que razão se entristeceu? Triste por ter sido apanhado? Ou triste por ter dirigido muito rápido?

Já lhe disseram para dizer "sinto muito"? Todos já observamos uma criança que fez algo errado e não se sente nem um pouco triste? Então a mãe ou o pai se aproxima e instrui: "Agora diga que sente muito." E a criança abaixa a cabeça, arrasta os pés no chão e parece totalmente desambientada. Finalmente resmunga: "Desculpe". E seu responsável não mais se incomoda com o assunto. Mas a criança está realmente sentida? Bem, ela está sentida por ter que dizer que estava sentida!

A Bíblia fala de dois tipos de "tristeza". "Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte." II Coríntios 7:10. Assim, existe a tristeza segundo Deus, e há tristeza segundo o mundo. A de um tipo é uma questão de relacionamento; a outra, é limitada a comportamento. A de um tipo transforma sua vida; a do outro tipo, transforma somente seus atos – e só temporariamente. Um tipo é essencial; o outro tipo, não vale um centavo.

Judas teve tristeza segundo o mundo. Entristeceu-se por ter sido apanhado. Esperou até o último minuto para certificar-se de que realmente tinha posto tudo a perder. Mas quando, finalmente,

tornou-se evidente que Jesus não ia soltar-Se e que os sacerdotes e príncipes iriam condená-Lo, Judas mostrou-se arrependido. Em S. Mateus 27:3 é dito que estava "tocado de remorso".

É típico da tristeza segundo o mundo que ela espera até ser apanhada com a "mão na massa". Uma coisa é "arrepender-se" após ter sido demonstrada sua culpa; outra, bem diferente, é arrepender-se mesmo antes que tenha sido acusado.

Outro exemplo bíblico do tipo errado de tristeza é o caso de Caim. Ele, também, esperou até o último instante e então tentou até mesmo refutar a Deus: "Irmão? Que irmão? Ah, o Abel? Quer dizer que esperava que eu o guardasse?"

A tristeza segundo Deus, por outro lado, tem natureza inteiramente diversa. É entristecer-nos por ter ferido alguém a quem amamos.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 300 apresenta-o do seguinte modo: "Entristecemos-nos muitas vezes, porque nossas más ações nos trazem desagradáveis conseqüências; mas isso não é arrependimento. A verdadeira tristeza pelo pecado é o resultado da operação do Espírito Santo. Este revela a ingratidão da alma que menosprezou e ofendeu o Salvador, levando-nos contritos ao pé da cruz. Por todo pecado é Jesus novamente ferido; e ao olharmos Àquele a quem traspassamos, choramos as transgressões que Lhe trouxeram angústia. Tal pranto levará à renúncia do pecado."

Isto nos leva a outra razão poderosa por que o arrependimento tem que brotar como resultado de ir a Cristo. Não podemos entristecer-nos de ter ferido a alguém que amamos se não amamos essa pessoa! Lembra-se de quando era pequeno, e fazia algum tipo

de malvadeza àquele garoto terrível da casa ao lado? E era de se esperar que sentisse por isso?

Ao crescer, aprendemos (espero) um pouco sobre o amor abrangente pela humanidade, de modo que nossa bondade se estende além do círculo de nossos amigos imediatos. Mas é ainda verdade que quanto mais você ama a alguém, mais o seu coração se despedaça quando fere tal indivíduo.

Quando aprendermos a conhecer a Jesus e a confiar no amor que Ele tem por nós, descobriremos que estamos verdadeiramente tristes quando Lhe causamos tristeza. Este é o tipo de arrependimento traduzido em tristeza segundo Deus, "que a ninguém traz pesar".

PERDÃO

TESE 31

O único pecado conhecido que não pode ser perdoado é aquele de que não nos arrependemos e de que não pedimos perdão.

Um dia, após o culto na igreja, uma garotinha sardenta, com nove ou dez anos de idade, puxou-me o paletó, e disse que desejava falar-me. Fomos para um canto tranqüilo no santuário, e, com lágrimas nos olhos e lábios trementes, ela conseguiu balbuciar: "Acho que cometi o pecado imperdoável."

Muitos outros têm a mesma preocupação. Há algo assustador no que respeita à expressão "pecado imperdoável" por si só. Pode levar-nos a imaginar um Deus irado, meneando a cabeça e dizendo: "Dessa vez você foi longe demais." E cristãos conscienciosos, de

nove a noventa e nove, têm-se preocupado quanto a terem superado os limites da graça e misericórdia divinas.

A mulher apanhada em adultério estava certa de ter ido longe demais. Cabeça inclinada e olhos tristonhos, ela aguardava silenciosamente que as pedras comesçassem a voar em sua direção. Ficou maravilhada ao descobrir que a porta da misericórdia ainda lhe estava aberta. Ela não estava condenada. Deus ainda ofereceu o Seu perdão e poder.

Leiamos sobre o pecado imperdoável em **S. Mateus 12:31**. Jesus disse: "Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada."

A primeira parte do verso é encorajadora: *Todo pecado e blasfêmia* serão perdoados. Mas o que significa pecar contra o Espírito Santo? Simplesmente o seguinte: Uma vez que a obra do Espírito é convencer do pecado (ver S. João 16:8, 9) e uma vez que todo pecado pode ser perdoado, então o pecado contra o Espírito Santo seria recusar o seu convencimento, e recusar-se chegar ao arrependimento.

O perdão é condicional. Caso não fosse, então todos no mundo se salvariam. Quais são as condições para o perdão? Primeiro, que confessemos os nossos pecados. É-nos dito que "se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". I S. João 1:9. Portanto, o pecado imperdoável seria qualquer pecado que recusemos confessar ou pedir perdão.

Alguns acham hoje que a confissão não é importante. Alegam que Deus é um Pai amorável e que um pai não insistiria em que seus filhos confessassem suas más ações. Dizem que um pai perdoa os filhos porque os ama. Mas isto não é o que a Bíblia diz. A Bíblia

ensina que a confissão é importante. A fim de obter o perdão, precisamos pedir perdão e aceitá-lo.

Como aceitamos o perdão de Deus?

Caminho a Cristo, pág. 51, declara: "Se credes na promessa – credes que estais perdoado e purificado – Deus supre o fato: sois curado, exatamente como Cristo conferiu ao parálítico poder para caminhar quando o homem creu que estava curado. Assim é se o credes."

Às vezes adotamos a opinião de que a condição para o perdão é que nunca mais pequemos. Prometemos a Deus: "Se o Senhor me perdoar por isto uma vez mais ..." E então cometemos o mesmo pecado de novo, e tememos ir a Ele para obter perdão. É isto que freqüentemente leva as pessoas a temer haverem cometido o pecado imperdoável.

Mas a promessa bíblica é: "O que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora." S. João 6:37. Não há data de expiração quanto a isso, como se dá num rolo de filme fotográfico. Não se encontram dizeres como: "Válido somente até tal data..." Aquele que vai a Cristo é sempre, sempre aceito.

Não importa quem você seja ou o que tenha feito. Se for a Jesus hoje, pedir-Lhe Seu perdão, aceitar o Seu dom de arrependimento e perdão, será perdoado.

"Jesus estima que a Ele nos cheguemos tais como somos, pecaminosos, desamparados, dependentes. Podemos ir a Ele com todas as nossas fraquezas, leviandade e pecaminosidade, e rojar-nos arrependidos aos Seus pés. É Seu prazer estreitar-nos em Seus braços de amor, atar nossas feridas, purificar-nos de toda a impureza." – *Caminho a Cristo*, pág. 52.

O perdão não fará nenhum benefício ao pecador, a menos que ele o aceite.

Talvez você já tenha ouvido a história de certo homem que, há alguns anos, estava no corredor da morte, aguardando sua execução. Alguém tomou seu caso, pleiteando por sua vida, e lhe foi concedido perdão. Mas ele se recusou aceitá-lo.

A recusa causou um rebuliço nos círculos judiciários. O que fazer com um homem que se recusa a ser perdoado? O caso, finalmente, foi encaminhado à Suprema Corte, e a sentença pronunciada. Se o perdão é concedido mas não é aceito, não pode ser forçado. E o homem que recusou ser perdoado foi levado à morte.

A humanidade está sob a sentença de morte. Estamos aprisionados neste planeta, aguardando a execução. Mas Jesus assumiu o nosso caso. Ele desceu e morreu em nosso lugar, removendo nossa penalidade, tornando-Se o nosso substituto. Ele nos oferece o perdão. Mas podemos recusar aceitá-Lo.

O perdão é uma transação de mão dupla. A fim de que ocorra o perdão, ele precisa tanto ser concedido quanto aceito.

Já viu isto acontecer a nível humano? Alguém já o ofendeu e você se dirigiu a ele oferecendo o perdão, apenas para ser rechaçado? Já descobriu por você mesmo que o perdão tem de ter mão dupla? Você pode ser sempre compassivo. Pode sinceramente ansiar a restauração do relacionamento. Mas se a outra pessoa não aceita o perdão que lhe estende, não ocorre o perdão.

Em **S. Lucas 17:3**, Jesus disse a Seus discípulos como deveriam reagir ante os que pecassem contra eles: "Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe." *Se ele*

se arrepender, perdoa-lhe. Não diz: "Se teu irmão pecar contra ti, perdoa-lhe."

No **verso 4**, Jesus traça as linhas com maior proximidade. "Se por sete vezes no dia pecar contra ti, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe." Outra vez, o errante deve arrepender-se a fim de ser perdoado.

Deus tem tão alta consideração por nosso poder de escolha que jamais nos impõe Seu perdão. Oferece-o livremente; anima-nos a aceitá-lo. Mas a escolha final é nossa. Podemos recusá-lo, se assim o desejarmos.

Ao estar sendo pregado na cruz, Jesus orou por aqueles que O crucificavam. Suas palavras deveriam ser repetidas através dos tempos, até o nosso: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem." Seu perdão era ilimitado, estendendo-se até mesmo àqueles que O estavam levando à morte. Ele orou especificamente por eles. Mas Sua oração foi respondida? O que decidiria se sua oração seria respondida?

O Desejado de Todos as Nações, pág. 745 nos diz: "Alguns, por sua impenitência, tornariam, a Alguns, por sua impenitência, tornariam, a seu respeito, uma impossibilidade o deferimento da súplica de Jesus."

Deus fez provisão para o perdão – oferecido livre e abundantemente. Jesus proveu a atmosfera para o perdão. E alguns aceitaram, outros recusaram. Para os que recusaram, Seu perdão não teve efeito. Beneficiou somente aqueles que estavam dispostos a aceitá-lo.

O perdão está disponível. O sacrifício de Jesus na cruz foi suficiente para incluir em Sua salvação toda alma já nascida neste

o mundo. O único que pode impedi-lo de ser perdoado é você mesmo. A decisão é sua. O perdão será seu, se o aceitar.

TESE 33

O perdão de Deus não é limitado, mas nossa aceitação de Seu perdão pode ser.

Ele pensava que tinha cometido um crime perfeito. Por vários anos agora, seu estratagema parecia ter tido êxito. Seu emprego no governo havia-se revelado um degrau certo para o sucesso financeiro. Seu salário mensal parecia uma piada em comparação com a quantia que ele regularmente desviava.

Às vezes ele se preocupava um pouquinho. Quanto mais conseguia amealhar, mais parecia gastar. Mas sua esposa gostava de coisas boas, seus filhos estavam acostumados com a boa vida, e assim ele deixou de lado seus temores e continuou levando avante seu plano.

Então, um dia todo o seu mundo desabou. Auditores examinaram inesperadamente as contas em minúcias e ele não teve tempo de acobertar suas falcatruas. Para seu desalento, foi detido e acusado de dever dez milhões de dólares ao governo. Não podia imaginar para onde tinha ido o dinheiro. Não sabia dizer o que sucederia com ele agora. Sua esposa e filhos seriam humilhados. Sua linda casa seria apreendida e o resultado da venda aplicado para abater seu débito. Mas mesmo com a liquidação de todo o seu patrimônio, ele ainda ficaria devendo milhões. E como poderia esperar montar outro esquema para recuperar suas finanças, se permaneceria por algum tempo na cadeia?

Finalmente, chegou o seu dia no tribunal. Ele fez a única coisa que estava ao seu alcance. Apresentou-se perante o juiz e confessou-

se culpado, como requeria a acusação. Mas apelou à misericórdia da corte suplicando tempo para fazer a restituição. Para sua surpresa, o juiz suspendeu-lhe a sentença, conquanto tivesse sido considerado culpado. Ele saiu do tribunal como um homem livre. Mas não estava realmente livre. Pois tinha posto na mente que de alguma forma devolveria o dinheiro que havia embolsado. Fosse como fosse, ele sentia que permaneceria como devedor do governo para sempre.

No caminho para casa, apresentou-se-lhe a primeira oportunidade. Encontrou um companheiro de trabalho que lhe devia 30 dólares. Não era muito, mas já era um começo, e, além do mais, ele agora teria que viver por seus próprios meios, sem a ajuda de rendas extras. Assim, ele exigiu os 30 dólares.

Seu colega de trabalho alegou não dispor dessa quantia. Mas a dívida já era antiga, e ele já tinha sido por demais generoso. Assim, ele apresentou queixa contra o homem em um tribunal de pequenas causas.

Poucos dias depois, quando o caso veio a julgamento, o juiz que presidia a corte era o mesmo que o havia deixado livre. Quando o juiz viu que o queixoso era o mesmo homem que recentemente estivera, ele mesmo na corte, ficou irado. Tomou imediatamente as medidas necessárias para impor outra vez a sentença suspensa. E o homem foi levado à prisão, enquanto suas acusações contra seu colega de trabalho eram retiradas.

Este relato, registrado em **S. Mateus 18**, ensina uma verdade importante sobre o perdão. O perdão de Deus é ilimitado. Nossa aceitação de Seu perdão é que às vezes é limitada, e entra em curto-circuito Seu plano para livrar-nos da condenação por nossos pecados.

Jesus narrou esta história em resposta à pergunta de Pedro quanto à frequência com que deveria perdoar a seu irmão. Jesus deu Sua famosa resposta dos setenta vezes sete, indicando a infindável misericórdia de Deus para conosco.

Setenta vezes sete não significa que Deus mantém uma tabela, e quando alcançamos as 490 vezes, então acabou. Seu perdão não conhece limites. Mas freqüentemente nos tornamos descoroçados e envergonhados, e paramos de pedir. Deixamos de buscar o Seu perdão, porque julgamos que já fomos longe demais. Assim, colocamos em Seu perdão limites que Ele jamais intencionou.

Ou podemos achar-nos simpatizando com o homem da história. Esse homem que teve o perdão de sua dívida em 10 milhões de dólares, nunca realmente aceitou o perdão oferecido. É verdade que ele suplicou misericórdia, mas "quando o devedor pediu ao seu senhor misericórdia, não tinha verdadeiro conhecimento do vulto da dívida. Não reconheceu seu estado irremediável. Tinha esperança de livrar-se a si mesmo." – *Parábolas de Jesus*, pág. 245.

Seu tratamento para com o colega demonstrava sua falha em aceitar o perdão oferecido. E, quando o juiz reverteu a sentença e mandou-o para a prisão, em realidade estava meramente aceitando a própria escolha do homem. Pois Deus nunca força ninguém a aceitar o Seu perdão.

Quando vemos a verdadeira enormidade de nossos pecados e nosso total desamparo para livrar-nos a nós mesmos, não devemos desesperar-nos. Quanto maior for nosso débito, maior será nossa necessidade da misericórdia de Deus e Seu perdão. E devido a Seu grande amor, não há nada que Deus mais deseje do que perdoar-nos e dar-nos liberdade.

Aqueles que são muito perdoados, muito amarão. Aqueles que muito amam, muito obedecerão.

Você gosta de Pedro? Parece que o seu nome vem à tona mais freqüentemente do que o de qualquer outro discípulo. Muitas vezes as pessoas confessam identificar-se com ele. Ele corria riscos. Ousava fazer as perguntas erradas. Arriscava-se a dar as respostas erradas.

Pedro foi aquele que se dirigiu a Jesus com a pergunta clássica sobre perdão, registrada em **S. Mateus 18:21**: "Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?" Ele estava fazendo sobretudo uma indagação retórica; estava bem convicto de suas conclusões. Sete vezes parecia muita coisa para Pedro. Os fariseus só iam até três. Pedro estava disposto a dobrar o limite deles, e mesmo ir um passo além, chegando ao número "perfeito". Muito bem, Pedro!

Mas, espere um momento, antes de julgar a Pedro. Logicamente, você já conhece a resposta de Jesus. "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete." Verso 22. Mas ponha isso de lado por um momento e lembre-se da última vez que seu vizinho ou amigo, ou membro da família, fez algo que requeresse o seu perdão. E você lho concedeu. Mas fizeram novamente a mesma coisa. E você mais uma vez perdoou. Até sete vezes. Por essas alturas já não teria completado sua quota de perdão? Afinal de contas 490 é uma porção de vezes!

Nossa família viveu por sete anos no Colégio União do Pacífico, no norte da Califórnia. O colégio está localizado no alto de uma região de montanhas, como dizem por lá, "a oito milhas do mais próximo pecado conhecido". É um gueto adventista, se já viu algum. E nesse tipo de ambiente, o pregador é chamado para exercer

todo tipo de função – chefe de polícia, juiz de paz, jurado, tudo junto.

Certo domingo o telefone tocou. Um dos paroquianos desejava que resolvesse uma questão com seus vizinhos. O cavalo dos vizinhos tinha avançado sobre suas petúnias. E ele achava que eu era a pessoa certa para resolver a situação!

A resposta que eu poderia ter dado a esta pessoa se acha em **S. Lucas 17:3 e 4**: "Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender perdoa-lhe. Se por sete vezes no dia pecar contra ti, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe." (Mesmo Pedro acharia provavelmente que seria demais se as "sete vezes" ocorressem num único dia!) Que tal se eu tivesse dito ao homem das petúnias: "O que precisa fazer é perdoar. E se o cavalo do vizinho andar sobre suas petúnias seis vezes mais hoje, perdoe-lhe mais seis vezes. Biblicamente falando, esse cavalo pode ainda andar 489 vezes sobre suas petúnias! Por esse tempo já há muito deixou de existir qualquer petúnia que ele possa pisotear?"

Jesus recomendou o perdão ilimitado. E ele não nos pediria para ser mais perdoadores do que Deus é. Assim, sabemos que o perdão de Deus também não conhece limites, na medida em que continuarmos indo a Ele e pedindo perdão, e recebendo o Seu dom de perdão.

Mas às vezes as pessoas ficam nervosas exatamente aí. Indagam: "Mas isso não pode levar à licenciosidade?" Se os vizinhos, donos do cavalo, fossem perdoados 490 vezes, ou mesmo 7 vezes num único dia, não iriam começar a pensar que o cavalo deles tinha o direito de pisotear as flores? O ensino do perdão ilimitado não nos poderia induzir a ver a graça de Deus como frouxa, e a dela abusar?

Jesus respondeu a esta pergunta em Sua parábola a Simão sobre os dois devedores. Veja **S. Lucas 7**. Ele disse a Simão e Maria e aos discípulos que ouviam, que aquele que muito é perdoado, muito ama. Quanto mais for perdoado, mais você amará.

Agora precisamos acrescentar um texto mais: **S. João 14:15**. " Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos." Aí está. O perdão de Deus é ilimitado. Mas isso não conduz à licenciosidade, porque quem é muito perdoado, muito amará. E quanto mais você ama, mais você obedece. É assim simples.

"Jesus conhece as circunstâncias de toda alma. Podeis dizer: Sou pecador, muito pecador. Talvez o sejais; mas quanto pior fordes, tanto mais necessitais de Jesus. Ele não repele nenhuma criatura que chora, contrita. Não diz a ninguém tudo quanto poderia revelar, mas manda a toda alma tremente que tenha ânimo. Perdoará abundantemente todos quantos a Ele forem em busca de perdão e restauração." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 568.

TESE 35

O perdão é gratuito, mas não é barato. Custou a vida do querido Filho de Deus.

Certo dia estávamos discutindo o problema de notas numa aula do colégio que eu estava ministrando. Perguntei aos alunos: "Vocês não prefeririam que todos na classe recebessem 10 sem levar em conta quão duro se prepararam para a prova? Ou crêem que devem obter nota máxima apenas se se esforçaram bastante para conquistá-la?"

Eles disseram com ares de santidade: "Oh! preferimos esforçar-nos bastante para conseguir nossas notas!" Não acreditei muito neles! Já havia ouvido os costumeiros lamentos toda vez que

anunciava uma prova ou teste. Tinha já enfrentado o repertório regular de desculpas por não terem preparado as lições de casa a tempo. Também já tivera que suportar aqueles estudantes que ficam argumentando o dia inteiro para tentarem obter um ponto extra. "Ora, vocês estão apenas tentando impressionar o professor! Sejam honestos. Não vou dar notas de avaliação a vocês por isso. Não desejam uma média de notas alta? Por que não seria uma boa coisa que cada um nesta classe tivesse a garantia de nota máxima?"

Eles disseram: "Não aprenderíamos tanto. Não nos lembrariamos tão bem da matéria ensinada. Não teremos prazer numa nota a menos que tenhamos lutado para alcançá-la."

E eu não podia convencê-los do contrário!

Você concorda com esses estudantes? O que torna algo mais valioso para você – recebê-lo como um presente, ou ter que trabalhar para obtê-lo?

Se o seu senhorio paga a conta de água, significa isso que você utiliza a água com mais cuidado, ou mais liberalmente? Você é mais meticuloso ao endereçar um envelope timbrado da firma do que ao empregar um seu próprio, na sua casa? Se você aluga um carro com quilometragem ilimitada, dirige mais ou menos o carro? Quando viaja por conta da firma, se hospeda no mesmo hotel que escolheria para sua família em férias?

Se é verdade que os seres humanos tendem a atribuir maior valor a coisas para obter as quais tiveram que exercer empenho, então por que Deus não estabeleceu um sistema de salvação pelas obras? Como podemos realmente apreciar o perdão ou arrependimento, ou o Céu por fim, se isso vem somente como uma dádiva?

Romanos 6:23 declara: "O dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor." **Atos 5:31** declara: "Deus,

porém, com a Sua destra, O exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados." Portanto, o perdão e o arrependimento e a salvação são dons, não algo que obtemos por mérito. Como, pois, podemos verdadeiramente dar-lhes o valor que merecem?

Para encontrar uma resposta a este dilema, precisamos compreender a natureza do perdão.

O Maior Discurso de Cristo, pág. 114, descreve-o dessa maneira:

"O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão *pelo* pecado, mas livramento *do* pecado. É o transbordamento de amor redentor que transforma o coração."

Assim, o perdão não é meramente um ato judicial. É mais do que purificação dos livros do Céu. É mais do que um aceno de cabeça em direção ao Céu. É um relacionamento restaurado com uma Pessoa. É uma transação de amor.

O amor faz diferença, mesmo a nível humano no dar e receber dons. Uma criança pode trabalhosamente reunir pauzinhos de picolé com outros artigos, e preparar um horrível trabalho de arte para a escola, e seus pais vão atribuir o maior valor à coisa, por causa do amor - a despeito de sua ausência de valor intrínseco. Quanto mais não deveríamos valorizar uma dádiva; se tanto a dádiva quanto quem a concede são importantes para nós!

Suponhamos que você esteja num hospital com deficiência renal, e seu irmão se apresente com o oferecimento de um de seus rins para salvar-lhe a vida. Você seria capaz de dizer: "Bem, eu gostaria de poder dar o verdadeiro valor deste rim; então, permita-me pagar-lhe dez mil reais por ele"? Seu irmão se sentiria insultado!

O fato de que a dádiva tem tão grande valor e é concedida por alguém que nos ama tanto, coloca-a acima de qualquer preço.

O amor faz a diferença. A *necessidade* faz a diferença. Se se estivesse afogando, e alguém lhe lançasse um salva-vidas, você diria: "Espere um pouco! Com o que lhe posso pagar por isso? Não posso realmente usar esse salva-vidas a menos que o haja adquirido"? Não, seu senso de necessidade impede-o de ter tal tipo de pensamento.

O que impede o perdão de ser barato, mesmo sendo gratuito? É o reconhecimento de nossa desesperada necessidade. É a compreensão de quanto custou ao Céu o ser capaz de oferecer este tipo de dádiva. E reconhecer o amor por trás da dádiva, o profundo anseio do coração do Pai por reconciliação com Seus filhos. Com uma necessidade como a nossa – e um amor como o Seu – somente uma dádiva podia responder.

A CRUZ

TESE 36

Deus perdoa os pecadores, não os pecados, mas a Bíblia chama a isso de perdão dos pecados. Jesus morreu porque os pecados não podiam ser perdoados.

Talvez devesse admitir logo de começo que esta tese é um jogo de palavras para chegar a uma conclusão. Alguns acham esta tese atraente; outros a acham alarmante. Mas, por meio de uma história, tentemos compreender a verdade envolvida.

Certa vez estava dirigindo por uma estrada vicinal, superando em muito o limite de velocidade, para tentar compensar o tempo perdido. Estava atrasado para um funeral! Mas, não demorou muito, uma segunda nuvem de poeira veio juntar-se à minha e dentro dessa segunda nuvem de pó estava um policial rodoviário.

Ele me fez ir para o acostamento. A princípio, parecia muito severo ao pedir-me a carteira de motorista e os documentos do carro. Mas, depois de ouvir quem eu era, e a natureza de minha "emergência", ele passou a ser um tanto mais delicado.

Ele disse: "Pensei que tinha apanhado um carro roubado. Agora não sei o que fazer com você. Se lhe der uma multa, será publicada amanhã no jornal da cidade, e isso será embaraçoso para você perante seus paroquianos. De qualquer modo, não creio que uma multa seja a solução.

"Eu disse: "Não, senhor guarda. Também não creio que fosse."

Finalmente, ele disse: "Pode ir embora! Você está certo. " E seguiu o seu caminho, e eu o meu – vagorosamente!

Esse oficial de trânsito fez o que Deus *não* faz, e ilustra a diferença que estou tentando traçar entre o perdão dos pecadores e o perdão dos pecados. O oficial "perdoou o meu pecado" em superar o limite de velocidade. Mas, ao fazê-lo, não estava sendo justo para com a lei da região que proíbe viajar acima de certa velocidade.

Deus não muda Sua lei. Ele não permite exceções. Quando o homem transgride, não é uma de Suas opções simplesmente dizer: "Tudo bem, não se preocupe. Desta vez passa."

"Fosse possível ser a lei mudada ou anulada, então não era necessário Cristo ter morrido. Anular a lei, porém, seria imortalizar a transgressão e colocar o mundo sob o domínio de Satanás. Foi porque a lei é imutável, porque o homem só se pode salvar mediante a obediência a seus preceitos, que Jesus foi erguido na cruz." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 762, 763.

O que Deus faz é perdoar *pecadores*. Existe uma diferença! Se o oficial de trânsito me tivesse tratado como Deus me trata, ele não teria tido outra opção senão multar-me. Eu teria sido chamado a comparecer perante o tribunal, e o juiz me teria declarado culpado e me dado uma multa de certa quantia de dinheiro.

Se eu não tivesse a quantia requerida, teria que cumprir algum tempo na prisão. E, quando isso fosse determinado, o guarda rodoviário ter-se-ia adiantado, tirado sua carteira e pago, ele

próprio, a multa para que eu saísse livre. Se ele tivesse feito isso, teria exaltado a lei e, ao mesmo tempo, me salvado da penalidade por minha transgressão.

A humanidade quebrou a lei de Deus. E em vista de não poder Deus perdoar os pecados, Ele não pôde menear a cabeça perante Adão e Eva e declarar: "Podem ir embora! Vocês estão certos." Se tivesse feito isso, todo o Seu Universo estaria correndo perigo.

O governo de nosso país às vezes nos deixa escapar por bem pouco. Podemos às vezes violar a lei e não ser apanhados. De fato, alguns estimam que 80% dos crimes permanecem sem solução. Mesmo quando somos apanhados, podemos ter permissão de escapar à penalidade de nossos pecados.

Não é assim, porém, no governo divino. O pecado não fica sem ser detectado, e não pode ser passado por alto. **Romanos 6:23** é sempre verdadeiro: "O salário do pecado é a morte."

Por causa de Seu amor, Deus encontrou uma saída. A morte de Cristo na cruz deixou-o livre para perdoar os *pecadores*. Assim Ele resguarda tanto Sua justiça quanto sua libertação.

TESE 37

Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras.

Você é o juiz. Estamos em meio à Segunda Guerra Mundial. Hitler é capturado e trazido para o seu tribunal. A evidência contra ele surge revelando horror sobre horror. Você ouve sobre as câmaras de gás. Ouve sobre pessoas obrigadas a cavarem suas próprias sepulturas e depois serem fuziladas para cair nelas. Ouve sobre crianças famintas sendo arrastadas enquanto clamam por seus pais, somente para vê-los sendo mutilados pelos soldados alemães.

Vê fotos de feridas abertas, cadáveres em decomposição, olhos lânguidos. Você é o juiz. Que sentença haveria de proferir?

Espere um minuto, agora! Certifique-se de que agirá com amor! Deseja adquirir a reputação de ser um juiz irado e insensível? Se achar que Hitler deve ser punido, não irá isto colocá-lo no mesmo nível dele?

Um conceito muito falado em tempos recentes é o de que Deus é um Deus de amor e, portanto, não iria ferir a ninguém. Denuncia-se como pagã a idéia de que a morte de Cristo foi necessária. Alega-se: "Deus não é um Deus irado, precisando ser apaziguado. Ele não é um Deus de juízo. O que parece ser o juízo divino é simplesmente resultado de nossas más escolhas. Não seria compatível com o amor de Deus trazer destruição e morte."

Talvez Hitler seja um exemplo extremo. Tentemos encontrar um do Velho Testamento. Os filhos de Israel estavam tendo uma festa. Aproveitavam o fato de Moisés estar fora da cidade, e Arão no comando. Com a ajuda dele, construíram um bezerro de ouro. Mas, bem no auge da celebração, Moisés retornou inesperadamente. Lembra-se do resultado? Os que se arrependeram foram forçados a beber seu ídolo, e os que não se arrependeram foram mortos. Isso parece bastante severo. Deus tomou a atitude amorável nessa situação?

"Foi pela misericórdia de Deus que milhares devessem sofrer, para evitar a necessidade de executar juízos sobre milhões. A fim de salvar a muitos, Ele tinha de castigar a poucos. Ademais, como o povo rejeitara sua submissão a Deus, privara-se da proteção divina, e, despojados de sua defesa, a nação toda estava exposta ao poder dos inimigos. Se o mal não tivesse sido prontamente eliminado, logo teriam eles caído presa de seus numerosos e poderosos adversários. Era necessário para o bem de Israel, e também como

lição a todas as gerações subseqüentes, que o crime fosse imediatamente castigado. E não menos misericórdia era para os próprios pecadores que fossem suprimidos em seu mau caminho. Se sua vida houvesse sido poupada, o mesmo espírito que os levara a rebelar-se contra Deus ter-se-ia manifestado em ódio e contenda entre eles mesmos, e ter-se-iam finalmente destruído uns aos outros. Foi por amor ao mundo, por amor a Israel e mesmo pelos transgressores, que o crime foi punido com uma severidade breve e terrível." – *Patriarcas e Profetas*, págs. 325 e 326.

O pecado nunca fica sem paga. Acarreta morte e não é possível simplesmente cancelar as conseqüências. Somente de um modo pode a justiça lidar com a realidade do pecado, isso é, se algum outro receber a penalidade. "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras." I Coríntios 15:3. Esta é a simples declaração da verdade bíblica sobre o assunto. Isaías 53:5 declara: "Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades." Isaías 53:5.

A justiça é tão amorável quanto a misericórdia. Se o seu filho está batendo em sua filha, você não ama o garoto ou a garota se não fizer alguma coisa para interromper a briga. A morte de Cristo em favor daqueles que aceitam o Seu sacrifício, e a punição final daqueles que não o aceitam, no lago de fogo, é a coisa mais amorável que o Juiz do Universo pode fazer diante da terribilidade do pecado. A morte de Cristo e a punição final dos ímpios revela Seu amor, tanto quanto o faz a Sua misericórdia estendida ao pecador arrependido. O verdadeiro amor deve prover a justiça e a misericórdia combinadas.

A cruz tornou possível que Deus fosse justo e ainda perdoasse a todos.

A princípio, ele estava vibrando. É verdade que havia perdido a última batalha e sido expulso do Céu, mas agora Lúcifer contava com o seu próprio reino, tendo mais de um terço dos anjos celestiais sob seu controle direto. Certamente com este tipo de começo ele em breve seria capaz de reagrupar e realizar um novo ataque, e a próxima batalha haveria de terminar em seu favor.

Mas, não levou muito tempo, os problemas de seu governo começaram a se manifestar. Não havia unidade nas fileiras. Agora que o conflito direto com o Filho de Deus havia findado, os anjos caídos começaram a encenar uns com os outros. Suas freqüentes arengas eram motivo de aborrecimento até mesmo para Satã!

Mas um conflito ainda mais profundo, passava-se em seu coração. Satanás estava solitário. Ele o sentia agudamente no momento em que os coros celestes se dirigiam em louvor a Deus! Tinha sido o líder desses coros. E a terribilidade da escolha que fizera começava a fazer-se sentir. Ele antecipava um futuro que era mais negro do que qualquer coisa que já pudesse ter imaginado.

O livro *História da Redenção* oferece esta descrição:

Satanás treme ao contemplar sua obra. Ele está sozinho, meditando sobre o passado, o presente e o futuro de seus planos. Sua poderosa estrutura vacila como numa tempestade. Um anjo do Céu está passando. Ele o chama e suplica uma entrevista com Cristo. Isto lhe é concedido. Então, relata ao Filho de Deus que está arrependido de sua rebelião e deseja voltar ao favor divino. ... Cristo chorou ante o infortúnio de Satanás mas disse-lhe, como pensamento de Deus, que ele jamais poderia ser recebido no Céu. O Céu não devia ser colocado em perigo. Se fosse recebido de volta,

todo o Céu seria manchado pelo pecado e rebelião originados com ele." – Pág. 26.

Satanás saiu dessa entrevista com Cristo com a determinação de tentar outro estratagema. Determinou provocar a queda da humanidade. Isso cumpriria o que ele falhara em conseguir por outros meios. As primeiras acusações contra Deus haviam questionado Sua justiça. Agora ele teria um campo de prova para testar sua alegação.

Se a humanidade pecasse, isso provaria que a lei de Deus era injusta e não podia ser obedecida. No mínimo, Satanás poderia assumir o governo da Terra. Mas se Deus oferecesse algum plano para restaurar a humanidade ao favor do Céu, então Satanás teria a oportunidade que estava realmente procurando – uma chance de ser reincorporado lá. Pois se Deus podia permitir à humanidade outra chance, seria justo que Satanás recebesse nova oportunidade também.

Mas a mente de Deus já havia feito provisões para uma tal emergência. Desde a eternidade, um plano havia existido para realizar tanto a restauração da caída humanidade, quanto a vindicação de Deus das acusações de Satanás.

Mediante a morte de Cristo na cruz, Deus pôde ser "justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus". Romanos 3:26. O sacrifício de Cristo em nosso favor permitiu a Deus manter tanto a justiça quanto o perdão. A cruz revelou a justiça de Deus, enquanto ao mesmo tempo propiciava um método pelo qual o homem pudesse ser perdoado sem destruir a justiça de Deus.

Para Satanás, que havia pecado deliberadamente em plena luz e conhecimento do amor de Deus, nenhuma manifestação maior desse amor era capaz de mudar seu coração rebelde. Mas para a humanidade, enganada e confusa, Deus podia oferecer outra

oportunidade. Para aqueles que estivessem dispostos a aceitá-lo, o amor, justiça e misericórdia de Deus reveladas na morte de Cristo, fariam uma diferença. Para aqueles que se dispõem a aceitá-lo, um caminho de salvação foi propiciado.

TESE 39

A morte de Cristo foi necessária a fim de sermos perdoados.

Suponhamos que você decida que deseja revelar o amor de Deus ao povo de Chicago. Assim, você se muda para o centro dessa cidade e começa a caminhar pelas ruas, ajudando aqueles que estão em dificuldade, tomando tempo para ouvir os que estão solitários, e fazendo tudo quanto possa para partilhar o amor de Deus com aqueles que encontra.

Mas Chicago é um lugar perigoso, especialmente após escurecer. E se caminhar pelas ruas após a meia-noite, você estará inevitavelmente correndo riscos. Você leva avante seus planos por algum tempo e consegue ser uma bênção para certo número de pessoas. Certa noite, porém, você passa por um beco escuro onde algum criminoso desesperado está à espreita, e você perde a vida.

Aqueles que o conheceram em Chicago descobrem o que lhe ocorreu. Contam a outros como você morreu para revelar o amor de Deus. E assim a sua morte se torna significativa, por causa dos riscos que esteve disposto a correr a fim de alcançar o povo de Chicago com o amor de Deus.

Acredita ser esta uma boa analogia para a morte de Cristo sobre a cruz? Sua morte foi necessária a fim de obtermos o perdão? Ou foi a morte de Cristo meramente acidental? Ele veio à Terra somente para revelar o amor de Deus, mas morreu simplesmente porque a

Terra é um lugar perigoso para se viver? Ou foi Sua morte parte essencial de um plano para salvar a humanidade?

Existe uma "teoria da influência moral" da expiação que insiste em que a morte de Cristo não era essencial. Alega que a humanidade poderia ser perdoada independentemente da morte dEle. Um dos erros que essa teoria tenta desfazer é a idéia de um Deus irado que precisa de "um quilo de carne" a fim de abrandar Sua ira. E a verdade é que o propósito da morte de Cristo não foi satisfazer a vingança de Deus. Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo. Mas a morte de Cristo foi necessária por outras razões?

Há este lampejo no livro *O Grande Conflito*, pág. 73:

"Jesus morreu como sacrifício pelo homem porque a raça caída nada pode fazer para se recomendar a Deus. Os méritos de um Salvador crucificado e ressurgido são o fundamento da fé cristã."

Os sacerdotes e príncipes reuniram-se ao redor da cruz no dia da crucifixão. Não estavam dispostos a aceitar um Cristo crucificado. Disseram: "É rei de Israel! Desça da cruz, e creemos nele." S. Mateus 27:42. É possível ecoar esse mesmo pensamento hoje? É possível desejar que Cristo desça da cruz a fim de ser capaz de crer?

É um golpe ao orgulho humano admitir que precisamos ser salvos, em vez de ser educados. Mas a base integral da fé cristã é a premissa de que a humanidade carece de um Salvador.

A Bíblia ensina repetidamente que Cristo é o nosso Substituto. Talvez a passagem mais bem conhecida esteja em Isaías 53:

"Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos

traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos." Versos 4-6.

Todo o sistema sacrificial, desde Adão e Eva às portas do Éden até o ritual do templo dos dias de Jesus, baseava-se no entendimento de que um substituto deveria vir para tomar o lugar do homem pecador a fim de que este pudesse ser salvo. Cristo era "o Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo". Apocalipse 13:8.

Embora seja mortificante para o coração humano, a salvação só ocorre ao aceitarmos o Salvador crucificado e ressurreto. "Ao ajoelhar-se em fé junto à cruz, alcançou ele o mais alto lugar que o homem pode atingir." – *Atos dos Apóstolos*, pág. 210.

TESE 40

Nada podemos acrescentar ao que Jesus fez na cruz, mas Deus pode acrescentar muitíssimo.

Durante a Assembléia da Associação Geral, em Dallas, Texas, um dos itens da agenda era uma discussão e reexame das doutrinas da igreja. Uma das crenças a que a igreja dedicou especial atenção foi a doutrina da expiação. Comentários a favor e contra surgiam de todo lado – alguns insistindo em que crêssemos numa expiação completa; outros, certos de que cremos numa expiação incompleta. Eu estava sentado na galeria, observando H. M. S. Richards, o pai, sentado lá embaixo no auditório central, lendo sua Bíblia, aparentemente alheio ao que se passava em volta!

Certa vez ele comentou sobre certa Conferência Bíblica de que participara: "Recebi uma grande bênção naquela semana – tive condições de ler totalmente o Novo Testamento enquanto estive

naquelas reuniões!" Mas eu estava deseioso de que ele se levantasse e dissesse alguma coisa para nos ajudar a todos quando W. G. C. Murdoch foi à plataforma. Ele disse: "Os adventistas do sétimo dia sempre creram numa expiação completa que ainda não se completou."

O sacrifício de Cristo sobre a cruz foi um sacrifício completo. Quando Cristo exclamou: "Está consumado", estava dizendo a verdade. Ele havia completado a obra que viera à Terra realizar.

"Ganhara a batalha. Sua destra e Seu santo braço Lhe alcançaram a vitória. Como Vencedor, firmou Sua bandeira nas alturas eternas. Que alegria entre os anjos! Todo o Céu triunfou na vitória do Salvador. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 758.

E nada há que possamos acrescentar ao Seu sacrifício. Nossas boas obras nada adicionam. Nossa obediência ou sacrifício próprio nada somam. Somente podemos aceitar o completo sacrifício de Cristo em nosso benefício.

Mas a expiação ainda não estava completa. Na analogia do Velho Testamento sobre o Dia da Expição, o dia não findava quando o sumo sacerdote oferecia o sacrifício. Os pecados do povo ainda precisavam ser transferidos para o bode expiatório, e o bode expiatório tinha de ser levado para o deserto. Quando Jesus morreu sobre a cruz, a batalha para tornar-se nosso Substituto pelo pecado havia sido ganha. Mas a guerra ainda não estava (nem está) concluída.

Se Deus tencionasse nada mais fazer quanto a nossa reabilitação depois da cruz, nunca deveríamos ter conhecido um dia de dor ou sofrimento ou morte desde então. Quando Cristo saiu da tumba na manhã da ressurreição, todos que sempre viveram e morreram deveriam sair com Ele – não somente as poucas

"primícias". Quando Ele ascendeu ao Céu, todos quantos O aceitaram, desde Adão até o ladrão na cruz, deveriam ter ido para o Céu com Ele. Mas isso não ocorreu, como bem sabemos.

Seria um grave erro imaginar que qualquer coisa que possamos fazer adicione algo ao que Jesus fez por nós na cruz. Seria um mal-entendido semelhante a julgar que todo o plano da salvação foi completado na cruz. A cruz é o fundamento da fé cristã mas nenhum edifício é completo quando o alicerce está completo, não importa quão sólido e firme esse alicerce possa ser.

O tempo adicional necessário para os propósitos de Satanás tornarem-se plenamente conhecidos e reconhecidos por todo o Universo faz também parte do plano de Deus. Levar o evangelho a todo o mundo, para que cada indivíduo possa ter uma oportunidade adequada de aceitá-Lo ou rejeitá-Lo, é parte do plano de Deus. A vinda de Jesus em poder e glória para levar Seus filhos para o lar celestial é parte do plano de Deus. Os mil anos no Céu, dando a cada pessoa uma chance de examinar os registros do julgamento e saber que Deus foi justo e bom, é parte do plano de Deus. O confronto final com os exércitos do inimigo, o desmascaramento de Satanás perante as multidões a observar, quando todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus Cristo é Senhor – isto também é parte do plano de Deus.

E a destruição dos ímpios, raiz e ramos, seguida pela recriação da Terra, também são parte do maravilhoso plano de Deus para nossa salvação e restauração. Ele apenas começou. O fim será mais glorioso do que podemos imaginar, pois "desde a antigüidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de Ti, que trabalha para aquele que nEle espera." Isaías 64:4.

SEGURANÇA

TESE 41

Permanecer com Jesus é tão importante quanto ir a Ele.

O que é mais importante, casar, ou permanecer casado? Tenho-me divertido fazendo esta pergunta a vários auditórios pelo país, e pedindo que as pessoas levantem a mão para responder. Mas, após considerarmos a questão por alguns minutos a pergunta que sempre provoca a maior manifestação de mãos erguidas é quando eu finalmente indago: "Quantos pensam que esta é uma pergunta boba?"

Obviamente casar não representa muita coisa se você não planeja permanecer casado. E você não pode permanecer casado se nunca se casou.

Mas quão freqüentemente nos lembramos desse princípio na vida cristã? Ir a Jesus é importante, sem dúvida alguma. Mas isso constitui apenas o início. A fim de permanecermos cristãos, precisamos continuar a ir a Ele. É tão importante permanecer com Jesus quanto é ir a Ele, em primeiro lugar.

"Não importa quão completa possa ter sido nossa consagração quando da conversão, de nada nos servirá a menos que seja renovada diariamente." – Ellen G. White, *Review and Herald*, 6 de janeiro de 1885.

"Seguir a Jesus requer conversão integral desde o princípio, e uma repetição dessa conversão cada dia." – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 1, pág. 1.113.

Jesus disse: "Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-Me." S. Lucas 9:23.

O cristianismo é mais do que uma decisão de única vez – é uma maneira de vida. E conquanto esta pareça ser uma verdade elementar, muitos a perderam de vista e descobriram, para seu desencanto, que para servir ao Senhor há um caminho para cima.

Compreendemos quanto a dedicação diária é necessária num casamento. Sabemos ser isto verdade no dia-a-dia das atividades seculares. Não importa quão brilhantemente você se saia numa entrevista para obter um emprego, ou quão aplicadamente trabalhe no primeiro dia de seu novo emprego. Se parar nesse ponto, logo se achará desempregado. Você pode iniciar um programa de exercícios e ficar até sem fôlego de tanto empenho na primeira vez, mas a menos que prossiga nessa prática dia após dia, não verá resultado algum. Dar à luz um bebê é um procedimento complicado, mas seu

trabalho como pai ou mãe está apenas começando, quando seu filho nasce. Muito mais está envolvido em obter instrução do que comparecer no dia da matrícula, por mais importante que isso possa parecer.

Se nas coisas comuns da vida é tão evidente que uma decisão de vez única é insuficiente, então quanto mais não devíamos reconhecer a importância da dedicação, quando as coisas da eternidade estão envolvidas!

Às vezes tenho falado sobre o método de permanecer com Jesus, e a importância de passar tempo com Ele dia após dia. Então alguém se chega a mim após o culto e diz: "Tentei isso, mas não consegui!"

"Por quanto tempo tentou?", pergunto. "Três dias."

Não devíamos estar dispostos a conceder a Deus pelo menos tempo igual ao dispensado às coisas desta vida? Pode haver algumas tarefas que você simplesmente não pode realizar. Pode haver algumas situações matrimoniais insuportáveis. Pode haver certos tipos de educação para os quais você não está qualificado. Mas, quando se tem pela frente a vida cristã, somente uma coisa é requerida: que vá a Jesus, e que continue indo a Ele dia após dia. Se se mantiver indo a Ele, Deus mesmo se responsabiliza por cuidar de tudo o mais que precise ocorrer em sua vida.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 302:

"Se o olhar se mantiver fixo em Jesus, a obra do Espírito não cessa, até que a alma esteja conforme a Sua imagem."

TESE 42

A segurança da salvação continua mediante o relacionamento pessoal diário com Jesus.

"E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." I S. João 5:11 e 12.

Você tem o Filho? Você sabe o que significa ter o Filho? O apóstolo João indica nesse texto que ter ou não ter o Filho, é o fator que determina se temos ou não a vida eterna. Mas o que significa "ter o Filho?"

Às vezes as palavras e frases que empregamos para descrever e definir a vida cristã são confusas. Quando eu era adolescente, julgava muito frustrante ouvir constantemente as frases de efeito do cristianismo, sem entender o sentido delas.

Que significa "ter o Filho"? O que significa "cair sobre a Rocha"? Como você "contempla o Cordeiro"? Como você "estende a mão e apanha a dEle"? Empregamos uma variedade dessas expressões, não é mesmo? A Bíblia as emprega. Os escritos inspirados de nossa igreja as contêm.

No início de meu ministério, sentia-me muito frustrado por tentar agir como um cristão, e falar como um cristão, e pregar como um cristão; quando, na verdade, eu não era um cristão, pois estava a ponto de desistir de todo esse negócio. Mas um dia decidi fazer mais uma tentativa. Tomei o livro *Caminho a Cristo* e o li todo, sublinhando tudo quanto este me mandava fazer. Quando terminei, tinha sublinhado praticamente o livro inteiro. Não apenas isso, mas muito do que havia sublinhado eram essas sentenças intangíveis.

Estava quase a ponto de lançar o livro no fogo, quando algo me deteve. Pois mesmo estando mais distante do que nunca de ter as respostas que procurava, algo ocorrera dentro em mim que eu não podia explicar, mas não podia negar.

Assim, decidi fazer uma coisa mais: retornaria ao livro e sublinharia duas vezes tudo quanto me dizia que fizesse que eu já

soubesse como fazer. E foi assim que comecei a compreender as questões básicas do viver a vida cristã. Sublinhei três coisas – leia sua Bíblia, ore, e fale a alguém sobre o que obteve por fazer as duas primeiras coisas.

Toda vez que deparar uma sentença intangível, seja na Bíblia ou no que chamamos Espírito de Profecia, se olhar com um pouco mais de atenção descobrirá que está falando sobre uma dessas três coisas tangíveis que tornam as intangíveis em tangíveis!

Com isso em mente, consideremos novamente **I S. João 5:11 e 12**: "Aquele que tem o Filho tem a vida." Ora, nós empregamos essas mesmas palavras em nossa linguagem diária!

Nós dizemos, "eu tenho um amigo", "eu tenho uma esposa", "ela tem um marido". Sobre que estamos falando? Estamos descrevendo uma relação com essa pessoa.

Se temos o Filho, temos uma relação com o Filho de Deus. Estamos falando sobre passar tempo em comunicação com Ele. Falamos com Ele em oração. Ouvimos quando nos fala em Sua Palavra. Trabalhamos com Ele no serviço em prol dos outros.

Assim, se a base da vida eterna é "ter o Filho", então a base da vida eterna é ter um relacionamento com Jesus, saber o que significa passar tempo em ligação e comunhão com Ele dia após dia.

Nossa certeza de salvação não se baseia em ser membro da igreja. Não se baseia em pureza doutrinária. Não se baseia em comportamento. Baseia-se num relacionamento ativo com uma Pessoa.

"Aqueles que mantiverem os olhos fixos na vida do Senhor Jesus obterão abundante entrada em Seu templo espiritual." – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1.086.

"Nenhum coração renovado pode ser mantido numa condição de doçura sem a aplicação diária do sal da Palavra. A graça divina precisa ser recebida diariamente, ou nenhum homem permanecerá convertido." – Ellen G. White, *Review and Herald*, 14 de setembro de 1897.

Ao ir a Jesus dia após dia, aceitando novamente Sua graça e buscando conhecê-Lo melhor e nEle confiar mais, você pode ter a certeza da vida eterna.

TESE 43

Os cristãos devem saber que têm a garantia da salvação hoje.

Que resposta dará se alguém lhe perguntar: "Você está salvo?" Já lhe aconteceu isso? Que resposta deu?

Os escritos inspirados para nossa igreja nos dão algumas sérias advertências contra declarar: "Estou salvo". Notemos algumas dessas declarações.

"Jamais devemos repousar num estado de satisfação, e deixar de fazer progresso, dizendo: 'Estou salvo.' Se é entretida esta idéia, deixam de existir os motivos para a vigilância, a oração, o esforço sincero em seguir para a frente, rumo de realizações mais elevadas. Nenhuma língua santificada será encontrada pronunciando essas palavras antes que venha Cristo, e entremos pelas portas da cidade de Deus. Então, com a maior propriedade, poderemos dar glória a Deus e ao Cordeiro, pelo livramento eterno. Enquanto o homem estiver carregado de fraquezas - pois por si mesmo não pode salvar a alma - não deve nunca atrever-se a dizer: 'Estou salvo.' " – *Mensagens Escolhidos*, Livro 1, pág. 314.

Um parágrafo semelhante é achado em *Parábolas de Jesus*, pág. 155, que reza: "Jamais podemos confiar seguramente em nós mesmos ou sentir, aquém do Céu, que estamos livres da tentação. Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isso é enganoso. Deve-se ensinar cada pessoa a acariciar esperança e fé; mas, mesmo quando nos entregamos a Cristo e sabemos que Ele nos aceita não estamos fora do alcance da tentação. A Palavra de Deus declara: 'Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados.' Dan. 12:10. Só aquele que 'sofre a tentação... receberá a coroa da vida'. Tia. 1:12."

Observe que essas advertências são contra a idéia de uma vez salvo, sempre salvo. Estão falando sobre o pensamento de que apenas porque uma vez *fomos* salvos, isso automaticamente nos garantirá que por fim *seremos* salvos. Pode haver uma diferença real entre declarar: "Estou salvo hoje", e "estarei salvo no Céu."

Uma pessoa surgiu com uma boa resposta para enfrentar ambas as questões. Quando indagada: "Você está salvo?", respondia: "Até agora!"

Mas limitemos nossa atenção, por ora, à questão do *hoje*. Você está salvo *hoje*? Como responde? Dirá: "Espero que sim", ou "Acho que sim", ou "Penso que descobrirei quando chegar o dia do juízo"? Ou pode confortavelmente responder: "Sim, tenho certeza da salvação hoje"?

A pergunta sobre a salvação pessoal é a mais freqüentemente formulada em círculos cristãos. Toda vez que pesquisas dão aos cristãos a oportunidade de mencionar sua preocupação mais urgente, esta surge como a primeira. É a pergunta comum para jovens e velhos, igualmente. Se pedir a um auditório que escreva num papel a pergunta que gostariam de formular, se pudessem saber com

certeza que obteriam a resposta certa, as perguntas sobre a garantia da salvação seriam sempre a maioria. "Eu estarei no Céu?" "Haverei de ser salvo?" "Vou consegui-lo?" É uma espécie de preocupação egocêntrica! De fato, é um dos métodos principais que o diabo emprega para centralizar nossa atenção sobre nós próprios e levar-nos a perder de vista a Jesus.

Caminho a Cristo, págs. 71 e 72, nos adverte acerca disso. Diz lá:

"Não devemos fazer de nós mesmos o centro, nutrindo ansiedade e temor quanto à nossa salvação. Tudo isto desvia a alma da Fonte de nosso poder. Confiai a Deus a preservação de vossa alma, e nEle esperai. Falai e pensai em Jesus. Que o próprio eu se perca nEle. Ponde de parte a dúvida; despedi vossos temores."

Devemos sempre viver a vida cristã um dia de cada vez. Busque a Deus para companheirismo e comunhão um dia de cada vez. Vá a Ele em busca de arrependimento e perdão um dia por vez. Deponha todos os seus planos aos Seus pés, para serem levados adiante ou renunciados segundo Sua providência o indique, um dia por vez. Vá a Ele buscando o derramamento do Espírito, força para as provas, sabedoria para o serviço, um dia por vez. E, ao fazê-lo, podemos aceitar Sua garantia de salvação um dia por vez. "Se estiver em harmonia com Deus hoje, estará pronto se Cristo vier hoje." – *In Heavenly Places*, pág. 227.

Se esteve tentando basear sua segurança de salvação em sua experiência passada com Deus – mesmo que a experiência passada tenha ocorrido tão recentemente quanto ontem – então está cometendo um erro. Se esteve tentando de algum modo reunir segurança suficiente para perdurar até o fim de sua vida – mesmo que sua vida termine amanhã – então está em maus lençóis. Mas você pode ter a certeza da salvação hoje. E se tomar tempo dia após

dia para certificar-se de sua aceitação da aceitação de Deus, o fim de sua vida sobre a Terra o encontrará entre os salvos na eternidade.

TESE 44

A Bíblia ensina que uma vez salvo, sempre salvo, enquanto se permanece salvo.

Certa noite fui ouvir um pregador da Igreja do Nazareno pregar, e ele disse: "Cremos que uma vez salvo, sempre salvo, enquanto se permanece salvo." Esta é uma crença que os adventistas do sétimo dia têm em comum com a Igreja do Nazareno!

Um vasto segmento do mundo cristão evangélico crê que tudo quanto é necessário para se salvar é acenar com a cabeça olhando para o Céu uma vez na vida, e sua salvação eterna estará assegurada. Crêem que não importa que escolha faça, ou a direção de sua vida após o ponto de decisão inicial por Cristo – no final você se achará atravessando os portões de pérola da cidade de Deus.

Mas o ensino bíblico sobre este assunto é muito claro: "E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo." S. Mateus 24:12 e 13.

Jesus ensinou o mesmo princípio em S. João 15. Ele estava proferindo Suas últimas palavras aos discípulos, quando a caminho do Getsêmani. Apontando para as vinhas, visíveis sob o luar, tentava uma vez mais explicar o relacionamento que se deve manter com Ele a fim de se ter vida. Disse, no verso 6: "Se alguém não permanecer em Mim, será lançado fora á semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam." Assim, é possível ser um ramo, mas não permanecer com a vinha ou estar-lhe

ligado. E quando essa separação continua, chega o tempo em que o ramo é removido.

Em Sua parábola sobre a festa nupcial de S. Mateus 22, Jesus também fala da possibilidade de iniciar-se mas não manter-se na vida cristã. O rei tinha preparado a festa. O homem havia aceito o convite para a festa. Ele havia tido um começo. Mas havia negligenciado ou recusado trajar a veste nupcial, e quando o rei veio para examinar os convidados, o homem foi achado em falta. O rei deu a ordem: "Amarrai-o de pés e mãos, e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e tanger de dentes." Verso 13.

"O homem pecaminoso só pode encontrar esperança e justiça em Deus; e nenhum ser humano é justo além do tempo em que tem fé em Deus e com Ele mantém vital ligação." – *Testemunhos Para Ministros*, pág. 367.

Como já fizemos observar, a segurança de salvação continua na medida em que prossegue o nosso relacionamento com Deus, enquanto continuarmos a aceitar Seus dons de arrependimento, perdão e graça. A salvação contínua baseia-se nesse relacionamento de fé com Ele, não em nosso comportamento ou realização. E nenhum relacionamento perdura por tempo superior àquele em que continua o relacionamento.

Sabemos por nossos relacionamentos humanos, que é possível ter tido um relacionamento com alguém durante algum tempo, mas não ter mais esse relacionamento hoje. A menos que um relacionamento seja mantido ativo por contínuo companheirismo, comunicação e contato, inevitavelmente morrerá.

O mesmo é verdade em nosso relacionamento com Deus. A Bíblia registra fielmente o exemplo de homens como Enoque, Moisés, Daniel e Paulo, que continuaram a andar com Deus até o fim de sua existência. Paulo conseguiu declarar, perto do fim de sua

vida: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada." II Timóteo 4:7 e 8. Ele não disse: "Uni-me ao lado certo; iniciei o curso correto de ação; outrora tive fé." Não, ele havia *guardado* a fé, combatendo até o fim.

E a Bíblia também nos fala sobre aqueles que começaram com Deus, mas adiram pelo caminho e perderam a salvação que uma vez tiveram. Caim começou oferecendo sacrifícios matinais e vespertinos com os demais da família. Mas não perseverou até o fim. O rei Saul começou como um convertido, um humilde filho de Deus. Mas assumiu o controle de sua própria vida e, em resultado, terminou com ela. Balaão foi por algum tempo um profeta de Deus, mas, a despeito de ter falado com o jumento, do anjo que apareceu para adverti-lo, e da voz de Deus em sonhos da noite para aconselhá-lo, estava mais interessado em sua própria glória do que na glória de Deus, e se tornou aliado dos inimigos do povo de Deus. Judas era parte do círculo íntimo; ele ouviu as palavras e viu as obras de Cristo. Recebeu um lugar como missionário e uniu-se aos outros discípulos na cura dos doentes, e expulsão de demônios, e ressurreição dos mortos. Mas se afastou disso tudo e traiu o Senhor.

Ser salvo uma vez é importante. Continuar a aceitar a salvação é igualmente importante.

TESE 45

A paz não resulta da vitória, mas a vitória resulta da paz.

Ela estivera bastante envolvida com a contracultura, incluindo drogas e tudo o mais. Agora tentava encontrar o caminho de volta, e havia descoberto que não era fácil. Fizera amizade com um dos

jovens no ambiente universitário, e ele a trouxe até o meu escritório em busca de aconselhamento.

Ao descrever-me o seu dilema, contando de sua desilusão com o que o mundo tem a oferecer, mas admitindo sua incapacidade de mudar padrões de comportamento aos quais se havia escravizado, algo me foi despertado na mente. Ela falava quase como a descrição que encontramos no livro *Caminho a Cristo*, pág. 49.

"À medida que vossa consciência foi sendo despertada pelo Espírito Santo, vistes algo da malignidade do pecado, de seu poder, sua culpa, sua miséria; e o olhais com aversão. Sentis que o pecado vos separou de Deus, que estais cativos do poder do mal. Quanto mais lutais por escapar a ele, tanto mais reconheceis vossa impotência. Vossos motivos são impuros; impuro é vosso coração. Vedes que vossa vida tem sido repleta de egoísmo e pecado. Almejais então o perdão, a pureza, a liberdade. Harmonia com Deus, Sua semelhança – que podeis fazer para alcançá-las?"

"Sim", disse ela. "Isto sou eu. Este é o meu problema. Depressa! Apresente-me a resposta. O que eu posso fazer?" Detenha-se comigo por um momento para considerar qual poderia ser a resposta. O primeiro parágrafo descreve uma vida bagunçada. O Espírito Santo tem estado operando no coração, e a pessoa fez-se ciente de sua grande necessidade. Mas se convenceu também de seu grande desamparo. Parece não conseguir a vitória sobre sua vida de pecado, e está indagando como ser livre. De que carece essa pessoa a fim de ser perdoada e purificada?

Se você for um comportamentalista, sua primeira resposta seria na área de realização. Você poderia dizer: "Essa pessoa precisa tentar mais firmemente fazer o que é correto. Não deve desanimar. Deve decidir-se por obedecer a Deus, e Deus então lhe concederá todo poder de que carece para manter-se nessa escolha." Se for um

relacionista, sua primeira resposta poderá ser no sentido de que a pessoa descrita aqui precisa ler a Bíblia e orar mais.

Se for um religionista, poderá admoestá-la, dizendo que a solução jaz em ligar-se à igreja, associando-se com outros crentes.

Mas, qual é a resposta dada em *Caminho a Cristo*? Exatamente a sentença seguinte, ainda na página 49, declara: "Paz, eis vossa necessidade." (Ênfase acrescentada.)

Que resposta! Até soa como dizer a um homem que está morrendo de sede que ele precisa de água. Dizer a uma criança morrendo de inanição que ela precisa de alimento. Ou a uma família à beira da falência, que precisa de dinheiro. Como pode alguém ter paz quando sua vida está em confusão?

Mas, espere. "Paz, eis vossa necessidade – o perdão, a paz e o amor celestes em vossa alma. O dinheiro não a pode comprar, não a consegue a inteligência, nem a sabedoria a alcança. Mas Deus vo-la oferece como um dom, "sem dinheiro e sem preço". Isa. 55:1. Ela vos pertence: basta que estendais a mão e a apanheis." – *Ibid*.

Considere uma criança que está crescendo e se desenvolvendo. Alguma vez comete erros? Alguma vez fracassa ou falha? Faz alguma vez coisas tolas? Como devemos tratá-la? É um princípio universal e permanente que o único que pode superar os seus erros e falhas é aquele que é amado e aceito enquanto os está cometendo.

Que tal aprender a dirigir? Lembra-se de como foi isso? Você fez tudo certinho da primeira vez? Os únicos que aprenderão a dirigir são os que têm permissão de cometer erros e ainda assim continuam tentando.

Já começou a trabalhar num novo emprego? Executou todo o serviço perfeitamente desde o primeiro dia? Ou o seu chefe esperava que tomasse algum tempo para aprender? Quando um novo empregado chega para trabalhar, mesmo no mundo dos

négócios se dá uma tolerância por sua inexperiência. Ele é aceito e confirmado enquanto aprende. Esse é o único ambiente no qual uma pessoa pode relaxar e lembrar-se da maneira certa de fazer as coisas.

Jesus disse à mulher apanhada em adultério: "Nem Eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais." S. João 8:11. A única pessoa que pode esperar ir e não mais pecar é aquela que sabe não estar condenada. A paz deve vir em primeiro lugar. A paz traz consigo libertação.

TESE 46

Uma razão por que continuamos a pecar é não crermos que fomos perdoados. A segurança conduz à vitória. A incerteza conduz à derrota.

Numa igreja que pastoreei há vários anos, certa família adotou uma garotinha de cinco anos. Tendo como mãe uma mulher marginalizada, a criança já havia experimentado mais do lado negro da vida do que a maior parte das pessoas durante toda a existência. Tinha aprendido a sobreviver, mas não sabia como viver. Sabia como odiar, mas não como amar. Em vários aspectos, ela parecia um caso irremediável.

Ela já havia passada por uma série de lares adotivos. Ela falava do seu passado em termos de "Mamãe Karen", "Mamãe Becky", e "Mamãe Ana". Todas estas a haviam rejeitado. Agora ela havia sido adotada por uma família cristã, com promessa de um lar permanente. Mas não sabia o que significava permanência. Tudo quanto entendia era temporário e não se dispunha a deixar-se ferir novamente.

Ela estava tão certa de que seria abandonada, que até fazia tudo quanto podia para apressar o processo. Era mestra em transtornar

uma casa. Em razão de ter sido vítima de tantos abusos desde quando era bebê, nenhuma punição podia controlá-la. Às vezes, sua nova família se desesperava, imaginando ser impossível alcançá-la.

Na medida em que continuava convencida de que seu mau comportamento resultaria em sua rejeição, ela continuava a rebelar-se. A reviravolta ocorreu quando percebeu que não importava quão má fosse, seria aceita assim mesmo. Somente quando sua nova família finalmente lhe transmitiu aceitação incondicional, foi ela capaz de começar seu processo de cura. Somente então, descobriu que a desobediência não era mais necessária.

Uma das coisas que a ajudaram, foi entender claramente as conseqüências de certas ações. As conseqüências eram justas, não más. Ela, porém não tinha permissão de comportar-se mal "gratuitamente". Ao mesmo tempo, vagarosamente chegou a entender que a conseqüência de desobedecer era não ser rejeitada e mandada embora. Seu lugar na família estava assegurado enquanto se dispusesse a permanecer.

Às vezes, temos olhado a Deus da mesma forma que essa criança considerava seus novos pais. Temos estado tão certos de que Ele nos vai rejeitar devido ao que somos, que continuamos sendo o que somos! Continuamos a pecar por não crermos que somos perdoados. Continuamos derrotados por não ter nenhuma garantia de que Ele nos aceita mesmo enquanto crescemos.

Significa isto que o pecado está certo, que podemos quebrar Sua lei e continuar sem punição? Não, as ações más têm conseqüências. Mas o sermos rejeitados por Deus não chega a ser uma delas - na medida em que permaneçamos "na família" e continuemos a ir a Ele em busca de cura, perdão e poder.

Caminho a Cristo, pág. 52, coloca a questão desta forma:

"Julgam alguns que têm de submeter-se a uma prova e demonstrar primeiro ao Senhor que estão reformados, antes de poder pedir Sua bênção. Mas podem invocar a bênção de Deus agora mesmo. Necessitam de Sua graça, do Espírito de Cristo, que lhes ajude as fraquezas; do contrário, não poderão resistir ao mal. Jesus estima que a Ele nos cheguemos tais como somos, pecaminosos, desamparados, dependentes. Podemos ir a Ele com todas as nossas fraquezas, leviandade e pecaminosidade, e rojar-nos arrependidos aos Seus pés. É Seu prazer estreitar-nos em Seus braços de amor, atar nossas feridas, purificar-nos de toda a impureza."

I S. João 3:2 declara: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque havemos de vê-Lo como Ele é."

Nossa parte é certificar-nos de que agora continuamos em relacionamento com Ele como Seus filhos e filhas. Sua parte é assegurar que, seja o que for que precise ser feito para tomar-nos semelhantes a Ele, será feito em tempo.

Jesus aprecia que vamos a Ele tal como somos, pois esta é a única maneira em que *podemos* ir. Ele não estabelece limites ao número de vezes que vamos a Ele para ainda sermos aceitos. Amamos porque somos Seus filhos, não porque haja qualquer bem em nós. E quando, finalmente, chegamos a compreender que somos amados e aceitos por Ele, começamos nosso processo de cura. Aceitar Sua aceitação faz a diferença.

RELACIONAMENTO

TESE 47

Justificação pela fé é uma experiência, não uma teoria apenas.

Permita-me dar-lhe uma receita para torta de morangos: Você coloca um pedaço de bolo no fundo de uma forma grande. Alguns empregam bolo de consistência fofa; outros, preferem um tipo de material mais firme. Há também os que preferem bolo branco, simples. Seja o que for que empregue, você forma uma pilha de morangos sobre essa base. Se for inverno, poderá ter que usar

morangos congelados. Mas a fruta fresca é melhor. E depois, por cima dos morangos, coloque bastante creme *chantilly*.

Os detalhes ou métodos podem variar ligeiramente de pessoa para pessoa. Mas uma coisa é certa. Torta de morangos é uma experiência, e não só uma teoria! Todas as variações dos três ingredientes – bolo, morangos e cobertura de *chantilly* – têm um objetivo único no final de contas. Afim de apreciar plenamente torta de morangos, você tem que experimentá-la.

Falamos sobre os três ingredientes tangíveis na vida cristã que entram na constituição dessa coisa chamada "relacionamento". Temos conversado sobre estudo bíblico, oração e testemunho cristão ou serviço aos semelhantes. Nesta seção, irei tratar sobre a "receita" para uma vida devocional significativa.

Mas, acima de tudo isso, você deve compreender claramente um fato: A teoria à parte da experiência é de pouco valor. A fim de tirar proveito da "receita", você deve prová-la por você mesmo!

Há uma vasta diferença entre conhecer alguém, e simplesmente conhecer *sobre* alguém. Você pode ler sobre Abraão Lincoln ou Florence Nightingale. Pode conhecer a história deles, memorizar suas declarações, admirar-lhes a vida. Mas você não pode ter um relacionamento pessoal com eles. Não pode conhecê-los; pode apenas saber a respeito deles.

Muitos cristãos se têm contentado com saber sobre Deus. Reúnem informação de Sua Palavra de vez em quando. Discutem sobre Ele na classe da Escola Sabatina semana após semana. Reconhecem que Ele é amável, e justo, e misericordioso. Admiram-no à distância. Mas nunca chegam a conhecê-Lo por si mesmos numa comunhão pessoal um a um.

O salmista declara: " Oh! provai, e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nEle se refugia." Salmo 34:8.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 347 nos diz:

"Falar de religião de maneira casual, orar sem ter a alma faminta e viva fé, nada aproveita. A fé nominal em Cristo, que O aceita apenas como o Salvador do mundo, não pode nunca trazer cura à alma. A fé que opera salvação, não é mero assentimento espiritual à verdade. ... Não basta crer no que se diz acerca de Cristo; devemos crer *nEle*. A única fé que nos beneficiará, é a que O abraça como Salvador pessoal; que se apropria de Seus méritos."

A receita é importante. Mas o provar e experimentar é ainda mais importante. Poderá ler sobre uma boa receita, mas só pode tomar a decisão de prová-la por você mesmo!

Existe uma receita de relacionamento com Cristo? Eis aqui uma que muitos têm achado significativa. **Tome tempo, sozinho, no início de cada dia para buscar a Jesus mediante Sua Palavra, e por meio da oração.**

Tome tempo. Relacionamentos não se dão num instante. Ouvimos falar muito nestes dias sobre "qualidade" de tempo *versus* "quantidade" de tempo. Mas há limites quanto ao montante de qualidade que pode receber ou dar se a quantidade for insignificante.

Sozinho. É no convívio com a outra pessoa que ocorre a mais profunda comunhão. Isso é verdade em matrimônios, famílias e amizades. É também verdade com relação a Deus.

No início de cada dia. A regularidade é importante. Esteja em pauta seguir um programa de exercícios, aprender a tocar piano ou fazer um amigo, o contato raro não é suficiente.

Buscar a Jesus. O enfoque da vida devocional sempre será Ele. A vida devocional não pretende ser um estudo de profecia ou doutrina ou temperança. É familiarizar-se com uma Pessoa.

Mediante Sua Palavra e mediante oração. Ele nos fala mediante Sua Palavra; nós Lhe respondemos mediante a oração. Falar e ouvir são elementos básicos da comunicação.

Não se detenha na receita apenas; seja de torta de morangos ou sobre como conhecer a Deus. Experimente-a por você mesmo. Somente então você realmente compreenderá o seu valor.

TESE 48

A vida devocional do cristão não é opcional. O relacionamento com Deus é a base integral da vida cristã ativa.

Alan jamais pensava em passar da hora de acordar. Havia colocado o despertador para soar às 6:30h como sempre, mas estivera acordado até tarde na noite anterior. E, quando o alarme tocou, despertou apenas o suficiente para apertar o botão de desligar e tomar a cair no sono. Quando finalmente acordou, já eram 7:55h, e sua primeira aula estava a cinco minutos, após sua corrida através do campus.

Agora, por favor não me entenda mal. Alan realmente acreditava na importância de vestir-se pela manhã – e barbear-se, e escovar os dentes, e pentear o cabelo. Mas simplesmente não havia tempo. O professor de sua aula das oito não lhe perdoaria a ausência ou atraso, e, além disso, ele teria um teste naquela manhã. Apesar de detestar ter que fazê-lo, Alan pulou da cama, apanhou seus livros e cadernos e correu para a porta. Escorregou sobre sua carteira exatamente no momento em que soava a sineta.

Você já conheceu um Alan? Passei a maior parte de minha vida numa sala de aulas ou em suas proximidades; os primeiros dezesseis anos como estudante, seguidos de pelo menos dezesseis anos

adicionais como professor de meio-período. Já vi milhares de estudantes, e nunca vi um que viesse para a sala de aulas de pijamas! De algum modo, não importa quão ocupados estejam, quão tarde acordem pela manhã ou quão importante seja a aula, eles conseguiram ajustar seus horários de forma a se apresentarem em classe plenamente vestidos!

Contudo, não só estudantes, mas pessoas mais idosas também, alegam repetidas vezes que não conseguem dedicar um tempo regular para a vida devocional com Deus, porque não dispõem de tempo.

Numa convenção médica no Leste, poucos meses antes de redigir este manuscrito, ouvi isso outra vez. A esposa de um médico perguntou, com evidente sinceridade: "Mas que fazer, se a gente não tem tempo?"

Encontramos tempo para nos vestir e nos arrumar todo dia. Encontramos tempo para tomar nossas refeições. Contudo, deixamos de achar tempo para revestir-nos do manto da justiça de Cristo e comer o Pão da Vida. Qual é o problema? É falta de tempo? Não. Cada um de nós tem vinte e quatro horas no dia. Não nos falta tempo; falta-nos motivação.

Quando declaramos que não temos tempo para uma coisa, estamos realmente dizendo que não a consideramos importante. É ainda verdade que você dispõe de tempo para o que julga ser o mais importante. Falta de tempo não é uma escusa para nada, mesmo neste mundo. As coisas para que você tem tempo são aquelas a que você atribui maior valor, e as coisas para que você não dispõe de tempo são as que você julga menos importantes. É tão simples quanto isso.

Jesus indicou isto a Marta, quando hóspede em sua casa em Betânia. Ela não tinha tempo para assentar-se a Seus pés, e não

julgava que Maria tivesse tempo também! Não se preocupe com a entrevista pessoal com o Filho de Deus – o fato importante na mente de Marta era ter o jantar pronto sobre a mesa! E Jesus teve que lembrá-la sobre o que era necessário e o que não era. "Marta! Marta! andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte e esta não lhe será tirada." S. Lucas 10:41 e 42.

Você pensa que é sua condição de membro da igreja que lhe garantirá a salvação? Julga que é seu comportamento moral? Julga que é o "trabalhar para o Senhor", mesmo se esquecendo do Senhor da obra? Ou crê em S. João 17:3, segundo o que "a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste"?

É-nos dito que "nosso eterno bem-estar depende do uso que fazemos, durante esta vida, de nosso tempo." – *Testimonies*, vol. 5, pág. 375. Entretanto, quantas vezes temos decidido, por nossos atos, que não dispomos de tempo para Deus!

Hoje você é convidado para o relacionamento e comunhão com Jesus – a coisa, acima de todas as outras, para a qual cada um de nós deveria reservar tempo. Se você não tiver tempo para Ele, não tem tempo para viver!

TESE 49

Se não tomarmos tempo para a Bíblia e a oração, iremos morrer espiritualmente.

Qual foi o maior espaço de tempo que já passou sem comer? Quase todos provavelmente já ficamos sem uma refeição de quando em quando. Que tal 24 horas sem comer? Já passou todo esse tempo sem alimentar-se? Às vezes a gente tem que jejuar por todo esse

tempo antes de uma cirurgia importante. Mas que tal passar 24 horas sem comer quando estamos com boa saúde e empenhados em atividades normais? Já fez isso alguma vez?

A Bíblia diz que Jesus e Moisés passaram 40 dias sem comer. Também registra que Deus os sustentou de maneira especial durante esse tempo. Podemos dizer com segurança, que, para a maioria de nós, jejuar direto ainda que só por 24 horas talvez não seja comum.

Quando freqüentava a universidade, o refeitório tinha certa cota de cobrança mínima por estudante. Se você comesse mais, pagaria mais. Mas se comesse menos, ainda assim pagaria a taxa mínima.

Certo mês, decidi comer menos do que o mínimo; assim não teria que pagar mais. Por toda uma semana, durante aquele mês, não comi nada! Bebia suco, e somente isso! Não só era capaz de prosseguir com minhas atividades regulares, como não me sentia particularmente faminto.

Suponhamos que eu tivesse decidido, após aquela experiência de uma semana, que a forma de atravessar os anos de universidade com o mínimo gasto possível seria continuar nesse padrão ao longo dos quatro anos inteiros. Não demoraria muito para que me apanhassem em alguma calçada e me levassem para o hospital, não é mesmo?

Em S. João 6, Jesus comparou a vida espiritual de comunhão e relacionamento com Ele com a vida física. Ele disse: "Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos." Verso 53. Tal como ocorre com uma lei da vida física, assim o será na vida espiritual: se você não comer, irá morrer. Pode não acontecer do dia para a noite, seja física ou espiritualmente. Mas a lei é, não obstante, certa quanto a tudo isso. O resultado final será inevitável.

A Sra. White nos disse que "Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a refletir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais." – *O Desejado de Todos as Nações*, pág. 83.

Esta é a receita para uma dieta espiritual bem equilibrada. Quando nosso alimento espiritual se centraliza na vida de Cristo, nós crescemos.

A oração tem sido chamada de "respiração da alma". E isso estabelece limites ainda mais estreitos. Você pode ser capaz de passar um dia sem comer, mas ninguém pode passar um dia sem respirar!

Assim, quando eu falo de um relacionamento com Cristo, não me refiro a algo supérfluo que irá beneficiá-lo se você tiver tempo ou inclinação para tirar vantagem do fato. Estou falando sobre vida e morte. Se não comer ou respirar espiritualmente, você morrerá. Só com a contínua comunhão e companheirismo com Cristo a vida espiritual perdurará.

TESE 50

Só porque você lê a Bíblia e ora não significa que terá um relacionamento com Deus. Mas se não o fizer, não terá.

Toda vez que surge um debate sobre a vida devocional do cristão e a importância de passar tempo, dia após dia, com Deus em Sua Palavra e em oração, alguém pergunta: "Não é possível que a vida devocional se transforme em apenas outro sistema de salvação pelas obras?"

Quando perguntam se a vida devocional não poderia tornar-se outro sistema de obras, o que querem dizer com isso? Estão falando

sobre ganhar ou merecer a salvação por dedicarem tempo demais à oração e estudo da Bíblia? Poderia ser um erro capital terminar buscando algum tipo de justiça por meio da vida devocional, em vez de justiça pela fé em Jesus.

Talvez devêssemos dizer aqui novamente que a justificação vem pela fé em Jesus Cristo somente. Ponto final! Nada que possamos fazer pode ganhar ou merecer nossa salvação.

Mas precisamos aceitar a salvação a fim de beneficiar-nos dela, ou o mundo inteiro, inclusive o diabo e seus anjos, seriam finalmente salvos. O sacrifício de Jesus foi suficiente; foi suficiente para a salvação do mundo inteiro. Mas nem todos o aceitarão.

Nem nossa salvação é aceita de uma vez por todas – tem que ser aceita diariamente. O propósito de ir a Cristo numa base diária é aceitar novamente Sua graça, poder e salvação. Ela inclui muito mais do que isso, como observaremos na Tese 95. Mas inclui uma contínua aceitação de salvação. Portanto, não é uma questão de mérito, é uma questão de método.

No entanto a pergunta – "Não é possível que a vida devocional seja somente outro sistema de obras?" – tem outra dimensão. E isso tem que ver quanto a se é fácil, espontânea e automática, ou se há obra envolvida. A vida devocional não é uma questão de obras, mas é obras! Esta distinção é importante.

Muitas coisas na vida cristã são dons. E você não trabalha por uma dádiva. Fé é dádiva, arrependimento é dádiva, vitória é dádiva e salvação é dádiva. Mas há uma coisa que *não* é dádiva. Deus nunca prometeu buscar a Si próprio por nós. Ele nunca prometeu aceitar a Si próprio por nós. Nunca prometeu familiarizar-Se com Ele próprio por nós.

Nem tudo na vida cristã é espontâneo. Às vezes, pode ser uma alegria buscar a Jesus para ter comunhão e companheirismo pessoal.

Outras vezes isso pode exigir toda partícula de força de vontade e disciplina própria, de fibra e determinação que possuamos. Paulo chama a isso "combate da fé". I Timóteo 6:12. Não cremos numa religião passiva. O homem tem uma parte a cumprir ao cooperar com Deus para sua recuperação, em operar sua própria salvação.

Que tragédia é que tantos cristãos tenham compreendido mal esta verdade! Temos despendido tempo interminável e enorme energia e força de vontade, tentando forçar-nos a fazer o que não podemos realizar e que Deus prometeu fazer por nós. E não temos feito aquilo que Ele nos convidou a fazer buscá-Lo. Temos esperado estar na "disposição mental", esperado que a experiência devocional nos venha espontaneamente.

Se você já tentou passar tempo regular com Deus, sabe que isso pode ser tarefa difícil. Já se achou olhando ao relógio para ver quanto tempo ainda tem? Já folheou as páginas seguintes daquele capítulo que está lendo para ver quantas páginas mais há? Já achou difícil orar? O que faz quando isso acontece?

Bem, uma coisa é certa – desistir não ajuda. Como disse alguém, "quando for duro orar, ore duramente".

O Maior Discurso de Cristo, pág. 115, diz: "Quando sentimos que pecamos, e não nos é possível orar, é o momento de orar." Assim, nos momentos em que achar a vida devocional uma subida íngreme, a coisa que não deve fazer é desistir.

Ler a Bíblia e orar não é garantia de vida e saúde espirituais. É possível fazer ambas as coisas e ainda manter o coração longe de Deus. Os fariseus o fizeram. E o mesmo pode ocorrer-lhe. Mas uma coisa é certa: Você não pode manter a vida espiritual se não buscar a Jesus mediante Sua Palavra e por meio da oração. Somente porque você come e respira não garante uma saudável vida física. Mas não seria saudável se não o fizesse.

Existem problemas em prosseguir na vida devocional? Certamente! Há problemas em prosseguir na vida física. O ar é poluído. Existem germes nos alimentos. Mas nenhum problema é tão grave que torne o comer ou o respirar opcionais. A vida espiritual pode prosseguir somente ao persistirmos em buscá-Lo.

TESE 51

O propósito principal da oração não é obter respostas, mas conhecer a Jesus.

Pense por um instante sobre um de seus melhores amigos. Essa poderia ser uma tarefa bem agradável! Permita que sua mente remonte ao tempo em que estiveram juntos pela última vez. Sobre que falaram? O que fizeram? Como passaram o tempo juntos?

Agora, considere duas coisas. Primeiro, quanto de seu tempo, juntos, você passou pedindo perdão a seu amigo? E quanto de seu tempo, juntos, passou pedindo-lhe favores?

Você às vezes precisa pedir perdão a um bom amigo? Certamente. Alguma vez pede favores a amigos? Com toda certeza. Mas se essa fosse a base integral do relacionamento, este não permaneceria por muito tempo, não é verdade?

Deus nos convida a fazer amizade com Ele. Jesus disse em S. João 15:14 e 15: "Vós sois Meus amigos... Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos."

Caminho a Cristo, pág. 93, declara: "A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo."

Deus é bom em dar e perdoar. Ele nos convidou para pedir. Ele Se deleita em dar.

"Faz parte do plano de Deus conceder-nos, em resposta à oração da fé, aquilo que Ele não outorgaria se o não pedíssemos assim." – *O Grande Conflito*, pág. 525.

Deus não é mesquinho com Suas bênçãos Ele encheu Sua Palavra de promessas para animar-nos a ir a Ele. Ao esperar que peçamos Suas prometidas bênçãos, está Ele honrando nossa faculdade de escolha.

Mas às vezes nos envolvemos tanto com o pedir e receber que nos esquecemos do muito mais que está em disponibilidade. Deus deseja mais do que simplesmente suprir as nossas necessidades. Ele deseja o nosso amor.

Ele nos tem concedido "preciosas e mui grandes promessas" (II S. Pedro 1:4), mas nunca nos deu a garantia de que toda promessa da Bíblia é para nós, neste tempo, e sob essas circunstâncias. As promessas de bênção espiritual podemos sempre reclamar. É sempre Sua vontade perdoar os nossos pecados, dar-nos poder para obedecer e poder para trabalhar em Seu serviço. Mas quando se trata de promessa de bênçãos temporais – mesmo a vida – precisamos submeter nossa vontade à dEle e aceitar Sua escolha por nós. A Bíblia contém promessas tanto de libertação quanto de força para sermos fiéis até a morte. Compete a Deus decidir que dons são apropriados para cada necessidade.

Significa isto que não deveríamos solicitar nem mesmo as bênçãos temporais? Não, é sempre correto pedir. Deus nos pediu que pedíssemos! Bem no meio da oração do Pai Nosso há um pedido para uma bênção temporal, "o pão nosso de cariz dia dá-nos hoje".

"Ensinando-nos a pedir cada dia o que necessitamos - tanto as bênçãos temporais como as espirituais - Deus tem um propósito para nosso bem. Deseja que reconheçamos nossa dependência de

Seu constante cuidado; pois procura atrair-nos em comunhão com Ele." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 113.

Observe *para que* Ele nos convida a pedir, em lugar de simplesmente conceder-nos as bênçãos espirituais e temporais de que precisamos sem que solicitemos. É para ensinar-nos dependência dEle e atrair-nos à comunhão com Ele.

Deus não é o tipo de amigo que fala somente de Seus próprios interesses. Ele nos convida a ir e falar com Ele sobre o que está em nossa mente. Deseja ouvir sobre o que estamos pensando e sentindo. Deseja compartilhar de nossas alegrias e tristezas.

Às vezes as pessoas perguntam: "Mas Deus já não sabe tudo a nosso respeito?" Logicamente que sim! Mas mesmo nos relacionamentos humanos, falar, por falar, é importante. Mesmo a nível humano, as informações quase não são tão importantes como a comunicação que ocorre quando as pessoas compartilham.

Suponhamos que você tenha um amigo íntimo que recebe alguma notícia agradável. Talvez haja lido sobre essas notícias no jornal e, uma vez que o conhece e sabe algo sobre seus sonhos, alvos e personalidade, diz a você mesmo: "Meu amigo ficará realmente feliz."

Então suponhamos que ele o chame ao telefone e diga: "Adivinhe o que aconteceu!"

"Nem precisa contar, meu caro, eu já sei. Li no jornal e sei como está emocionado. Agora chega desse assunto. Falemos sobre outra coisa." É assim que você reage?

Não, você o ouve contar tudo. Compartilha de seu entusiasmo. Sente-se honrado por ele ter partilhado aquilo com você, pois é uma declaração de amor e amizade.

Deus dispõe de todas as informações de que precisa. É a comunhão com aqueles que Ele ama que está faltando. E por isso que Ele nos convida a partilhar nossa vida com Ele.

TESE 52

O principal propósito do estudo da Bíblia não é obter informação, mas conhecer a Jesus.

Um grupo de cristãos nas Ilhas dos Mares do Sul desce até a praia cada manhã para olhar para o oriente e ver se Jesus já está voltando. Eles não ouviram dizer que Deus não ressuscitou mais os mortos, como fazia nos tempos bíblicos. Assim, oram e os mortos são ressuscitados.

Um desses cristãos estava tentando obter do chefe da tribo permissão para que sua filha fosse batizada. A filha havia aceitado a Jesus, mas seu pai lhe proibira de unir-se à igreja.

"Se Deus enviar um terremoto amanhã de tarde, às três horas, você permitirá que sua filha seja batizada?" perguntou o cristão ao chefe.

O chefe concordou.

Na tarde seguinte, às três horas, houve um tremendo terremoto, e o chefe permitiu que a filha se unisse à igreja.

Este obreiro cristão foi entrevistado por alguém aqui nos Estados Unidos, e o entrevistador perguntou-lhe: "Por que um terremoto? Não poderia ter pedido algo menos espetacular?"

E o cristão das ilhas do Pacífico Sul respondeu: "Bem, Deus não pode fazer qualquer coisa? Por que não pedir-Lhe alguma coisa grande?"

Achamos engraçada a fé simples desses "selvagens". Rimo-nos da fé de uma criancinha. Mas também os invejamos. Com toda sofisticação de nosso conhecimento sobre Deus, às vezes confiamos bem menos nEle.

Não estou dizendo que a informação não seja importante. Deus nos tem propiciado muita informação sobre Si próprio. Ele deseja uma fé inteligente. Mas a informação não é suficiente.

O *Desejado de Todas as Nações*, pág. 455 faz o seguinte comentário: "A percepção e apreço da verdade, disse Ele, depende menos da mente, que do coração. A verdade deve ser recebida na alma; exige a homenagem da vontade. Se a verdade pudesse ser submetida unicamente à razão, o orgulho não serviria de obstáculo à recepção da mesma."

O diabo tem mais informação sobre Deus do que qualquer um de nós. Contudo, essa informação não foi suficiente para impedi-lo de começar toda a confusão no princípio. Não é suficiente para transformar sua vida hoje. Ele preferiu rebelar-se à plena luz da glória de Deus, com completa informação sobre Deus e Seu caráter. E todas as informações de que era possuidor não foram suficientes para impedir-lhe a queda.

As informações são importantes para a comunicação. Mas não são substitutos para a comunicação.

Às vezes, duas pessoas de culturas diferentes se encontram. Isso se dá freqüentemente durante o tempo de guerra, quando os soldados estão no além-mar. Ocorre com estudantes de países estrangeiros e estudantes missionários. Um moço e uma moça sentem atração um pelo outro e começam um relacionamento. Mas não podem conversar entre si.

Sorriem bastante, andam de mãos dadas e se beijam, e concluem que por ser agradável passar tempo juntos, estão se

comunicando. Ele acha que ela é exatamente aquela que estava procurando. Ela julga que ele é a materialização de seus sonhos.

Mas, às vezes, após terem estado juntos por algum tempo, talvez mesmo após se terem casado, descobrem que não têm nada em comum, exceto o sorrir e segurar as mãos e beijar! Suas origens são diferentes, seus gostos divergem, suas idéias sobre o papel de marido e mulher são desiguais, e seus alvos para a vida destoam. E começam os problemas.

A informação e a comunicação precisam andar juntas. Uma das primeiras coisas que acontece quando missionários trazem algum pagão das trevas da idolatria para Cristo é que começam a ensinar-lhes *sobre* Cristo. Todos, provavelmente, já lemos relatos de pessoas às quais o Espírito Santo trouxe a uma aceitação de Deus antes que o missionário humano as tivesse alcançado. Mas a primeira coisa que geralmente ocorre é que a pessoa é dirigida para a igreja, para a Palavra de Deus, a fim de obter informação sobre Deus, que manterá viva sua fé.

Por outro lado, nos chamados países cultos, a informação sobre Deus tem saturado nossa consciência desde a meninice. Mas temos pequena compreensão sobre comunicação. Podemos falar até a meia-noite sobre detalhes intelectuais e falar sobre Deus cada semana na Escola Sabatina; contudo, nunca tomar tempo para falar com Deus e comunicarmo-nos com Ele pessoalmente.

A Bíblia propicia informação como um trampolim para a comunicação. S. João 17:3 declara: "E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti." Conhecer *sobre* Deus somente terá valor se conduzir ao conhecimento dEle. É o conhecimento dEle que traz vida.

As coisas muitas vezes vão pior quando oramos, até que aprendemos a buscar a Jesus por causa dEle, não por nossa causa.

Certa vez um estudante me contou: "Desisti de ser cristão duas semanas atrás, e desde então ainda não pequei!" Por outro lado, muitos que se dispõem a começar a buscar um relacionamento pessoal com Deus descobrem que tudo sai errado.

"Muitos que sinceramente consagram a vida ao serviço de Deus ficam surpresos e desiludidos ao encontrar-se, como nunca, rodeados de obstáculos e assediados por provas e perplexidades. Oram para que seu caráter se assemelhe ao de Cristo e se tornem aptos para a obra do Senhor, e contudo são postos em circunstâncias que parecem provocar toda a malícia de sua natureza. São-lhes reveladas faltas, de cuja existência jamais haviam suspeitado. Como o Israel de outrora, perguntam: 'Se Deus nos conduz, por que nos sucedem todas estas coisas?' " – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 470.

Às vezes é difícil aceitar a resposta inspirada oferecida no mesmo contexto, segundo a qual: "É justamente porque Deus os conduz que estas coisas lhes sucedem. As provas e obstáculos são os métodos de disciplina escolhidos pelo Senhor e as condições de bom êxito que nos apresenta." – *Idem*, pág. 471.

A história de Jó é bastante estranha. Ali estava um homem que era perfeito. Deus disse que ele era perfeito. Ele disse a Satanás: "Observaste a Meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem Integro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal." Jó 1:8.

Contudo, Deus deu ao diabo permissão para atacar a Jó, mesmo sendo Jó perfeito. E da noite para o dia o pobre Jó viu-se deparando com mais problemas do que a maior parte das pessoas enfrenta

durante toda a vida. Sua riqueza desapareceu, consumiu-se sua saúde, seus filhos sumiram. E mais ainda, ele perdeu o respeito da esposa, sua reputação na comunidade e a confiança dos amigos.

Qual era a acusação do diabo contra Deus nesse cenário? Ele acusava a Deus de injustiça ao proteger Jó. Acusava a Deus de ser o tipo de Ser que subornava Suas criaturas para que O amassem. Dizia, em essência: "Jó O serve somente por aquilo que consegue extrair de Sua parte."

Mas Deus sabia melhor! Ele sabia o que motivava a vida de Jó. E assim, colocou Sua reputação em jogo, perante o Universo, na pessoa de Seu servo Jó. Ele disse ao demônio: "Vá em frente, e tente provar o seu ponto de vista."

Às vezes há pessoas que fazem objeções à história de Jó, sentindo que Deus estava usando Jó como um peão em Seu jogo com o diabo. Mas não era Jó que estava em julgamento – era *Deus*! E Jó, que a princípio não só não entendeu o que se passava, mas *nunca* teve explicado o fato, até onde vai o registro bíblico, vindicou a Deus perante os mundos atentos!

Ninguém admira um mercenário. Podemos compreender os problemas que os ricos ou figuras de destaque da sociedade enfrentam ao formar amizades verdadeiras. Nem sempre é fácil saber quem deseja ser seu amigo como pessoa, ou quem está somente tentando obter alguma vantagem de você.

A cada pessoa que deixa suas fileiras para unir-se ao lado de Deus, o diabo acusa a Deus novamente. Ele diz: "Este não está indo a Ti porque Te ama. Ele não está aceitando o Teu serviço em gratidão pelo que o Teu Filho fez por ele. Ele deseja a solução dos seus problemas. Almeja a cura de sua úlcera. Aspira à paz mental. Quer escapar dos fogos do juízo."

Em certo sentido, toda alma que toma uma decisão de aceitar a Cristo reenceta o grande conflito. E o único meio pelo qual Deus pode ser vindicado, o único meio em que pode aceitar nossa decisão por Ele, é dar ao diabo uma oportunidade para tentar convencer-nos contra tal escolha!

Certo estudante me disse: "Se eu tivesse certeza que estou salvo, que meus pecados foram perdoados e que fui aceito por Deus exatamente agora, então eu gostaria que alguém me matasse imediatamente!"

"Por quê?", perguntei.

"Porque teria medo de estragar tudo!"

Mas Deus não quer que as pessoas vão a Ele somente no momento de extrema aflição, e que mudem de idéia quanto a desejarem pertencer a Ele se já contaram com metade da oportunidade. Ele deseja nossa livre escolha. E a fim de nos conceder completa liberdade de escolha, Ele precisa permitir que o inimigo faça o melhor que puder para tentar fazer-nos mudar de idéia.

Não muitos anos atrás, nos Estados Unidos legislou-se sobre um período de "esfriamento" após a assinatura de qualquer contrato importante. Até mesmo o governo faz concessões para uma segunda opinião e garante o direito de mudarmos de idéia. A decisão que pode perdurar nos tempos difíceis, bem como nos tempos bons, é a única livre escolha que tanto Deus quanto o diabo, podem aceitar.

Quem quer que se desencoraja com seu relacionamento por causa de comportamento é legalista.

O que é um legalista? Bem, segundo a definição popular, legalista é qualquer pessoa que espera ganhar o Céu pela observância da lei. O pagão ou o ateu, não seriam legalistas, porque sequer buscam a salvação. Mas quem quer que tenha a mínima esperança de salvação e baseia essa esperança em suas boas obras ou sua própria obediência ou seu merecimento próprio por qualquer meio, é legalista.

A verdade básica da salvação pela fé somente em Jesus Cristo é que nada podemos fazer para obter ou merecer nossa salvação. Somente podemos aceitá-la como uma dádiva. E a aceitamos indo à presença do Doador. Falamos sobre o fato de que o dom da salvação tem de ser aceito dia após dia, e não apenas uma vez por todas no início da vida cristã.

Contudo, ouvimos seguidamente: "Tenho tentado manter uma vida devocional, e isso não funciona para mim."

Pergunto: "O que você quer dizer? Não foi capaz de relacionar-se melhor com Jesus ao passar tempo estudando-Lhe a vida? Achou que passar tempo com a Palavra de Deus e em oração não o conduziram à comunhão com Deus? Achou que o esforço envolvido em separar aquela hora de meditação com Ele dia após dia não valeu a pena? O *que* não funcionou?"

Quase inevitavelmente, a resposta é: "Descobri que ainda tenho que lutar com a tentação. Ainda cometi alguns dos mesmos erros que cometia antes. Tentei um relacionamento com Deus, e não funcionou."

Jesus disse: "O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra, depois dormisse e se levantasse, de noite

e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como. A terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga." S. Marcos 4:26-28.

Não esperamos plantar um jardim, criar filhos, obter uma educação, ter êxito num novo empreendimento comercial, aprender a tocar um instrumento musical, construir um edifício, da noite para o dia. Mas quantos de nós esperam tornar-se cristãos instantaneamente! Quantos estão dispostos a esperar pelo desenvolvimento do fruto do Espírito em sua vida?

Parábolas de Jesus, pág. 61, nos diz: " 'Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia.' S. Tia. 5:7. Assim deve o cristão aguardar com paciência a frutificação da Palavra de Deus em sua vida. Muitas vezes Deus nos atende as orações, quando Lhe pedimos as graças do Espírito, levando-nos a circunstâncias que desenvolvem estes frutos; mas não compreendemos Seu propósito, assombramo-nos e desanimamos. Mas ninguém pode desenvolver estas graças, a não ser pelo processo de crescimento e frutificação. Nossa parte é receber a Palavra de Deus e conservá-la, rendendo-nos inteiramente à sua direção, e será realizado em nós seu propósito."

O relacionamento não se baseia em comportamento. E se é nosso comportamento que nos leva a tornar-nos desanimados com o nosso relacionamento, então sabemos que temos estado de certo modo contando com nosso comportamento para a aceitação por Deus. Quem quer que espere ser aceito e salvo por suas próprias obras, de qualquer maneira, é legalista.

Qualquer vitória sobre o pecado, ou poder para obediência, ou vitória sobre a tentação, jamais procederá de dentro de nós. Se esperamos obedecer, algum dia, precisamos ir a Jesus para obter

Sua justiça e continuar indo a Ele. A única coisa que *jamais* deveria fazer, se se sentir um cristão derrotado, é interromper o relacionamento; pois só através de Cristo você pode esperar ter êxito na vida cristã.

Caminho a Cristo, pág. 64, deveria estar escrito nas páginas em branco de toda Bíblia: "Muitas vezes, teremos de prostrar-nos e chorar aos pés de Jesus, por causa de nossas faltas e erros; mas não nos devemos desanimar. Mesmo quando somos vencidos pelo inimigo, não somos repelidos, nem abandonados ou rejeitados por Deus. Não; Cristo está à destra de Deus, fazendo intercessão por nós. Diz o amado João: 'Estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo.' I João 2:1."

É possível a vitória e a superação pessoal? Sim, o poder de Deus está disponível. Que sucede se pecarmos? Temos a oferta do perdão e da restauração.

Podemos tornar-nos desanimados com nosso comportamento por causa de nosso comportamento! Mas se estamos olhando para Jesus em busca de salvação, perdão e poder para obedecer, jamais deveríamos desanimar-nos com nosso relacionamento devido a nosso comportamento. Sua promessa é segura. Se permanecermos com Ele, Ele completará Sua obra em nossa vida.

OBEDIÊNCIA

TESE 55

A verdadeira obediência é um dom de Deus (a veste é gratuita)

Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom. Obediência é um dom!

Obediência é um dom porque fé é um dom. Reveja as teses sobre fé se ainda estiver em dúvida quanto à verdade de que fé é um dom. **Colossenses 2:6** nos diz: "Como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nEle." **Romanos 1:17** declara: "O justo viverá pela fé." (grifo acrescentado.)

Patriarcas e Profetas, pág. 657, declara: "Todo o fracasso por parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé." Se, primeiramente, vamos a Cristo pela fé; se continuamos a andar com Ele pela fé; se todas as nossas falhas se devem à falta de fé; se temos que viver pela fé; então, a fé é a base para a obediência. Se fé é um dom, então a obediência deve também ser um dom.

A obediência é um dom, devido à natureza do humanidade. Reveja as teses sobre o pecado, se tiver qualquer dúvida quanto à natureza caída da humanidade. **Romanos 5:12** nos diz que "todos pecaram".

Caminho a Cristo, pág. 18, declara: "Nosso coração é ímpio, e não o podemos transformar." Se somos pecadores por natureza, se nosso coração é mau, então como *poderíamos* jamais produzir a obediência? Qualquer genuína justiça em nossa vida deve vir de fora de nós mesmos. O Senhor é nossa justiça. Ver **Jeremias 23:6**. Se não tivermos justiça, e o Senhor é o Único que tem justiça, então seja qual for a justiça que experimentemos, deve ser um dom dEle.

Obediência é um dom, porque submissão é um dom. Reveja as teses sobre submissão, se admirar-se quanto a isto. **Romanos 10:3** declara de Israel: "Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, vão se sujeitaram à que vem de Deus." Deseja sua própria justiça, que é descrita como trapos de imundície? Ou deseja a justiça de Deus? Para obter Sua justiça, você precisa submeter-se ou entregar-se a Ele. Se a submissão é um dom, então a obediência que procede em resultado dessa submissão teria de ser também um dom.

A obediência é um dom, por causa do controle de Deus. Reveja as teses 20 e 21 quanto a isso. Se renunciemos a nossa faculdade de escolha em favor de Deus e aceitamos o controle dEle em lugar do controle do diabo, então *Ele* é o que está operando em nós o querer e o efetuar segundo o Seu beneplácito. Ver **Filipenses 2:13**.

"Toda alma que recusa entregar-se a Deus está sob o controle de outro poder." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 466. Somos controlados por Deus ou pelo diabo. Quando Deus está no controle, Ele nos outorga os Seus dons de justiça e obediência. Na

medida em que Deus esteja no controle, seremos genuinamente obedientes.

A obediência é um dom, por causa do descanso sabático. Ainda não entramos nos méritos dessa questão. Mas **Ezequiel 20:12 e 20** nos diz que o sábado é um sinal de santificação. **Hebreus 4** descreve um descanso que resta para o povo de Deus um descanso simbolizado pelo repouso sabático. "Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das Suas." Verso 10.

Como obtemos esse descanso? Jesus declara: "Vinde a Mim, ... e Eu vos aliviarei." S. Mateus 11:28. Se o repouso sabático é um símbolo de nosso descanso quanto a trabalhar para produzir nossa própria santificação, então a obediência seria um dom, porque o descanso é um dom.

A obediência é um dom, porque o arrependimento é um dom. Reveja a seção sobre arrependimento, se tiver qualquer dúvida quanto a ser o arrependimento um dom. O arrependimento inclui tristeza pelo pecado e dele desviar-se. Se arrependimento é um dom, então a tristeza pelo pecado é um dom, e o afastar-se do pecado é um dom.

Obediência é um dom, porque o fruto é um dom. O fruto é natural e espontâneo. E Jesus anseia que haja fruto da parte de Seus filhos. Ele Se demora em falar de frutos em S. João 15.

"Todavia o Salvador não ordena aos discípulos que se afanem para produzir frutos. Diz-lhes que permaneçam nEle." O trabalho a executar é permanecer nEle, e não tentar produzir os frutos. E "a obediência é fruto da fé". – *Caminho a Cristo*, pág. 61. Portanto, sendo que fruto é um dom, obediência é um dom.

A obediência é um dom, por causa do exemplo de Jesus. Para uma explicação mais detalhada deste ponto, siga adiante até a última seção, a que diz respeito a Jesus.

Como Jesus obedeceu? *O Desejado de Todas as Nações*, pág, 16:

"Como Filho do homem, Ele nos deu um exemplo de obediência; como Filho de Deus, Ele nos dá poder para obedecer."

Jesus disse: "De Mim mesmo nada posso fazer." Ele disse também: "Sem Mim nada podeis fazer." Se Sua obediência vinha como um dom de Seu Pai, então nossa obediência deve vir como um dom dEle. São boas as novas de que a obediência é um dom!

TESE 56

A verdadeira obediência vem de dentro para fora, não de fora para dentro.

Quando meu irmão e eu éramos pequenos, nossa mãe confeccionou-nos chapéus de cozinheiros e aventais, e designou-nos tarefas para ajudá-la na cozinha. Um de nossos trabalhos era lavar os pratos, e o fazíamos por turnos. Uma vez meu irmão lavava e eu enxugava; outra vez eu lavava e ele enxugava.

Aqueles pratos estavam excepcionalmente limpos ao tempo em que terminávamos o trabalho, porque nada causava maior alegria ao coração de quem enxugava do que ser capaz de devolver um prato para ser lavado outra vez! Meu irmão me entregava um prato de volta e eu dizia: "Este prato está limpo!" Ele então apontava para alguma mancha insignificante que passara despercebida, e dizia: "Você chama isso de limpo?" E lá ia o prato para a água de sabão outra vez.

Uma coisa eu aprendi, durante o aprendizado na cozinha: Se você faz com que o interior esteja limpo, o exterior também deve estar limpo.

Jesus, certa feita, empregou a mesma analogia para repreender os fariseus. Ele disse: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperança. Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo." S. Mat. 23:25 e 26.

Quando Deus atua no problema do pecado, Ele vai ao cerne da questão – o coração da pessoa! Esta é uma das principais premissas da justificação pela fé. Deus não é dos que põem bandagem sobre o câncer. Ele sabe que quando o coração está certo, tudo o mais se ajustará no lugar.

Nós, seres humanos, impressionamo-nos com a obediência exterior, porque o exterior é tudo quanto podemos ver. Mas Deus olha para o coração, e nenhuma quantidade de polimento externo pode ocultar o pecado que jaz no coração. Portanto, somente a limpeza do coração tem qualquer valor em sua perspectiva.

Um parágrafo clássico sobre este assunto, escrito para nossa igreja algum tempo atrás, aparece, por incrível que pareça, no livro *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*.

"O plano de iniciar pelo exterior e procurar operar interiormente, tem sempre falhado e falhará sempre. O plano de Deus para vós é começar na própria sede de todas as dificuldades – o coração – e então do coração hão de jorrar os princípios da justiça; a reforma será tanto externa como interna." – Pág. 35.

Há uma filosofia no mundo contemporâneo, que você encontra por toda parte. Alega que a maneira de mudar é disfarçar pelo lado de fora por certo período de tempo, e que se continuar mantendo o

disfarce por tempo suficiente, a mudança finalmente será interiorizada. Por exemplo, suponhamos que você deteste o seu vizinho. Bem, se você apenas *agir* de um modo amável, mais cedo ou mais tarde começará a amá-lo. O mesmo se daria com um casamento em crise: é só como se estivesse novamente apaixonado, e em breve tudo será superado. Se estiver com um problema de peso, apenas aja como se fosse magro, e logo será magro. Se estiver tendo problemas financeiros, apenas aja como um milionário, e quando menos esperar, estará rico!

O pensamento positivo tem estado em voga por muito tempo. Há somente um problema com isso – não funciona! Lúcifer foi o primeiro a tenta-lo; ele dizia para si mesmo: "Serei semelhante ao Altíssimo." E tentou agir como Deus, mas acabou comportando-se como o diabo! Contudo, quantos cristãos não têm tentado o método dele, esperando agir como Deus, agir como Jesus, comportar-se de maneira amável. É um beco sem saída.

Por outro lado, se permitir que Deus opere um milagre em seu coração e o transforme no interior, o exterior inevitavelmente refletirá a transformação interior. A mudança interior está disponível. Ela vem mediante o contemplá-Lo e permitir que o Seu Espírito transforme o

TESE 57

A genuína obediência é natural e espontânea. Ela vem apenas mediante o relacionamento de fé com Cristo.

Já ouviu falar de uma "contradição de palavras"? Especialistas no idioma têm um termo interessante para isso, mas o que estão ressaltando é o emprego de duas palavras juntas que se contradizem. Um exemplo disso seria "bondade cruel", ou "bravo covarde". Às

vezes escritores ou oradores podem utilizar tais antíteses para tentar descrever duas emoções ou acontecimentos conflitantes.

Que tal "obediência natural"? Isso lhe soa como uma contradição em palavras? Quando pensa em obediência, pensa em termos de trabalho duro, esforço e luta? E possível que a obediência seja natural?

Uma razão por que a obediência não seria natural é se ela fosse somente exterior, e não interior. Se você deseja fazer algo, mas forçosamente faz outra coisa, então a obediência não será espontânea.

Quanto de nossa assim chamada obediência nos tem forçado a fazer algo que não desejamos? Fazemo-lo enquanto crianças. Nossos pais nos dizem para limpar o quarto, tomar um banho, ou comer espinafre. Mas nós gostamos do quarto do jeito que está. Estamos no estágio de ter alergia por água. Detestamos espinafre. E assim resmungamos e nos queixamos, mas finalmente, de má vontade fazemos o que somos forçados a fazer. E chegamos a imaginar ser isso obediência.

Pode representar extraordinária boa nova descobrir que Deus tem um plano melhor para a obediência do que isso.

Atos dos Apóstolos, págs. 482 e 483 o descreve:

"Não podemos pôr por nós mesmos nossos propósitos, desejos e inclinações em harmonia com a vontade divina; mas se estamos dispostos, o Salvador fará isso por nós, 'destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo'. II Cor. 10:5."

Se os seus pensamentos e desejos são para o direito, então a coisa natural e espontânea não deveria ser prosseguir praticando ações corretas?

Deus prometeu algumas mudanças emocionantes em nossa forma de pensar, o que resultará em genuína obediência em vez de conformidade exterior. Ele prometeu trazer nossos sentimentos, pensamentos e propósitos em harmonia com Sua vontade. Ver *Caminho a Cristo*, pág. 61. Ele prometeu mudar os gostos e inclinações até que sejam puros e santos. Ver *Obreiros Evangélicos*, pág. 127. Prometeu que ao olharmos para Jesus, contemplá-Lo, seremos mudados até que a bondade se torne nosso instinto natural. Ver *Parábolas de Jesus*, pág. 355. Promete dar-nos, novamente, novos propósitos, e novos motivos. Ver *Mensagens aos Jovens*, pág. 72.

Pense agora sobre isto por um instante. Se os seus sentimentos, pensamentos, propósitos, gostos, inclinações, desejos, motivos e instintos estiverem em harmonia com a vontade e a mente de Deus, então o que ocorrerá com suas ações? Terá você que esforçar-se duramente para obedecer ou encontrará obediência natural e espontânea?

Observe estes parágrafos: "Se tivermos o amor de Cristo em nossa alma, será conseqüência natural termos todas as demais graças – alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança." – *Minha Consagração Hoje*, pág. 50.

"Os filhos de Deus nunca se esquecem de fazer o bem... As boas obras são espontâneas para eles, pois Deus lhes transformou a natureza por Sua graça." – *Idem.*, pág. 193.

Descrever a obediência como "natural" e "espontânea" não é uma contradição de palavras. É boas novas! O plano de Deus para você é transformá-lo de dentro para fora, de modo que o obedecer-Lhe trar-lhe-á o maior deleite, porque é exatamente o que sente que deve fazer.

TESE 58

Aquele que depende de Deus para ter o poder, não precisa tentar obedecer a duras penas. Ele teria que esforçar-se para não fazê-lo.

Meu irmão e eu éramos companheiros de quarto na faculdade. Isto surpreendeu nossos pais, porque meu irmão e eu tínhamos brigado tanto quando éramos mais novos, que nossos pais às vezes se indagavam se viveríamos o suficiente para tomar-nos adultos – quanto mais para sermos bons amigos! Mas o milagre finalmente aconteceu, e compartilhamos o mesmo quarto por nossa própria decisão.

Um sábado à noite, meu irmão estava inquieto. Estávamos em meio a um inverno – o tipo terrível de inverno que ocorre no sul da Califórnia – cerração! Era uma noite ideal para ficar abrigado, estender os pés sobre a escrivaninha e relaxar com um bom livro.

Mas meu irmão decidira fazer uma caminhada. Na verdade, ele decidira ir até Glendale, a mais de 120 km de distância!

Aquela não era uma decisão racional! Sob circunstâncias normais, a coisa mais caridosa a fazer seria amarrá-lo em algum lugar até que a sanidade mental dele retornasse. Mas meu irmão tinha uma noiva em Glendale. Ele estava apaixonado. E eu sabia sobre sua insanidade! Assim, não só não tentei detê-lo, mas até cheguei ao ponto de considerar suas ações justificáveis!

Temos observado até este ponto nesta seção, que a obediência é um dom. Vimos como a verdadeira obediência parte de dentro para fora, não de fora para dentro. Temos entendido que a genuína obediência é natural e espontânea.

Agora avançaremos um passo além: Se estiver experimentando genuína obediência, teria que esforçar-se para *não* obedecer, mais do que para obedecer.

Se tiver dificuldades em aceitar esta premissa, lembre-se de meu irmão caminhando para Glendale! Ele era motivado pela força mais poderosa no mundo, a força do amor. A despeito das circunstâncias, a despeito dos obstáculos, a despeito da distância, ter-lhe-ia sido muito mais difícil permanecer em seu dormitório do que caminhar cento e vinte quilômetros. Caminhar para Glendale era fácil, em comparação com ficar sentado com os pés sobre a escrivaninha, lendo um bom livro. Caminhar com a mochila às costas era fácil, em comparação com ficar sob um abrigo. Ir para Glendale era-lhe a coisa natural e espontânea a fazer.

Às vezes as pessoas temem que, quando falamos sobre obediência natural e espontânea, estejamos falando sobre obediência sem esforço. Existe esforço na obediência a Deus? Certamente que sim! Houve esforço envolvido na caminhada do meu irmão até Glendale? Logicamente! Mas a questão crucial é: Onde jaz o esforço maior?

Se lhe é mais difícil obedecer a Deus do que seguir seus próprios impulsos, então você não está ainda experimentando a obediência natural. Se lhe for mais difícil desobedecer, porque seu próprio impulso é obedecer a Deus, então pode saber que Deus está operando em você o querer e o executar segundo o Seu beneplácito.

No **Salmo 40:8** Davi descreveu a obediência natural, quando disse: "Agrada-me fazer a Tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a Tua lei."

"Olhando para Cristo adquirimos visão mais brilhante e distinta de Deus, e pela contemplação somos transformados. A benignidade

e o amor para com nossos semelhantes tornam-se-nos um instinto natural." – *Parábolas de Jesus*, pág. 355.

Se é seu instinto natural obedecer, se a lei de Deus está dentro de seu coração e você acha deleite em fazer a Sua vontade, então você teria que tentar mais duramente desobedecer do que obedecer.

Isso não significa que a obediência seja sempre fácil. Nem sempre é fácil seguir seus instintos naturais! Tome o exemplo de uma mãe cuidando de seu filho. Seus instintos naturais a levam a colocar as necessidades da criança acima de suas próprias necessidades. Seus instintos naturais a levarão a trocar as fraldas do bebê, mesmo que, por experiência própria, eu possa assegurar que trocar fraldas nem sempre é uma tarefa agradável! Seus instintos naturais a farão levantar-se durante a noite para alimentar seu bebê e cuidar dele quando estaria muito mais confortável na cama. Cuidar de um bebê seria sempre fácil? Não, mas é a coisa natural para uma mãe ou pai que ama.

Para aquele que é controlado por Deus, a obediência pode não ser sempre fácil. Mas é sempre *mais fácil*!

TESE 59

A obediência que é somente externa é uma falsa obediência.

As crianças são conhecidas por colocarem para fora tudo quanto pensam, saudando um convidado para o jantar ao dizer: "Minha mãe disse que espera que você não fale sobre sua operação enquanto estamos comendo", ou pergunta à tia Clara: "Por que os seus dentes são tão tortos?" Nós, mais velhos, encolhemo-nos e tentamos explicar a diferença entre usar tato e ser desonesto! Não é sempre uma distinção fácil.

Com frequência, os adolescentes se queixam dos hipócritas na igreja. São rápidos em discernir um padrão duplo em seus professores e líderes. Às vezes, suas perguntas podem tornar-nos até mais embaraçados do que as francas observações de uma criança de cinco anos. Mas requerem respostas diretas, e desprezam o fingimento.

Uma expressão que recentemente ouvi de adolescentes foi: "Seja autêntico!" Foi empregada como um desafio à realidade, significando o mesmo que "Você não me pega com essa!", ou "Você não está falando sério!"

O próprio Deus gosta da realidade! Quando Jesus aqui esteve, foi mais severo com os fariseus do que com qualquer outro tipo de pessoas. Algumas das declarações mais duras na Bíblia, são dirigidas aos hipócritas, como acontece em Apocalipse 3, onde Deus chega ao ponto de dizer que prefere o pecador declarado ao cristão fingido. Ele só não foi tão "polido" ao dizê-lo! "Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio, ou quente! Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da Minha boca." Versos 15 e 16.

"Vossa justiça própria causa náuseas ao Senhor Jesus Cristo." – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 963.

Deus insiste quanto à realidade! Ele deseja apenas a oração que procede do coração. Não quer só palavras. Ver *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 86. Deseja somente as dádivas e ofertas que derivam do amor e disposição em dar. Não deseja coisa alguma que seja dada com pesar. Ver II Coríntios 9:7. Quer apenas o serviço de amor. A obediência que vem do coração.

A obediência exterior não é considerada por Deus.

"Há os que professam servir a Deus, ao mesmo tempo que confiam em seus próprios esforços para obedecer à Sua lei, formar um caráter reto e alcançar a salvação. Seu coração não é movido por uma intuição profunda do amor de Cristo, mas procuram cumprir os deveres da vida cristã como uma exigência de Deus a fim e alcançarem o Céu. *Semelhante religião nada vale.*" – *Caminho a Cristo*, pág. 43. (Grifo acrescentado).

"O homem que tenta observar os mandamentos de Deus por um senso de obrigação apenas – porque é requerido que assim faça – jamais sentirá o prazer da obediência. *Não obedece.* Quando, por contrariarem a inclinação humana, os reclamos de Deus são considerados um fardo, podemos saber que a vida não é uma vida cristã. A verdadeira obediência é a expressão de um princípio interior." – *Parábolas de Jesus*, pág. 97. (Grifos supridos.)

Aqui deparamos com outro argumento convincente para a obediência "natural". Deus não considera as "boas ações" como obediência, a menos que procedam do coração. Portanto, qualquer moralidade que possamos apresentar sem Ele, todo empenho forçado de nossa parte para fazer o que Deus nos pediu que fizéssemos, sequer conta como obediência.

Deus só reconhece a realidade! Se nossa obediência não vem do interior, não é obediência nenhuma. É isso que Jesus disse em S. Mateus 5, quando nos lembra que o ódio é a base do assassinio, e os pensamentos imorais a base do adultério. Não basta refrear-nos das más ações. O desejo pelo mal, acariciado no coração, é pecado.

Deus nos promete realidade! Ele tem mais para nos oferecer do que toda uma vida de forçar-nos a nós mesmos a fazer o que detestamos e ranger os dentes para deixar de fazer o que realmente apreciamos. Quando Ele vive Sua vida em nós, obedecemos, porque

a obediência está em harmonia com nossos próprios desejos. Este é o único tipo de obediência genuína que existe.

TESE 60

Quando conhecemos a Deus como é nosso privilégio conhecê-Lo, nossa vida será uma existência de contínua obediência.

Um parágrafo do livro *O Desejado de Todas as Nações* sumaria a questão da obediência. Identifica a obediência genuína: fala-nos de como a obediência genuína pode ser conseguida.

"Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos. A vontade, refinada, santificada, encontrará seu mais elevado deleite em fazer o Seu serviço. Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, nossa vida será de contínua obediência. Mediante o apreço do caráter de Cristo, por meio da comunhão com Deus, o pecado se nos tornará aborrecível." – DTN, pág. 668.

Tornemos a ler com atenção, usando uma sentença de cada vez:

"Toda verdadeira obediência procede do coração." Se isso for verdade, então toda obediência que não procede do coração não é obediência verdadeira, não é assim? Se temos que empenhar-nos duramente para obedecer, indo contra nossos desejos e inclinações, então seja o que for que consigamos produzir, é somente moralidade, nunca obediência.

"**Deste procedia também a (obediência) de Cristo.**" Cristo é o maior exemplo isolado de justificação pela fé. Ele veio a este mundo não só para morrer por nós, como também para mostrar-nos como viver. **Apocalipse 3:21** nos faz a promessa: "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no Meu trono." Somos convidados a ser vencedores do mesmo modo que Cristo venceu.

"**E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos.**" Qual é nossa parte? Consentir. Qual é a parte dEle? Mudar nosso coração e mente, e mesmo nossos impulsos, até nos encontrarmos fazendo Sua vontade natural e espontaneamente.

Você gosta do som de obediência impulsiva? Seria uma boa notícia para você, quando, tendo que tomar uma decisão na vida, descobrir que o seu primeiro impulso estava em harmonia com a vontade de Deus? É viável!

"**A vontade, refinada, santificada, encontrará seu mais elevado deleite em fazer o Seu serviço.**" Se o serviço de Deus fosse o seu maior deleite, você precisaria esforçar-se para obedecer? Seria a obediência uma tarefa penosa? Ou seria uma tarefa boa, deleitosa?

Agora entra o método, a explicação sobre como tudo isso pode ocorrer em nossa vida. "**Quando conhecemos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, nossa vida será de contínua obediência.**"

Permita-me perguntar-lhe: se não está experimentando obediência contínua ainda, qual é o problema? Precisa tentar mais tenazmente? Precisa tomar mais resoluções? Desenvolver sua força de vontade? Ou precisa empenhar-se mais para conhecer a Deus como é seu privilégio fazê-lo?

Finalmente, "**Mediante o apreço do caráter de Cristo, por meio da comunhão com Deus, o pecado se nos tornará aborrecível.**"

Você acha o pecado odioso? Ou por vezes acha o pecado atraente? Se acha o pecado atraente em lugar de detestável, o que está errado? Você não obteve ainda uma real apreciação do caráter de Cristo; precisa comungar com Deus.

Quando nos familiarizamos com Deus, conhecendo-O como é nosso privilégio fazê-lo, a obediência será natural, espontânea, e impulsiva! Ao colocarmos nosso esforço deliberado no sentido de comunhão com Ele, a obediência será o resultado inevitável.

LEI

TESE 61

Qualquer que tente viver a vida cristã sem Cristo, não é cristão. É legalista, seja conservador ou liberal.

Alguns legalistas são legalistas negros, e alguns são legalistas vermelhos. Como já fizemos observar, legalista é quem quer que pense ganhar a salvação por observar a lei, ou por qualquer outro meio que não Cristo.

O **legalista negro**, então, é aquele que usa terno escuro e gravata preta, sapatos pretos e meias pretas! É aquele que vive de cara comprida. É o legalista conservador, que acha segurança nos padrões da igreja que ele defende. Mas ele é legalista, pois não tem tempo para a comunhão pessoal e para familiarizar-se com o Senhor Jesus, conquanto possa passar bastante tempo estudando doutrinas, padrões e ética.

O **legalista vermelho** é aquele que usa jóias e vai ao cinema e talvez beba um copo de vinho de vez em quando. (A analogia é

extraída da descrição de Apocalipse 17 da mulher sentada sobre a besta escarlata. Ela estava "vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas". Verso 4. Isto é só uma analogia para chegar a uma conclusão; não se trata de nova verdade profética sobre os mistérios do livro de Apocalipse!) O legalista vermelho, portanto, é o legalista liberal, que encontra segurança nos padrões da igreja que ele abandonou.

O legalista vermelho considera o legalista negro como legalista, mas, freqüentemente, deixa de reconhecer que ele próprio é simplesmente um legalista de cor diferente. Pois não faz diferença se você é liberal ou conservador; se não tem tempo para gastar em relacionamento pessoal e comunhão com Cristo, você não é cristão.

Às vezes os pais perguntam: "Mas não é melhor ser legalista do que pecador declarado? Se podemos ensinar nossos filhos a obedecerem à lei de Deus exteriormente, não conduzirá isso, finalmente, à religião do coração?"

Isso não funcionou para os fariseus! Foram os mais difíceis de ser alcançados por Cristo, quando esteve na Terra. Os conversos, que trouxeram para a igreja, não somente eram tão legalistas quanto seus mestres, mas Jesus disse em S. Mateus 23:15 que eles eram duas vezes mais filhos do inferno do que os próprios fariseus.

O Desejado de Todos as Nações, pág. 280 declara sem rodeios: "Uma religião legal nunca poderá conduzir almas a Cristo".

É impossível ganhar a salvação pela observância da lei.

"Aquele que se esforça para alcançar o Céu por suas próprias obras em observar a lei, está tentando o impossível." – *Idem*, 172.

"Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei." Romanos 3:20.

Por que realçamos a lei, então, se o observá-la não nos pode salvar? Por que falar sobre ela ou estudá-la? Se nossos esforços para

guardar a lei podem realmente impedir-nos de ir a Cristo para obter salvação, não seria melhor deixar de ouvir falar sobre a lei de uma vez?

A lei tem várias funções legítimas e importantes. A lei não nos pode salvar, mas pode mostrar-nos nossa necessidade de salvação. A lei não nos pode mudar, mas pode mostrar-nos nossa necessidade de mudança. Paulo descreve a lei como um aio para conduzir-nos a Cristo. Ver Gálatas 3:24 e 25. Tiago chama a lei de "espelho". S. Tiago 1:23-25. O espelho pode revelar nossa necessidade de limpeza, mas não nos pode limpar. Assim se dá com a lei de Deus. Mostra-nos nossa condição pecaminosa a fim de motivar-nos a ir a Cristo em busca de limpeza e restauração. A lei pode diagnosticar, mas não pode tratar ou curar a doença do pecado.

A lei condena. E quando reconhecemos nossa condenação, reconhecemos a necessidade de perdão. A lei revela a maldição sob a qual estamos como transgressores; portanto, prepara-nos para aceitar as boas novas de que Cristo nos redimiou da maldição da lei. Gálatas 3:13.

E a lei é protetora. A lei protege o inocente. Protege também o culpado! Quando comparecemos perante o tribunal de Deus, podemos saber claramente se estamos em falta. Não precisamos preocupar-nos com a possibilidade de ter Deus réus favoritos, ou julgar segundo caprichos temporários ou por impulso. Ele declarou objetivamente os Seus requisitos, e, assim, tanto os inocentes quanto os culpados podem saber sua posição. Aqueles que aceitaram a justiça de Cristo em lugar de sua própria iniquidade podem permanecer perdoados, protegidos pela lei que os não condena. O culpado verá claramente sua própria rejeição da graça de Deus e saberá que foi julgado com toda justiça.

Quando considera a lei de Deus, acha você que ela o condena? Então dê graças ao Senhor! O tempo de graça ainda perdura. Não é demasiado tarde para permitir que a lei realize sua obra de conduzi-lo a Cristo.

TESE 62

Não há, na lei, poder para a genuína obediência. O Monte Sinai nada vale sem o Monte Calvário.

A lógica por si só não tem poder. A ciência tem comprovado sem deixar margem a dúvida, um elo indiscutível entre o fumar e o câncer do pulmão. As estatísticas rodoviárias continuam a demonstrar que tomar bebidas alcoólicas e dirigir é extremamente arriscado, não somente para a sua saúde, mas para a dos que estão ao redor. Cheirar cola e cocaína, tomar pílulas ou LSD, ingerir PCP ou "pó-de-anjo", como se tem provado, destrói o cérebro e ameaça a vida. Contudo, uma grande parcela do público americano continua a usar cigarros, álcool e drogas.

A despeito de relatórios para os consumidores, repetidas vezes, afirmando que a alimentação de restaurantes de refeições rápidas tem pouco valor nutritivo, a indústria desses restaurantes é uma das que mais crescem. Já provamos que a poluição do ar e da água ameaça a própria existência das futuras gerações. Mas continuamos usando e abusando de coisas que causam poluição. Apesar da AIDS e outras doenças sociais, milhões ainda praticam a promiscuidade sexual. O conhecimento não é virtude. A informação não está vencendo. Os fatos não propiciam liberdade. Não há poder na lógica.

Quando Deus deu Sua lei em meio aos trovões do Monte Sinai, o povo de Israel estava convencido de sua lógica e razão. "Então o

povo respondeu à uma: Tudo o que o Senhor falou, faremos. " Êxodo 19:8. Estavam admitindo que a lei era justa; mas, tinham ainda que aprender sua função apropriada. Tinham ainda que aprender por dura experiência a verdade expressa nos escritos para nossa igreja: "Ao olharmos para o grande espelho moral do Senhor, Sua lei santa, Seu padrão de caráter, não penseis por um só momento que ela pode purificar-vos." – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1.070.

Qual foi a resposta de Deus para o povo de Israel? Poderá lê-la em **Deuteronômio 5:28-30**. "Ouvindo, pois, o Senhor as vossas palavras, quando me faláveis a mim, o Senhor me disse: Eu ouvi as palavras deste povo, que te disseram; em tudo falaram eles bem." Foi bom que eles reconhecessem que a lei de Deus era valiosa. Mas isso não foi suficiente. o Senhor prosseguiu: "Quem dera que eles tivessem tal coração que Me temessem, e guardassem em todo o tempo todos os Meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre."

Pode-se quase perceber as lágrimas em Sua voz ao fazer esta declaração. Pois o Senhor sabia sobre algo que o povo de Israel ainda tinha que aprender por dura experiência. Ele sabia que não havia poder na lógica. Sabia que ninguém podia obedecer à lei em sua própria força. Mas não podia explicar-lhes o seu erro em palavras que entendessem e aceitassem. Podia apenas deixar que aprendessem do modo difícil. Pode-se quase ouvi-Lo suspirar e vê-Lo menear a cabeça; e Ele conclui no verso 30: "Vai, dize-lhes: Tornai-vos às vossas tendas!"

Muitos pais se admiram quanto a seus filhos errantes. Vez após vez, têm comentado: "Mas eles *sabem* o que é certo." E os filhos provavelmente saibam. O dilema humano é que o conhecimento não é suficiente. Não só precisamos realmente saber o que é certo, mas

também precisamos saber como praticar o certo de que somos conhecedores. E é exatamente aí que reside o problema, muitas vezes.

Deus viu nossa perplexidade e compreende nossa situação de desamparo. Em Seu grande amor, Ele não parou no Monte Sinai. Proveu outra montanha, o Monte Calvário. Mediante a aceitação da justiça de Cristo em nosso favor, mediante contínuo relacionamento com Ele, o Senhor nos concede aquilo que faltava ao povo de Israel – a lei de Deus escrita em nosso coração. Jesus pode dar-nos o que a lei nunca poderá fazê-lo – força para obedecer, perdão pelos pecados, graça para toda necessidade que tenhamos.

TESE 63

Cristo é o fim da lei para justiça, mas não o fim da lei.

Em anos recentes, o número de traduções bíblicas disponíveis e paráfrases do texto bíblico, aumentou marcadamente. Algumas são boas, outras, nem tanto. Mas, freqüentemente, comparando a linguagem de várias versões diferentes, pode-se obter um melhor entendimento do que a Bíblia diz.

Esta versão particular que irei empregar é chamada a Versão Revisada de Venden! Trata-se de uma paráfrase de Romanos 9:30 - 10:4.

"Que diremos, pois? Os gentios, que não trabalharam para produzir frutos, os produziram – e isto é verdade! Mas Israel, que trabalhou duramente para tentar produzir frutos, não conseguiu produzir qualquer fruto que seja. Por quê? Porque tentaram fazê-lo por si mesmos, trabalhando duramente na produção de frutos. Irmãos, o desejo e oração de meu coração e minha oração a Deus por Israel é que possam ser salvos. Pois dou testemunho de que eles

se empenharam duramente – mas não para as coisas certas. Pois não entenderam a maneira divina de produzir frutos e assim desenvolveram seu próprio método para tentar produzir frutos e não se submeteram ao modo divino de fazer as coisas. Porque Cristo é o fim do trabalho duro para produzir frutos, para todo aquele que crê."

Traduzir a Bíblia é tarefa penosa! Tente fazê-lo, às vezes, com algum texto favorito, e veja como se sai!

O que Paulo está descrevendo em Romanos 9 e 10 é a falta de compreensão de Israel quanto à maneira de produzir os frutos de justiça. Eles não compreendiam os métodos de Deus, e assim estabeleceram seus próprios métodos, que não funcionaram. Tinham empreendido grandes esforços. Paulo estava disposto a admiti-lo. Mas o esforço deles terminou em nada, porque era dirigido para a coisa errada.

Dois pensamentos extremos parecem surgir, quando se trata da guarda da lei. O primeiro é: "Se a lei é boa, vamos todos lutar para obedecer-lhe." O resultado é **legalismo**, e não obediência genuína.

O segundo extremo é: "Se não temos que lutar para observar a lei, não deve ser necessário guardá-la de modo algum." O resultado é **antinomianismo**, e não obediência genuína. Ambos os extremos levam ao mesmo erro, no final de contas.

A justiça que decorre da fé em Cristo, somente traz boas novas – de que a genuína obediência é possível, mas que não vem mediante nossos esforços para produzir obediência. A correta compreensão da experiência de justificação pela fé em Cristo apenas impede tanto o legalismo quanto a ausência de lei.

Mediante um ativo relacionamento e comunhão com o Senhor Jesus, reconhecemos uma apreciação continuamente maior de Seu amor e bondade para conosco. E "logo que tenhamos uma visão

correta do amor de Deus, não teremos disposição para dele abusar." – *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 312.

Cristo não é o fim da lei; Ele é o fim de nossos inúteis esforços para observá-la. O seguro resultado de um relacionamento de fé com Ele será a genuína observância da lei que procede do coração.

"As boas obras se seguirão como as florações e frutos da fé. A apropriação da justiça de Cristo será manifestada numa vida bem ordenada e na conversação santificada." – Ellen G. White, *Signs of the Times*, 5 de setembro de 1892.

A melhor prova de que a pessoa é a favor da lei de Deus é estar ela vivendo num relacionamento de fé com Cristo, de modo que a lei possa ser escrita em seu coração. Se reconhecemos as reivindicações da lei de Deus e a realidade de que não podemos guardar a lei, nossa única alternativa é ir a Cristo em busca de Seu dom de justiça.

OBRAS

TESE 64

As boas obras, praticadas independentemente de Cristo, são más obras.

Abaixo está uma lista de atos. Veja quais são os bons, e quais são maus, em sua opinião.

1. Alimentar alguém que esteja faminto.
2. Dar uma flor a alguém.
3. Ir à igreja.
4. Oferecer uma carona para um viajante perdido.
5. Sorrir.
6. Visitar um doente.
7. Dizer "obrigado", "por favor" e "desculpe-me".
8. Levar um pão que acabou de ser assado para um vizinho.
9. Fazer uma doação em dinheiro à igreja.
10. Compartilhar sua fé.

Permita, agora que lhe pergunte: Já se encontrou em um aeroporto com algum jovem que sorriu para você e lhe ofereceu

uma flor? Em seguida, queria que lhe desse dinheiro e, se o seu pedido tivesse sido satisfeito, em que bolso teria ido parar esse dinheiro? Dos líderes da seita a que ele pertencia! Dessa forma, sorrir e oferecer flores à pessoas significa uma ação boa ou má?

Considere este parágrafo do livro *O Grande Conflito*, pág. 509:

"O tentador freqüentemente opera com muito êxito por meio daqueles de quem menos se suspeita estarem sob o seu domínio. ... Prevalece entre muitos a opinião de que tudo que se mostra como cortesia ou polidez, deve, em certo sentido, pertencer a Cristo. Nunca houve erro maior. Estas qualidades deveriam aformosear o caráter de todo crente, pois exerceriam influência poderosa em favor da verdadeira religião; mas devem ser consagradas a Deus, ou serão também um poder para o mal. Muito homem de intelecto culto e maneiras agradáveis, que se não rebaixaria ao que comumente é considerado um ato imoral, não passa de instrumento polido nas mãos de Satanás."

Assim, as boas maneiras não são prova em si.

Jesus disse, em **S. Mateus 7:22 e 23**: "Muitos, naquele dia, hão de dizer-Me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade."

Assim, obras maravilhosas realizadas sem um relacionamento com Cristo, sem o *conhecer* a Cristo, são chamadas de quê? Iniquidade.

É possível a um ateu cozer uma boa quantidade de pão e partilhá-lo com um vizinho. Pessoas mundanas, que não dispõem de tempo para Deus, podem preocupar-se com a fome no mundo e

trabalhar para aliviá-la. É possível que pagãos e infiéis visitem os doentes. Pode-se doar à igreja, dinheiro que Deus não aceitará. Alguns que freqüentam a igreja são agentes de Satanás, não filhos do Senhor. Os fariseus compartilhavam sua fé e traziam conversos que eram duas vezes tão ímpios quanto eles. Mesmo um criminoso empedernido pode oferecer carona a um viajante perdido, e aproveitar a oportunidade para tirar vantagem do desamparado indivíduo.

As boas obras, feitas sem Cristo, são obras más. A fim de que as obras sejam *boas* obras, precisam ser feitas para a honra e glória de Deus. "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus", declarou o Salvador. S. Mateus 5:16. Essas "boas obras" *começarão* a aparecer quando o arrependimento e a conversão tiverem lugar. Só então podem as palavras e obras glorificar "a vosso Pai que está nos Céus".

Romanos 14:23 declara: "Tudo o que não provém da fé é pecado." Quando Deus julga, olha para o coração, os motivos, a agenda oculta da mente. Se estamos vivendo separados de Cristo, não temos escolha a não ser agir na base do egoísmo, e, portanto, nossas boas obras não são boas absolutamente.

É verdade que se uma pessoa está morrendo de inanição e alguém lhe dá um pedaço de pão, ela será alimentada, a despeito dos motivos de quem a está socorrendo. Mas, no que tange ao indivíduo que está dando, qualquer boa obra que realize à parte de Cristo, será uma obra má. Cristo habitando no coração pela fé, e assim querendo e efetuando em nós, é a única fonte de boas obras.

O propósito das boas obras não é salvar-nos, mas glorificar a Deus.

Durante qualquer discussão sobre salvação pela fé em Jesus Cristo somente, e o fato de que nossas obras de modo algum são base para nossa salvação, alguém quase sempre pergunta: "Se as boas obras não desempenham qualquer parte em nos salvar, de que valem então?"

S. Mateus 5:16 é muito claro: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus." Apenas porque as boas obras não nos salvam não quer dizer que sejam sem importância. O propósito das boas obras é glorificar a Deus.

Bem, então qual é o propósito de dar glória a Deus? Está Ele interessado em glória por ser egoísta e ter uma visão centralizada em Si? Será que nos pede que sejamos altruístas, quando Ele próprio não o é? Sabemos, imediatamente, a resposta disso pelo que Jesus fez na cruz. Quando Jesus bradou: "Está consumado", respondia para sempre as acusações de Satanás de que Deus era egoísta e nada sabia sobre o sacrifício próprio. A cruz provava que Deus estava disposto a ir até os limites do dar.

Assim, qual é o propósito de glorificar a Deus? Uma razão importante é que Ele merece! Ele é digno de nosso louvor. Toda a glória, e honra, e louvor que a humanidade possa oferecer-Lhe, jamais poderia ser em demasia. Davi disse: "Bendito seja o Senhor que, dia a dia, leva o nosso fardo." Salmo 68:19.

Já observou o peso de seus fardos ultimamente? Às vezes é mais fácil focalizar a atenção no peso do pecado, ou da culpa ou, no peso do fardo que estamos carregando. Deus nunca pretendeu que levássemos tais fardos. Ele prometeu removê-los de nossos ombros

e dar-nos descanso. Mas a carga que tem para nós, é a dos benefícios! Há muitos! Quem poderia sequer contá-los?

Uma segunda razão importante para se glorificar a Deus é o testemunho cristão. Ao observarem Jesus refletido em nossa vida, e mediante nós aprenderem o amor e a misericórdia de Deus, outros são motivados a ir a Ele por si mesmos. As boas obras demonstradas na vida do crente são um poderoso argumento em favor do cristianismo, não?

Uma terceira razão importante para glorificarmos a Deus é que se nossas boas obras não O glorificam, a quem glorificarão? Sabe a resposta? Há somente uma alternativa, não é mesmo? Se Deus não recebe a glória, *nós* a tomamos em nosso favor. E a obra da justificação é lançar a glória da humanidade no pó. Não podemos glorificar a Deus e a nós próprios ao mesmo tempo. Ou Ele é glorificado, ou tomamos a honra, a glória e o crédito para nós próprios.

Isso nos leva à seguinte questão: Seria possível alguém ser salvo sem ter interesse em glorificar a Deus? Glorificar a Deus pode ser uma poderosa motivação para as boas obras. E será, se O servirmos porque Ele nos ama.

Achamos que isso é verdadeiro em nossos relacionamentos humanos. O honrar o nome de família pode ser uma motivação legítima, não é? Estamos dispostos a sacrificar muitas coisas a fim de honrar aqueles que amamos e não desapontá-los. Quando conhecermos a Deus como é nosso privilégio fazê-lo, e quando amarmos a Deus como é nosso privilégio amá-Lo, acharemos o maior deleite em honrá-Lo e glorificá-Lo. Obedecer e servir a Ele por causa dEle pode ser a maior de todas as motivações.

"Tudo é secundário à glória de Deus. Nosso Pai celestial deve ser sempre entesourado como o primeiro, a alegria e prosperidade, a

luz e suficiência de nossa vida, e nossa porção para sempre." – *Songs and Daughters of God*, pág. 56.

TESE 66

Quando a questão é genuína fé e obras, você não pode ter uma sem a outra.

Uma velha canção diz: "Amor e casamento, amor e casamento, vão juntos como um cavalo e a carruagem – você não pode ter uma sem a outra." (É uma canção *bastante* antiga, como pode perceber, por outras razões além da parte a respeito do cavalo e da carruagem!) As pessoas hoje em dia têm enfrentado muitos problemas, tentando provar que amor e casamento não vão necessariamente juntos. E tudo quanto puderam provar, no processo, é que o plano de Deus para o matrimônio e a família afinal é o melhor.

Mas fé e obras sempre estão juntas. Talvez possa encontrar uma ilustração que ninguém poderia questionar. Que tal a luz do sol e a sombra? Estão sempre juntas, não é mesmo? Você não pode ter uma sem a outra! Neste mundo, sempre que houver luz, há também sombras – é uma lei inflexível.

Caminho a Cristo, pág. 83, fala de "gozo não obscurecido da vida por vir". Sobre a Terra, mesmo nosso gozo é obscurecido! Talvez seja este "gozo não obscurecido" que torna possível chorar lágrimas de alegria. Pois qualquer alegria que temos, sempre vem com uma sombra. Regozijamo-nos quando alguém aceita a Cristo, ao mesmo tempo que sentimos tristeza por aqueles que O estão rejeitando. Achamos prazer nas belezas naturais, mas a sombra da morte e decadência está sempre presente, não importa a direção para a qual nos volvamos. As boas e as más notícias vêm juntas. Às

vezes podemos experimentar – como um raro dom – um dia "perfeito"; mas há sempre a sombra do dia anterior e do dia seguinte. Nossos relacionamentos humanos são obscurecidos; a aceitação amorável por um lado é combinada com incompreensão, por outro. Nosso coração pode arder dentro de nós, quando o próprio Deus Se aproxima para comungar conosco; contudo, permanece sempre a sombra, mesmo aí, das vezes em que Ele parecia velar Sua face e não podíamos sentir Sua presença.

Assim, esteja você falando sobre o mundo físico ou o espiritual, o brilho do Sol e a sombra sempre andam juntos.

O mesmo se dá com fé e obras. Se as obras são genuínas, a fonte delas é a fé em Cristo. Se a fé é genuína, as obras inevitavelmente virão como resultado. Quando você toma a decisão de permanecer em Cristo, já fez sua escolha sobre produzir frutos, pois quem quer que permaneça nEle produz muito fruto. Fé e obras não podem ser separadas.

Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 397, declara que a "fé genuína será manifestada em boas obras; pois as boas obras são o fruto da fé".

Quando falamos sobre fé e obras, alguém geralmente surge com a ilustração dos dois remos. Fé e obras são como dois remos. Se você tenta remar com um remo – qualquer deles – não fará progresso algum. Mas se empregar os dois remos juntos, seu bote irá para a frente, rumo ao Porto Seguro no Céu! E a pessoa que emprega a ilustração, geralmente o foi para provar que devemos empenhar-nos igualmente no que tange à fé e às obras.

Mas a verdade é que não temos que nos empenhar em nenhuma dessas coisas! Fé é um dom, e obediência é um dom. Temos que empenhar-nos é em permanecer dentro do bote – ou permanecer em comunhão com Cristo, mediante oração e estudo de Sua Palavra.

Quando vamos a Cristo para ter comunhão e segui-Lo, o primeiro subproduto é fé genuína. E o segundo é genuína justiça.

A ilustração dos remos é, não obstante, válida, se corretamente entendida – que a fé e as obras são como dois remos em termos de importância. Fé e obras são igualmente importantes. Mas o método para obter tanto fé quanto obras é o relacionamento permanente com Jesus Cristo.

Em S. Tiago 2:17, lemos sobre a possibilidade de se ter uma fé morta. Tiago declara: "A fé, se não tiver obras, por si só está morta." Em Hebreus 6:1, notamos que é possível ter obras mortas, também. Fé e obras devem, ambas, estar presentes a fim de que cada uma delas permaneça viva. As genuínas obras se seguirão à genuína fé, e a genuína fé virá como resultado de comunhão com Deus, tão certamente quanto o brilho do Sol é acompanhado pela sombra.

CRESCIMENTO

TESE 67

A fé cresce em quantidade, não em qualidade. O crescimento está na constância da dependência de Deus.

Marta havia finalmente saído da cozinha! Aprendera por si mesma o que representava sentar-se aos pés de Jesus com Maria. Ela cria que Jesus era o Messias, o Salvador do mundo, o Enviado de Deus. Cria que tudo o que Ele rogasse ao Pai seria obtido. Aceitara a Sua reivindicação de ser a Ressurreição e a Vida. Mas quando os olhos de todas aquelas pessoas se fixaram na silente tumba e Jesus pediu que a pedra fosse removida, a fé de Marta vacilou. Vacilante Marta!

Abraão era o amigo especial de Deus. Ele havia deixado seu lar e seu país para tornar-se nômade, seguindo a Voz interior que dirigia os seus caminhos. As objeções de sua família e amigos não o desviaram de sua decisão. Quando Deus lhe prometeu um filho, um herdeiro, para ser o pai de uma grande multidão, ele se regozijara. Mas uma coisa ele jamais esperava: não sabia que levaria tanto tempo. A espera provou-se muito grande. Ele acabou sendo o pai de *duas* multidões, cada uma guerreando contra a outra até nosso tempo. Vacilante Abraão!

Moisés foi um profeta, e mais do que um profeta. Ele havia falado com Deus face a face. Por quarenta anos havia conduzido um povo rebelde e teimoso através do deserto, suprindo suas várias necessidades. Havia-os defendido como o próprio Deus, recusando concordar com a destruição deles, mesmo quando por demais merecida. Contudo, sua fé falhou quando estava bem à beira da Terra da Promessa, e pecou tão pública e inegavelmente que Deus não teve escolha, senão negar-lhe o privilégio de concluir a obra que havia iniciado. Vacilante Moisés!

O clube dos vacilantes tem muitos membros! Davi, Sansão, Adão, Paulo, Ezequias, Pedro, Jacó. A lista podia ir longe. A história sagrada registra somente umas poucas exceções: Enoque, Eliseu, Daniel. Não mais do que estes.

Um estudo dos relatos bíblicos prova que, embora seja possível a inquebrantável confiança em Deus e dependência dEle, é possível vacilar. Para muitos cristãos, a realidade tem sido experimentar submissão vacilante. A realidade tem demonstrado que leva tempo aprender a depender sempre de Deus, e nunca de nós mesmos. E, conquanto o alvo de Deus para nós seja sempre confiar nEle, é melhor admitir e reconhecer a realidade de que, na maioria dos casos, não alcançamos tal alvo da noite para o dia.

Crescimento na vida cristã é aprender a depender mais e mais de Deus. Como fizemos observar anteriormente, a dependência de Deus é uma proposição de tudo ou nada. Não existe confiança parcial ou submissão parcial. Você está sujeito a Deus, em um dado momento, ou não Lhe está sujeito; e, sim, dependendo de você mesmo.

Permanecemos em Cristo dia após dia mediante um relacionamento dinâmico com Ele.

"Perguntais: 'Como permanecerei em Cristo?' Do mesmo modo em que O recebestes a princípio. 'Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nEle.' Col. 2:6." – *Caminho a Cristo*, pág. 69.

Uma vez que dependamos dEle, experimentaremos toda a vitória e obediência que Ele tem para oferecer.

Mas às vezes o inimigo pode levar-nos a desviar os olhos de Cristo e cessar, por um momento, de depender dEle. Então cairemos, e fracassaremos, e pecaremos. Isso aconteceu com muitos na Bíblia; e acontece com muitos hoje. Quando isso tem lugar, nossa parte é volver-nos a Jesus outra vez, reivindicando novamente Sua promessa: "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." I S. João 1:9. E continuarmos o relacionamento com Ele. Não esperamos duas semanas para Deus "esfriar". Não desistimos e concluímos que jamais conseguiremos chegar à pátria celestial. Não tentamos consertar as coisas por nossa própria força e *então* voltar para Ele. Voltamos para Ele imediatamente, confessando nosso pecado e nossa necessidade dEle. Mediante tudo isso, o relacionamento com Deus continua.

O crescimento na vida cristã tem lugar quando continuamos a viver pela fé nEle, a buscar comunhão com Ele dia após dia. Pois ao irmos a Cristo dia a dia, Ele operará em nós para trazer-nos à situação de contínua dependência dEle.

TESE 68

Você não cresce tentando crescer.

Meu alvo era ter 1,95m de altura. Mas a coisa não estava indo muito bem – tinha alcançado apenas 1,20m! Mais tarde, quando eu

tinha que ficar em pé na fileira da frente com as garotas da oitava série, para a fotografia da classe, aquilo já passava dos limites do suportável para um menino! Um dia, pareceu ter chegado o tempo de tentar tomar alguma medida concreta.

Fui até a cozinha, fiquei em pé em frente à porta tendo à mão uma régua, sobre a cabeça; e fiz uma marca. Daí, fui para o fundo do quintal e dependurei-me no suporte do varal até onde pude suportar. Depois corri de volta até a porta e medi novamente. Que decepção! Não havia melhorado nada!

Jesus disse: "Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?" S. Mateus 6:27. Você não cresce por tentar crescer. De fato, quanto mais se empenha em tentai crescer, menos você cresce. Se eu tivesse passado todo o meu tempo dependurado no suporte do varal, não só não iria nunca atingir os quase dois metros de altura, mas não demoraria muito para que atingisse dois metros debaixo da terra!

Ellen White escreveu à nossa igreja há muito tempo:

"As plantas e flores não crescem em virtude de seu próprio cuidado, ansiedade ou esforço, mas pelo recebimento daquilo que Deus forneceu para lhes servir à vida. A criança não pode, por qualquer ansiedade ou poder próprio, aumentar sua estatura. Do mesmo modo não podeis vós, por vossa própria ansiedade ou esforço, conseguir crescimento espiritual." – *Caminho a Cristo*, pág. 68.

Mesmo as criancinhas conhecem o princípio do crescimento. Você pode perguntar-lhes: "O que você prefere – comer ou crescer?" Não demorará muito para que surjam com a resposta certa. Se se empenharem em crescer não vão conseguir nenhuma das duas coisas. Se se empenharem em comer, alcançarão ambas.

Você está interessado em crescer espiritualmente? Você não poderá crescer centralizando sua atenção no crescimento. Provavelmente nada seja mais prejudicial ao crescimento espiritual do que estar constantemente se examinando para ver se produziu frutos. A maneira de crescer é comendo – participando do Pão da Vida e da Água da Vida. Experimenta crescimento mais rápido aquele que desvia a atenção do eu e se concentra no Sol da justiça. Torna-se anão quem passa a maior parte do tempo tentando crescer.

Muitas pessoas têm tido a idéia de que o nascimento espiritual vem de Deus, mas a vida espiritual é de sua própria responsabilidade.

"Muitos têm a idéia de que devem fazer sozinhos parte do trabalho. Confiaram em Cristo para o perdão dos pecados, mas agora procuram por seus próprios esforços viver retamente. Mas qualquer esforço como este terá de fracassar. Diz Jesus: 'Sem Mim nada podereis fazer.' João 15:5. Nosso crescimento na graça, nossa felicidade, nossa utilidade – tudo depende de nossa união com Cristo. É pela comunhão com Ele, todo dia, toda hora – permanecendo nEle – que devemos crescer na graça. Ele é não somente o Autor mas também o Consumador de nossa fé." – *Idem*, pág. 69.

É o seu alvo atingir "a medida da estatura da plenitude de Cristo"? Efésios 4:13. Você nunca poderá alcançar esse alvo dependurando-se em algum suporte de fio de varal espiritual. Não é possível crescer na graça por nossos próprios débeis esforços. O crescimento é um dom. É recebido mediante associação com Cristo, através da comunhão com Ele. A humanidade nunca poderá obter por si mesma aquilo que Deus prometeu dar.

Às vezes você se pergunta se está crescendo? Há uma maneira segura de sabê-lo. Observe se está comendo! O comer determina o crescimento todo o tempo.

TESE 69

Os cristãos crescem mais firmemente reconhecendo suas fraquezas. Quando são fracos, aí é que são fortes.

André estivera tantas vezes na mesma situação crítica que até perdera a conta. O mesmo ocorrera com o médico, que agora se erguera abanando a cabeça, e olhando para o rosto barbado e os olhos avermelhados de André.

– Acho que não tem jeito, não é mesmo, doutor? – disse André.

– É, acho que não tem mesmo não.

– Então, que tal me dar mais um drinque, já que não faz mais diferença nenhuma.

– Muito bem, vou dar-lhe mais um drinque – respondeu o médico, surpreendentemente. – Mas primeiro quero que me faça um favor.

– Que favor? – perguntou André.

– No fim do corredor – respondeu o médico há um jovem que está aqui pela primeira vez. Eu perdi as esperanças quanto a você – mas ele ainda pode mudar. Quero que vá até o seu quarto e apenas permita que o veja – isso é tudo. Se ele o vir, talvez isso o assuste o suficiente para impedir que venha até aqui outra vez.

André concordou, e foi até o fim do corredor para encontrar o jovem indicado, que, a exemplo dele, tinha sido levado para o hospital para recuperar-se, depois de uma bebedeira.

A princípio, ele o fez apenas para obter mais um afinque. André, porém, começou a conversar com o rapaz.

– Não desperdice sua vida – instou com ele. Veja o meu estado. Perdi minha família e meu respeito próprio. Não tenho emprego nem amigos. Perdi a saúde e a reputação. Você deseja terminar assim?

– Nunca terminarei desse jeito – insistiu o jovem. – Posso parar de beber a hora que quiser.

– Isso é o que eu sempre pensava também – respondeu André. – Mas não é verdade. Eu não posso parar. Estou desamparado. A única maneira pela qual posso parar é se o próprio Deus me der força. E essa é a única maneira pela qual você será capaz de parar também. Você não pode ter o poder de controlar seu hábito de beber. Do contrário, não estaria aqui. Tem que aprender a depender de um Poder superior.

André voltou ao hospital muitas vezes, após aquele dia, mas nunca mais como um paciente. Jamais voltou ao médico para receber o prometido drinque. Voltava para falar com outros que para lá eram levados sob idênticas condições, lutando contra o alcoolismo. Foi o começo dos Alcoólicos Anônimos.

Os princípios que André descobriu em seu contato com o rapaz são a base dos Alcoólicos Anônimos. Cada pessoa deve chegar ao ponto de admitir que tem uma grande necessidade. É ensinado a começar dizendo, "*Sou um alcoólico*". E é sempre lembrado de sua dependência de um Poder superior, se o problema tiver que ser mantido sob controle. Ao admitir e reconhecer a fraqueza encontra ele forças.

Cada um de nós pode fazer uma confissão semelhante. "*Sou um pecador.*" Devemos reconhecer, como cristãos, que não crescemos por nos tornarmos cada vez mais fortes. Crescemos por reconhecer vez após vez cada dia, quão fracos somos e quão dependentes

somos da graça de Deus. Foi isso que Paulo disse em II Coríntios 12:10: "Quando sou fraco, então é que sou forte."

"Quando temos a compreensão de nossa fraqueza, aprendemos a confiar num poder que nos não é inerente. " – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 368.

Esta verdade pode ser ameaçadora para pessoas fortes. Aqueles que acharam segurança em sua própria fibra e autodisciplina, que se sentem acomodados por seu bom comportamento, acham o pensamento da admissão de fraqueza, ofensivo. Mas aquele que é forte, ou pensa que é forte, não sente necessidade de um Salvador.

Admitamos ou não, reconheçamos ou não, cada um de nós é fraco. Somente ao nos tornarmos cômicos de nossas fraquezas, podemos ser levados a buscar poder fora e acima do nosso próprio.

"Nossa maior força é reconhecida quando sentimos e reconhecemos nossa fraqueza." – *Testimonies*, vol. 5, pág. 70.

Você se considera uma pessoa forte? Somente poderá ser forte de verdade ao achar força nEle. Considera-se fraco? Então há boas novas para você! Sua força se aperfeiçoa na fraqueza. Ver II Coríntios 12:9. Não importa quão forte pense ser, sua única força real advém de admitir sua fraqueza. Não importa quão fraco seja, você pode ser forte mediante Ele.

TESE 70

Podemos todas as coisas mediante Cristo, que nos fortalece; mas, sem Ele, nada podemos fazer.

Durante uma aula na faculdade, estivéramos estudando o minicurso de justificação pela fé em Cristo somente. Tínhamos lido os dois textos, S. João 15:5 e Filipenses 4:13, segundo os quais sem Ele nada podemos fazer, mas com Ele podemos fazer tudo.

No processo da discussão, alguns estudantes se sentiram pouco à vontade com S. João 15:5. Um deles perguntou: "Se nada podemos fazer sem Cristo, isso não diminuirá nosso valor como seres humanos? Não somos criados à imagem de Deus? Não nos criou Ele com livre escolha? Não parece livre-arbítrio se não podemos realizar coisa alguma sem Ele."

Assim, fizemos questão de traçar a linha divisória entre *sem valor e sem amparo*. Conversamos sobre o fato de que, enquanto estamos ao desamparo, para produzir justiça, temos todo valor aos olhos do Céu.

Nesse ponto, um jovem no fundo da classe levantou a mão. "Por que, então, é tão fácil sentir-se sem valor, mas tão difícil sentir-se desamparado?" perguntou.

Qual dos dois sentimentos lhe ocorrem com mais freqüência? Sem amparo ou sem valor? O diabo tem tomado cada verdade e, de algum modo, torcido, não tem? Deus diz: "Você vale tudo, mas à parte de Mim está desamparado." O diabo declara: "Você é sem valor. Mas faça esforço para mudar, e talvez de alguma forma, algum dia, você valerá algo."

Um dos temores mais freqüentemente expressos, no que tange ao tema da salvação mediante fé em Cristo somente, é o temor de que ele resulte numa religião de nada fazer. Muitas pessoas se preocupam quanto à aceitação de uma fé "passiva", que resulta em completa inação. Podemos considerar quão pouco conseguimos em todos os nossos anos de forte empenho em produzir justiça, e talvez concluamos que se deixarmos de lutar, nada conseguiremos, por fim.

Mas o reverso da medalha também é verdadeiro. Em vez de descobrir que o crescimento pára quando paramos de tentar crescer, descobriremos então que é somente então que o verdadeiro

crescimento começa. Jesus não parou com Sua declaração em S. João 15:5, de que sem Ele nada podemos fazer. Ele também nos deu a boa notícia de que mediante Ele podemos fazer tudo.

O livro *Ciência do Bom Viver* apresenta isto deste modo:

"Não pode haver limite à utilidade de uma pessoa que, pondo de parte o eu, oferece margem à operação do Espírito Santo em seu coração, e vive uma vida inteiramente consagrada a Deus." – Pág. 159.

A Bíblia está repleta de histórias de pessoas que viveram em completa dependência de Deus. Elas eram passivas? Eram, quando se tratava de dependerem de sua própria força. Mas nunca se esqueça de quão ativa a passividade pode ser! Pois aquele que reconhece seu próprio desamparo e aceita o controle de Deus é quem Ele usa para realizar grandes feitos em Seu favor.

Faz já muitos anos, tenho estado reunindo histórias de pessoas da Bíblia, que fizeram coisas estúpidas! Lembra-se de **Jônatas** e seu escudeiro avançando sobre todo o exército filisteu? Que dizer de **Josué** que partiu para a conquista de Jericó caminhando em círculos o dia todo por uma semana? Ou ordenando que o sol se detivesse quando precisava de umas poucas horas adicionais para terminar certa batalha? Não era sábia estratégia militar que **Gideão** mandasse embora 99 por cento de seu exército, para depois atacar com cântaros vazios e tochas. **Elias** foi tolo ao despejar barris de água sobre o seu sacrifício no alto do Monte Carmelo, em vez de facilitar ao máximo as coisas para Deus. E, finalmente, **Josafá** indo para a batalha à frente do coro!

Se qualquer desses heróis bíblicos estivessem dependendo de sua própria força, em vez de dependerem de Deus, teria sido néscio ou suicida! Mas quando a fraqueza humana estava unida à força

divina, Deus usou essas pessoas para realizar coisas impossíveis para Ele.

Quando Deus nos convida a colocar a dependência completa sobre Ele, quando nos pede que reconheçamos o nosso desamparo sem Ele, não está abrindo a porta para a inação. A vida controlada por Deus é a vida da mais elevada utilidade e serviço. E é a vida que dá evidência de crescimento e produção de frutos. Essa vida pode ser sua, se você tiver em mente que, sem Ele, nada pode fazer, mas que com Ele pode fazer tudo – e tê-Lo bem próximo, em comunhão pessoal e discipulado.

PERMANÊNCIA NELE

TESE 71

Satanás não tem poder para levar os que dependem de Deus a pecar, mas os que dependem de si mesmos são facilmente derrotados.

Provavelmente já ouviu a história daquela consagrada vovozinha da igreja, que nunca tinha uma palavra má para dizer sobre quem quer que fosse. Um dia, um membro da igreja declarou, quase em frustração: "Creio que a senhora poderia achar algo de bom para falar até mesmo sobre o diabo." Diante disso, ela

respondeu: "Bem, você certamente terá que admitir sua persistência!"

Eu acrescentaria que o diabo certamente sabe como tentar as pessoas! Por séculos, tem sido o seu estudo número um, e ele é mestre nessa arte. Sabe exatamente como nossa mente opera e como nos pode enganar, para enredar-nos e levar-nos a atender as suas sugestões. E, logicamente, sabemos que sem o Espírito do Senhor para erguer um escudo contra ele, não nos restaria qualquer chance.

Mas, quando dependemos do poder de Deus, o diabo é quem fica sem chance, e ele sabe disso. "Todo aquele que permanece nEle não vive pecando." I S. João 3:6.

O *Grande Conflito*, pág. 530, desenvolve o mesmo pensamento:

"Satanás está bem ciente de que a mais débil alma que permaneça em Cristo é mais que suficiente para competir com as hostes das trevas, e que, caso ele se revelasse abertamente, seria enfrentado e vencido. Portanto, procura retirar das suas potentes fortificações os soldados da cruz."

Se Satanás sabe que mesmo o mais fraco, que permanece em Cristo, é mais do que ele pode enfrentar, então seria extremamente importante que compreendamos o que representa permanecer em Cristo.

Consideremos primeiramente a palavra *permanecer*. Que significa *permanecer*? Se empreender um estudo da palavra *permanecer* na Escritura, você descobrirá que significa simplesmente ficar. Assim, Satanás está bem ciente de que a alma mais fraca que fica na dependência de Cristo é mais do que as hostes das trevas podem suportar.

Mas isto nos traz um problema. Já fizemos notar que leva tempo crescer; que a submissão que ocorre quando da conversão,

pode freqüentemente ser uma experiência de altos e baixos, enquanto aprendemos dia a dia a conhecer a Deus e nEle confiar mais perfeitamente. Às vezes, olhamos para Ele e dependemos de Seu poder; e então, experimentamos vitória. Mas outras vezes olhamos para longe dEle e tentamos depender de nosso próprio poder; e então caímos, e falhamos, e pecamos.

Portanto, é fundamental fazer diferença entre os dois tipos de permanência que aparecem na Escritura. Estudaremos mais isso nas poucas teses seguintes, mas, em resumo, há uma permanência de relacionamento diário com Cristo, e há uma dependência dEle momento a momento.

Às vezes acatamos a idéia de que se permanecermos, ou ficarmos, numa relação com Ele dia a dia, então experimentamos vitória ininterrupta. Mas é possível continuar permanecendo nEle, mediante um relacionamento diário com Ele, e ainda *não* permanecer na dependência de Seu poder a todo momento. Na medida em que permanecemos na dependência do poder de Deus, e não na dependência da nossa própria força, Satanás é derrotado. Mas a qualquer tempo que dependamos de nosso próprio poder para obter força contra a tentação nós somos derrotados.

Deus não estabelece nenhum tempo de espera, de graça, nenhuma demora na vitória que tem para conceder. Desde o primeiro dia em que vá a Ele, é possível experimentar toda a vitória, todo o poder sobre o pecado, toda vitória e obediência que Ele tem para oferecer – *enquanto* continuar dependendo de Seu poder.

Mas quando desviar as vistas de Cristo e tentar firmar-se em sua própria frágil força, certamente cairá, e falhará, e pecará. Isso ocorrerá mesmo que esteja numa relação diária com Deus por 119 anos e seis meses! Foi o que se deu com Moisés. Ele tinha conhecido a Deus, tinha falado com Ele como a um amigo, face a

face. Tinha conduzido o povo de Israel para fora da terra do Egito e quase até os limites da Terra da Promessa. Mas um dia ele permitiu que as tentativas do diabo fizessem com que sua atenção se desviasse de Cristo, e tentou dirigir as coisas por seus próprios meios. Perdeu a paciência, tomou para si mesmo a glória que devia ter pertencido somente a Deus, e acabou ferindo a rocha em vez de falar-lhe.

Se lhe chegar o momento em que tenha que ferir a rocha, a despeito da forma em que esta se apresente em sua vida, pode saber de uma coisa – de algum modo, naquele momento você deixou de depender do poder de Deus e começou a depender de você mesmo. Não importa, porém, quão fraco seja, até mesmo a "mais débil alma", ao aprender a permanecer em Cristo a todo instante, Satanás não terá poder algum sobre você.

TESE 72

O permanente relacionamento com Deus, conduz à permanente submissão e dependência dEle a todo instante.

Suponhamos que você esteja num elevador, indo para o topo de um edifício. Enquanto o elevador se dirige rapidamente para o alto, você se inclina para amarrar o cordão do sapato, escorrega e cai. Voe foi para baixo, mesmo enquanto subia!

Talvez esta seja uma ilustração fraca dos dois tipos diferentes de permanência. Podemos ir a Deus diariamente e permanecer nEle dia após dia. É o permanente relacionamento diário que dá a Deus o controle de nosso rumo. Se permanecemos nEle dia após dia, mediante um relacionamento diário com Ele nossa direção será para cima. Decidimos se permaneceremos em relação com Ele dia após dia, enquanto decidimos se passamos aquela hora de meditação

contemplando a vida de Cristo em oração e comunhão com Ele. E, na medida em que vamos a Ele num relacionamento diário e permanente, buscando o Seu controle sobre nossa vida, nossa direção será para cima.

Mas muitos cristãos se têm tornado penosamente cômicos de que mesmo quando decidiram um relacionamento diário permanente com Cristo, às vezes podem ainda desviar o olhar dEle para si próprios. E, nessas ocasiões, caem, fracassam e pecam.

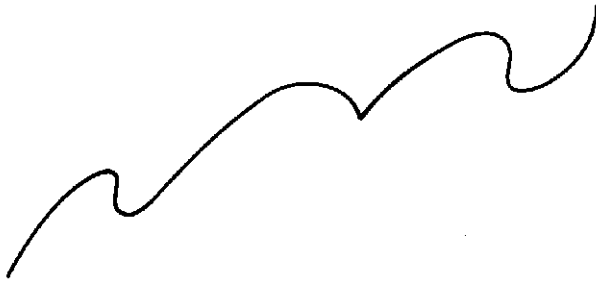
Isso nos conduz a um segundo tipo de permanência – uma dependência permanente de momento após momento. Mesmo quando o relacionamento de permanência diário é ininterrupto, é possível que a dependência permanente momento a momento se torne vacilante.

Vamos fixar o pensamento, para começo de conversa, de que é o relacionamento permanente diário que determina nossa direção e nosso destino.

Caminho a Cristo, págs. 57 e 58 declara: "O caráter se revela, não por boas ou más ações ocasionais, mas pela *tendência* das palavras e atos costumeiros." (Ênfase acrescentada.)

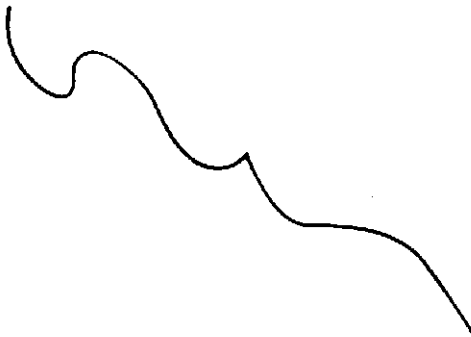
Mas a dependência permanente momento a momento é o que determina a vitória ou derrota na vida cristã. Toda vez que estamos olhando para Jesus e dependendo de Sua força, experimentamos vitória. Toda vez que olhamos para nós mesmos e dependemos de nosso próprio poder, somos derrotados. Dependendo de sermos fortes ou fracos, a derrota pode ser apenas interior, como também exterior. Se somos fortes, podemos comportar-nos corretamente, mas cair, falhar e pecar intimamente. Se somos fracos, a derrota será exterior, tanto quanto interior. Mas se estamos dependendo do eu, em lugar de depender do poder de Jesus, não temos escolha senão cair, falhar e pecar.

Um gráfico da vida cristã, pode parecer-se com o que segue:



Aquele que está num relacionamento permanente diário com Cristo, tem a tendência ascendente na vida, a despeito de falhas ocasionais.

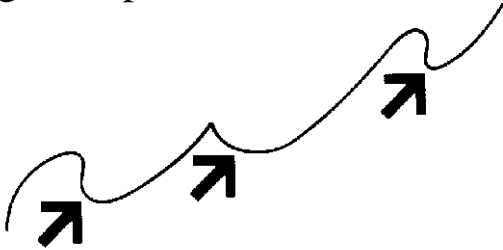
Contudo, se alguém *não* está num relacionamento permanente diário com Cristo, a linha teria o traçado seguinte:



Ele pode ter impulsos ocasionais que apontam na direção de Deus, mas a tendência geral de sua vida será para baixo.

Se alguém estiver num relacionamento diário permanente com Cristo, então Jesus estará no comando de sua direção. Se não estiver num relacionamento de permanência diária, o diabo tem o comando de sua *direção*.

As pessoas muitas vezes perguntam: "Então, quem está no comando quando se dão os recuos para baixo, mesmo quando a direção geral é para cima?"



A resposta é que o diabo está no comando, momento a momento, toda vez que desviamos o olhar de Cristo e recuamos da dependência de Seu poder. Logicamente, o diabo tem de estar no comando toda vez que pecamos. Mas é possível que ele obtenha o controle de nossa vida no momento, enquanto Deus ainda está no controle de nossa direção. E o que faz a diferença no controle divino de nossa direção? Novamente, é um relacionamento de permanência diária com Ele.

A meta de Deus para nós é conduzir-nos o mais rápido possível para o lugar onde O conheceremos e nEle confiaremos suficientemente de modo que nunca nos desviaremos dEle, por um momento sequer. E quando chegar esse tempo, nossa vida terá o seguinte traçado.

TESE 73

Olhar para o eu é sempre o ponto de separação de Deus, e interrompe a dependência dEle momento a momento.

Lembra-se de quando começou a aprender a dirigir? Havia muita coisa para pensar, não é mesmo? Tinha que checar o odômetro, o relógio da gasolina, o espelho retrovisor e o caminho à frente, bem como os sinais de trânsito ao longo da estrada e os outros carros no caminho; e ouvir todas as instruções que o seu instrutor tentava lhe transmitir! É possível tornar-se tão envolvido com todo o mecanismo do processo de conduzir que você se esqueça da regra mais importante: veja onde está indo! Quando não observa aonde está indo, você não vai aonde tencionava ir.

Quando estava tentando ensinar uma de minhas filhas a dirigir, dobramos uma curva e terminamos no gramado de uma igreja. Não era exatamente o roteiro que eu havia planejado que tomássemos! Mas recuamos e tentamos outra vez; e chegou o dia em que ela pôde dirigir suficientemente bem para obter sua própria carteira de motorista. Mas uma coisa é certa: é requerido mais do que uma carteira de motorista para assegurar o dirigir com segurança. Se

you se torna preocupado com a paisagem que atravessa, ou outros carros na rodovia, ou os vários itens no painel, não levará muito e estará fora da pista. Se você se olhar no espelho retrovisor e concentrar ali sua atenção, em lugar de aonde está indo, terá problemas.

Às vezes, quando nos tornamos cristãos, temos problemas idênticos aos de um motorista iniciante. Envolvemo-nos com os mecanismos. Ficamos olhando para nós mesmos, para ver como estamos indo. Olhamos para as outras pessoas para ver como estão se saindo. A paisagem circundante, os prazeres ou provações da vida aqui na Terra, distraem-nos a atenção. E não demora muito para que nos encontremos no cano de esgoto, espiritualmente. É uma lei que, toda vez que afastamos nosso olhar de Cristo e o concentramos em qualquer outra coisa, perdemos o rumo.

O livro *Caminho a Cristo*, pág. 71 nos diz: "Quando o pensamento se concentra no próprio *eu*, é afastado de Cristo, a fonte de vigor e vida. Por isso é constante empenho de Satanás conservar a atenção desviada do Salvador, e evitar assim a união e comunhão da alma com Cristo."

Toda vez que o diabo tem êxito em levar-nos a desviar a vista de Cristo, é inevitável que caiamos, falhemos e pequemos. Nossa atenção deve centralizar-se em Deus; e, na medida em que O encaramos, estamos seguros. Mas quando olhamos, em vez disso, para nós mesmos, colocamo-nos a nós próprios onde deveria estar Deus. E "quando o homem se coloca onde Deus deveria estar, ele, está apenas onde Satanás se compraz em tê-lo". – Ellen G. White, *Review and Herald*, 3 de janeiro de 1899.

Pedro descobriu esse princípio de forma dramática, naquela noite à beira do lago. Está registrado em **S. Mateus 14:28-30**. Jesus havia alimentado os 5.000 naquele dia, e o Céu parecia ter baixado à

Terra. E quando parecia que o novo reino podia ser estabelecido no local, Jesus enviou os discípulos para o outro lado do lago, mais inconformados com Ele do que já haviam estado antes.

Uma tempestade surgiu, e os discípulos temeram perder a vida. Mas Jesus chegou-Se a eles caminhando por sobre as águas, e Pedro disse: "Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E Ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!"

Durante o tempo em que manteve os olhos fixos em Jesus, esteve seguro. Mas quando, em vez disso, olhou para as ondas, e para o barco à distância, para assegurar-se de que os outros discípulos o notavam, começou a afundar.

No ultimo capítulo, falei sobre os dois tipos de permanência, a permanência do diário relacionamento *versus* permanência da dependência momento a momento. Quando desviamos o olhar de Cristo, é a dependência momento a momento que é interrompida – não a permanência do relacionamento diário. Quando caímos, falhamos e pecamos, devemos ir a Cristo para o arrependimento e perdão.

Mas o nosso destino eterno não é decidido por lapsos momentâneos.

"Se alguém que comunga com Deus diariamente [a permanência do relacionamento diário] erra o caminho, se por um instante deixa de olhar firmemente para Jesus [a permanência da dependência momento a momento], não é por que peque intencionalmente; pois quando vê o seu erro, volve-se novamente e fixa o olhar em Jesus, e o fato de ter errado não o torna menos

querido ao coração de Deus." – Ellen G. White, *Review and Herald*, 12 de maio de 1896.

TESE 74

Deus jamais Se separará de nós. Mas podemos decidir separar-nos dEle.

Deus nunca entra com uma ação pedindo divórcio! Ele nos concedeu permissão para iniciar o divórcio no caso de nosso parceiro ter sido infiel aos votos matrimoniais, mas mesmo quando Seu povo Lhe é infiel – inclusive quando Seu povo Lhe é *repetidamente* infiel – Ele jamais exerce tal faculdade por Si próprio. A quebra de relacionamento entre Deus e o homem parte sempre da humanidade, nunca de Deus.

A promessa de Deus para o Seu povo, tem sempre sido: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei." Hebreus 13:5.

Na história de Israel, vemos oportunidade quase ilimitada para Deus decidir deixar o Seu povo. Foram-Lhe infiéis seguidas vezes. Não só violaram os mandamentos pronunciados no Sinai e escritos com Sua própria mão, mas se envolveram no culto de outros deuses, esquecendo-se do único Deus verdadeiro que os tirara do Egito e os levara à Terra Prometida. O registro de sua história no Velho Testamento contém repetidamente a impiedade e rebelião de reis e povo.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 28 declara:

"Desde o tempo de sua entrada na terra de Canaã, apartaram-se dos mandamentos de Deus e seguiram os caminhos dos gentios. Era em vão que Deus enviava advertências por Seus profetas. Em vão

sofriam eles o castigo da opressão gentílica. Toda reforma era seguida de mais profunda apostasia."

Ao tempo de Cristo, "o pecado se tornara uma ciência, e era o vício consagrado como parte da religião. A rebelião deitara fundas rabos na alma, e violenta era a hostilidade do homem contra o Céu".
– *Idem*, pág. 26.

O diabo regozijava-se de ter feito tão bem o seu trabalho que finalmente a paciência de Deus cessaria e a humanidade seria destruída. Mas Deus tinha um plano melhor. Em lugar de destruição, Ele enviou um Salvador. Jesus veio ao mundo para oferecer reconciliação em pessoa, tentar superar o abismo entre a humanidade e o seu Deus.

A oferta de misericórdia que a nação de Israel rejeitou, é ainda oferecida a indivíduos; e toda pessoa que vive sobre a Terra pode ainda aceitar essa oferta. Somente quando todo indivíduo tiver feito a escolha final contra ou a favor de Deus, será a oferta retirada. Quando Cristo deixar o santuário celeste e o tempo de graça se encerrar, a longanimidade de Deus finalmente terá um fim. E mesmo então, Deus não nos deixa arbitrariamente; Ele relutantemente aceita nossa decisão de deixá-Lo. Ver *O Grande Conflito*, pág. 614.

Já se preocupou por estar levando muito tempo para aprender as lições que Ele está tentando ensinar a você? Já orou, dizendo: "Deus, por favor não desista de mim?" Pode ficar certo de que Ele nunca o fará. Talvez uma oração melhor fosse: "Deus, por favor, ajuda-me a não desistir de Ti." Pois, no que tange ao dom de salvação e nosso relacionamento com Ele, contamos com o voto majoritário. Somente nossa teimosia nos pode impedir de ir a Sua presença e receber o que Ele anseia dar.

"Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?" "Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio dAquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor. " Romanos 8:35, 37-39.

TESTEMUNHO

TESE 75

A razão por que Deus deseja que testemunhemos é, primeiramente, o nosso bem.

Suponhamos que um dia eu comece a caminhar de São Francisco para o Colégio União do Pacífico – a Terra Prometida! Você aparece no seu carro, pára e me oferece uma carona. Se eu entrar no carro e viajar com você, chegarei mais rápido ao meu destino; serei poupado de muitos calos. Mas estava seguindo naquela direção, de qualquer forma.

Vamos inverter a situação. Um dia eu começo a caminhar de São Francisco para Reno – outro lugar! Você chega com seu carro, pára e me oferece carona. Se eu aceitar e viajar com você, chegarei mais depressa em Reno; terei me poupado de muitos calos pelo caminho (conquanto vá arranjar muitos mais calos quando estiver lá!) Mas teria alcançado Reno, de qualquer modo.

Esta é uma tentativa de formular uma parábola quanto à questão do testemunhar – e nossa parte é ir, falar e compartilhar o evangelho. As vezes, os teólogos argumentam quanto à revelação *especial* versus revelação *geral*. Aqueles que são a favor de revelação especial declaram que a fim de alguém vir a se salvar, tem de ouvir a história de Cristo e aceitá-la especificamente. Os revelacionistas especiais insistem em que, a menos que aqueles que

já foram a Cristo saiam, falem e compartilhem, as pessoas se perderão eternamente.

Por outro lado, os revelacionistas gerais crêem que Deus julgará cada indivíduo com base na luz que tenha recebido, e que se o máximo que a pessoa conheceu em sua vida foi responder a Deus na Natureza, isso lhe será suficiente. Você pode considerá-lo de um ponto de vista filosófico e concluir que sendo Deus um Deus de amor, e sendo Deus justo e imparcial, Ele não poderia fazer com que alguém se perdesse com base no que eu faça ou deixe de fazer.

Há um bom apoio para essa posição de fontes inspiradas também. S. João 1:9 declara que Cristo é a Luz, "que ilumina a todo homem".

Um comentário na *Review and Herald* de 22 de junho de 1911 assim reza: "No dia do juízo, quando lhe for feita a pergunta por que não obedeceu os mandamentos de Deus, você não poderá apresentar uma desculpa aceitável apelando para a desobediência de outro ser."

Sem dúvida, podemos levar as boas novas da salvação a outros e ser usados como instrumentos de Deus para alcançá-los para Ele. Como na parábola sobre o caminhar para a Terra Prometida, podemos abreviar sua busca de Deus, talvez por anos, se formos, e falarmos, e compartilharmos. Mas Deus não deixa a nosso encargo determina o seu destino eterno.

Se isto for verdade, então qual é o propósito do testemunho cristão? Temos freqüentemente ouvido apelos para ajudar a espalhar o evangelho em benefício dos que estão "lá fora". Mas se Deus pode alcançá-los sem a nossa ajuda, por que nos pede que nos envolvamos? Não teria sido mais fácil deixar a obra de ganhar almas aos anjos, que certamente são mais capazes do que venhamos a ser? É-nos dito que no final, anjos realizarão a obra que os homens podiam ter feito. Ver *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 118. Se

isso for acontecer no fim, então por que não agora, e poupar-nos de todos os erros que temos cometido na tentativa de compartilhar nossa fé?

A resposta é encontrada ao compreendermos o propósito de Deus em nos dar uma parte na atividade de testemunho cristão. Se deseja melhor sumário do testemunho cristão, leia em *Caminho a Cristo* o capítulo "Atividade e Vida".

"O esforço no sentido de abençoar aos outros reverterá em bênçãos para nós mesmos. Foi este o propósito de Deus dando-nos uma parte a desempenhar no plano da redenção." – *Caminho a Cristo*, pág. 79.

Testimonies, vol. 3, pág. 391, declara-o até mais claramente:

"Seja qual for a necessidade que haja para nossa atividade no avanço da causa de Deus, Ele tem propositadamente feito os arranjos para o nosso bem."

Às vezes as pessoas temem que se aceitamos esta verdade, ela destrua toda motivação para ir, e falar, e compartilhar! Parece algo egoísta envolver-se no serviço em proveito próprio, e não em proveito dos outros. Mas observe, por favor, que há uma diferença entre o propósito de Deus em nos envolver no testemunho cristão e nosso propósito em envolver-nos. Tomamo-nos ativos no serviço para Ele, porque temos algo para contar, e não podemos esperar para compartilhá-lo. Envolve-mo-nos no serviço, porque desejamos que outros compreendam a verdade que nos deu liberdade. Buscamos alcançar outros, porque fomos honrados com o privilégio de ser cooperadores de Deus.

Ao sairmos para testemunhar, em benefício dos outros e por causa do próprio Deus, o resultado inevitável é que nossa própria alma será abençoada. E da perspectiva de Deus, é isto que Ele tem em mente o tempo todo.

TESE 76

O desejo de compartilhar vem naturalmente ao cristão genuíno (conquanto os métodos possam variar).

Você não pode conservar o seu periquito dentro de um *Tupperware*! Não estou dizendo que não *deve* fazê-lo; estou dizendo que *não* pode. Se tentar tal coisa, não terá seu periquito por muito tempo. Terá apenas um patético pequeno monte de penas!

Caminho a Cristo, pág. 78, declara:

"Tão depressa uma pessoa se chegue para Cristo, nasce-lhe no coração o desejo de revelar aos outros que precioso amigo encontrou em Jesus; a salvadora e santificante verdade não lhe pode ficar encerrada no coração. Se nos achamos revestidos da justiça de Cristo, e cheios da alegria proveniente da habitação de Seu Espírito em nós, não nos será possível calar-nos. Se provamos e vimos que o Senhor é bom, teremos alguma coisa a dizer."

Você pode encontrar declarações semelhantes por todo o Espírito de Profecia.

"Mas Jesus não pediu aos discípulos: Esforçai-vos por fazer resplandecer a vossa luz; Ele disse: "Resplandeça." Mat. 5:16. Se Cristo habita no coração, é impossível esconder a luz de Sua presença." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 41.

"O primeiro impulso do coração regenerado é levar outros também ao Salvador." – *O Grande Conflito*, pág. 70.

O desejo de partilhar as boas novas com outros, vem naturalmente ao cristão genuíno. Desejar compartilhar as boas novas advém naturalmente a qualquer pessoa! Talvez se lembre da história dos leprosos nos dias da fome em Israel. A cidade estava sob cerco, e as pessoas morriam de fome. Um grupo de leprosos decidiu

aventurar-se fora da cidade, esperando encontrar alguma migalha de alimento. Raciocinaram que se fossem mortos na tentativa, em breve iriam morrer mesmo. Para sua surpresa, o inimigo havia fugido à noite, deixando suas tendas e suprimentos. Os leprosos comeram e beberam, e levaram consigo prata e ouro das primeiras duas tendas que visitaram. A partir daí, o desejo natural de compartilhar as boas novas dominou-os! Poderá ler a respeito em **II Reis 7:9**: "Então disseram uns para os outros: Não fazemos bem: este dia é dia de boas novas, e nós nos calamos." Assim, foram para a cidade a fim de compartilhar o que haviam descoberto.

A despeito do fato de que o desejo de compartilhar ocorre naturalmente, é possível não compartilhar. Se você resiste ao desejo natural de compartilhar, perde-o, assim como perderia o seu periquito se o tivesse preso num *Tupperware*.

"A graça de Deus não permanecerá por muito tempo na alma daquele que, tendo reais privilégios e oportunidades, permanece em silêncio. Tal homem em breve descobrirá que nada tem a dizer." – Ellen G. White, *Review and Herald*, 22 de agosto de 1899.

Isso nos traz a outra importante verdade: nem todos dentre nós compartilhará as boas novas da mesma maneira. Todos terão um desejo natural de compartilhar, o qual todos perderão se recusarem pô-lo em ação. Mas nem todos empregarão o mesmo método em compartilhar o evangelho com outros.

O Espírito Santo escolhe os dons de serviço que concede. Nem todos podem operar pelo mesmo método, e nem todos podem ser alcançados pelo mesmo método. Mas, como testemunhas cristãs, teremos cada um algo pessoal para compartilhar, sobre o que Cristo Jesus tem feito por nós. Alguém pode ter uma personalidade extrovertida, e sentir-se bem ao parar estranhos na rua para falar-

lhes sobre Cristo. Outro pode ser mais recatado, e trabalhar melhor com aqueles com os quais já se relaciona.

A Ciência do Bom Viver, pág. 143, diz:

"Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: "Segue-Me." João 21:19."

A teoria da "bomba do evangelho" deveria ser explodida! Talvez haja visto o filme "O Balão do Evangelho", uma sátira sobre alguns métodos de testemunhar, empregados pelos imaturos. As pessoas não são salvas em massa; são salvas como indivíduos. E o testemunho pessoal do que Jesus tem feito por você é ainda o argumento mais convincente que pode apresentar.

TESE 77

A pessoa mais feliz no mundo é a mais envolvida em servir a outros. A pessoa mais infeliz é aquela que está mais envolvida em servir ao eu.

Você é feliz? No Jardim de Infância costumávamos cantar uma música que dizia: "Por dentro, e fora, no alto e baixo sempre sou feliz..." Que tal ser feliz o tempo todo? Não muitos dentre nós o conseguem, não é mesmo? Até a Poliana conheceu ocasião de ver sua disposição sempre alegre chegando ao fim!

Mas uma coisa é certa: toda felicidade que encontrou na vida vem como resultado de esquecer-se de você mesmo e empenhar-se em ajudar a outros. A pessoa que mais se envolve em servir a si própria é sempre a mais infeliz.

"Só numa vida de serviço, a verdadeira felicidade é encontrada. Aquele que vive uma vida inútil, egoísta, é infeliz." – *In Heavenly Places*, pág. 229.

"Aqueles que se empenham mais fortemente para assegurar a própria felicidade, são infelizes. Os que se esquecem do eu, no interesse pelos outros, têm, refletida sobre seu próprio coração, a luz e bênção que transmitem a outros." – *Idem*, pág. 325.

Uma das metas de Deus para Seu povo é que este seja feliz. As vezes, os religionistas têm passado por alto esse fato, e imaginado que aquele que veste roupas escuras e tem expressão solene, é o que está mais próximo de Deus. Mas este não é o caso. Conquanto seja verdade que há muito mais na felicidade do que a agitação e luminosidade retratadas pelo pessoal de publicidade, é também verdade que os cristãos devem ser as pessoas mais felizes do mundo.

Conta-se a história de um "cristão" sóbrio e sombrio, que tentou partilhar sua fé. Replicou-lhe seu amigo: "Acho que nunca irei ser cristão. Você parece que está com enxaqueca. Você não quer ficar sem a cabeça, mas, custa-lhe mantê-la!"

Por que, em nossa maneira humana de ver as coisas, julgamos que as ocasiões nas quais devemos ser mais solenes são aquelas em que estamos mais perto de Deus? Você já olhou ao seu redor durante um culto de Santa Ceia na igreja? É um culto com intenção e desígnio de ser uma celebração dos pecados perdoados e a garantia de paz com Deus. Mas não, ouse sorrir! Se ó fizer, estará sendo o único!

Às vezes, tenho tentado convencer as pessoas de que não é pecado sorrir durante a Santa Ceia – mas nunca tive muito êxito. Enquanto os diáconos passam os emblemas por todas as fileiras, a atmosfera é muito semelhante à de um funeral. Alguns de nós

somos tentados a sorrir para as sóbrias faces ao nosso redor, mas logo desistimos da vitória!

A Santa Ceia deveria ser uma experiência alegre! O culto a Deus deve ser uma experiência alegre! O serviço de Deus deve ser uma experiência alegre. Os cristãos deveriam ser as pessoas mais felizes do mundo – e umas das principais razões, que pode ser verdadeira, é que o cristão genuíno sempre está pensando nos outros, buscando alcançar a outros, e assim perde de vista o próprio eu.

E esse alcançar os outros inevitavelmente traz bênçãos sobre aqueles que estão realizando esse esforço. "Porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de Mim e do evangelho, esse a salvará." S. Marcos 8:36. Dar é receber.

"Os que servem os outros, serão servidos pelo Sumo Pastor. Eles próprios beberão da água viva e ficarão satisfeitos. Não anelarão diversões excitantes, ou uma mudança de vida. O grande objeto de interesse será: como salvar almas prestes a perecer." – O Desejado de Todos as Nações, pág. 480.

Você é feliz? Ou é infeliz? Seu envolvimento no abençoar outros faz a diferença.

TESE 78

O serviço cristão na vida espiritual equivale ao exercício na vida física.

Quando o avião do capitão Eddie Rickenbacker desceu sobre o Oceano Pacífico durante a II Guerra Mundial, os sobreviventes flutuaram num salva-vidas, sem alimento ou água, por várias semanas antes de serem finalmente resgatados. Rickenbacker e seu

tenente, James Wittaker, escreveram sobre a experiência no livro *Fui Piloto de Rickenbacker*, em português. Um dos membros da tripulação morreu durante o episódio, e os demais passaram um bom tempo debatendo se deviam ou não comer o seu corpo, antes de finalmente sepultá-lo no mar.

Mas suponhamos que antes daqueles homens terem sido salvos, eu por acaso passasse por ali com meu barco a motor. Os homens do salva-vidas olham-me com seus olhos fundos, imaginando se eu não seria apenas outra miragem. Mas eu me aproximo deles, e digo: "Vocês têm um problema. Não parecem muito saudáveis. Vocês precisam é de mais exercício!" Eles respondem: "E você precisa é de mais inteligência!"

Por um bom tempo, tive a idéia de que, a maneira de levar as pessoas a se interessarem por coisas espirituais, era envolvê-las em testemunho, e serviço, e ação missionária. Num novo distrito, alistava os supervendedores entre os membros, e tentava levar todo mundo a bater de porta em porta, ou distribuir literatura, ou dar estudos bíblicos.

Cerca de cinco por cento dos membros davam resposta favorável e realmente tentavam testemunhar. Mas o prejuízo era, na verdade, grande. O rebuliço fazia com que muitos se retirassem para evitar o senso de culpa por não se envolverem.

É tolice tentar levar as pessoas a se exercitarem, se estão quase mortas. É tolice, realmente inútil, tentar levar as pessoas a se exercitarem, se elas ainda nem nasceram.

Então tentei outra técnica. Quando ia para uma nova igreja, fazia todo o possível para levar as pessoas a se interessarem pelas coisas espirituais. Começava realçando nosso relacionamento com Deus e as coisas que têm que ver com fé, submissão e vitória. A

resposta era extraordinária – a princípio. Mas depois, chegava a um auge e se extinguia. E eu me transferia para outra congregação!

Finalmente, entendi o problema. É vital iniciar com uma ênfase sobre coisas espirituais – mas isso deve ser seguido o mais rápido possível do incentivo às pessoas para se tomarem ativas no serviço cristão. Só podemos manter viva a nova vida em Cristo, quando a compartilhamos. E a única coisa que impedirá que o reavivamento se esgote é começar imediatamente a partilhar com outros as boas novas.

Este equilíbrio é descrito no livro *Caminho a Cristo*, págs. 80 e 81:

"A força se desenvolve pelo exercício; a atividade é a própria condição de vida. Os que procuram manter a vida cristã aceitando passivamente as bênçãos que lhes são oferecidas pelos meios da graça nada fazendo por Cristo, estão simplesmente procurando comer para viver, sem trabalhar. No mundo espiritual, assim como no mundo natural, isso resulta sempre em degeneração e ruína. O homem que se recusasse a servir-se de seus membros, em breve perderia a faculdade de usá-los. Assim o cristão que não exercita as faculdades que Deus lhe deu, não só deixa de crescer em Cristo, como também perde a força que já possuía."

Cristo empregou o melhor método, ao trabalhar com os Seus discípulos. Primeiro, disse-lhes que O seguissem. Ver S. Mateus 4:19. Depois de algum tempo, deu-lhes a ordem: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." S. Mateus 28:19.

Só quando aprendermos a segui-Lo, e a continuar seguindo-O, estaremos preparados para o "Ide".

Não podemos dar a outros aquilo que nós próprios não possuímos.

Imagine comigo uma cena de tribunal. A testemunha faz o juramento concordando em "contar a verdade, toda a verdade, nada mais do que a verdade". Toma assento no banco das testemunhas, e o interrogatório tem início.

- Onde estava na noite do crime?
- Em casa.
- O que estava fazendo?
- Estava na cama, dormindo.
- Você viu qualquer coisa incomum?
- Não.
- Ouviu alguma coisa?
- Não, eu dormi durante todo o episódio.
- É você é uma *testemunha*?

Neste ponto, a "testemunha" é tirada da sala do tribunal, certo?

Há um interessante relato no Velho Testamento sobre uma testemunha que nada tinha para contar. Absalão estava empenhado em tomar o reino de seu pai Davi. Houvera uma batalha, e, no fragor desta, a mula de Absalão passou sob um galho baixo de árvore, e Absalão lá ficou, preso pelos cabelos! Um homem foi testemunha, e recebeu instrução de ir contar ao rei Davi o que tinha visto.

Mas outro homem também se dispôs a ir. Seu nome era Aimaás. Ele se dirigiu ao oficial encarregado, e disse: "Deixe-me ir também. "O oficial respondeu: "Por que deseja ir? Você não tem notícia alguma para relatar. "

Mas Aimaás insistiu. E correu depressa, a despeito de sua falta de informação! De fato, correu tão depressa que até passou à frente

da testemunha real, o cusita, e chegou antes dele. Inclinou-se então, perante o rei, e disse: "Tudo está bem" – o que não era verdade. Mas, quando Davi o pressionou, pedindo detalhes com respeito a Absalão, tudo quanto pôde dizer foi: "Vi um grande alvoroço, ... porém não sei o que era." II Samuel 18:29.

Muitas pessoas dentro da fé cristã têm corrido como Aimaás! Seu zelo tem sido grande, mas sua mensagem é fraca. A fim de ser uma testemunha eficaz, você tem que ter alguma coisa de que dar testemunho!

"Sem uma viva fé em Cristo como Salvador pessoal, é impossível fazer com que nossa influência seja sentida em um mundo cético. Não podemos dar a outros aquilo que nós mesmos não possuímos. É proporcionalmente à nossa própria devoção e consagração a Cristo, que exercemos uma influência para benefício e reerguimento da humanidade. Caso não haja real serviço, nem genuíno amor, nem realidade de experiência, não há poder para ajudar." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 37.

O primeiro passo para tornar-se uma testemunha de Cristo é ter uma experiência com Ele por você mesmo. Não basta ter visto uma mudança na vida de outro, ou ter sentido o poder e emoção do evangelho. O testemunho cristão deve sempre basear-se na primeira pessoa. Ninguém se sentirá impressionado com uma testemunha do cristianismo que só possa dizer: "Vi um grande alvoroço, porém não hei o que era".

O testemunho que o mundo está esperando hoje é o mesmo que Jesus comissionou os restaurados endemoninhados de Gadara a apresentarem. Ele disse: "Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti." S. Marcos 5:19.

TENTAÇÃO

TESE 80

A verdadeira questão envolvida na tentação é se é possível viver vida sem Cristo.

Você já foi tentado? Já se achou lutando contra a tentação? Devo acrescentar outra pergunta: Você é um ser humano? A tentação é um fato da vida sobre a Terra, não é? E muitos de nós temos descoberto por experiência pessoal que existe um Deus.

Quando adolescente, cheguei à conclusão que os meus problemas com a tentação estariam superados ao completar vinte

anos. Mas quando atingi a casa dos vinte, concluí que anda levaria alguns anos. Experimentaria liberdade das tentações nos meus trinta anos, decidi. Mas, cada nova década trazia seu próprio conjunto de problemas. Detesto admitir que idade agora estipulei! A penosa realidade é que vivemos num mundo de tentações, que o diabo está vivo e bem vivo, e que jamais deixa alguém completamente sozinho. Sua persistência só se iguala à sua maldade, e, quando não pode levar alguém ao pecado, contenta-se em levá-lo a sofrer. A tentação não é uma experiência agradável! Hebreus 2:18 fala sobre Cristo: "Pois naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados."

Mas, quando a tentação termina em fracasso, derrota e pecado, o sofrimento é ainda pior. Se tão-somente pudéssemos descobrir como lidar com a tentação, estaríamos numa posição de responder a uma pergunta importante que muitas pessoas estão formulando. Frequentemente os métodos propostos para lidar com a tentação dependem de quanta força de vontade uma pessoa tem ou não, e o que parece funcionar para o forte é ineficaz para o fraco.

Ao começarmos a considerar este assunto, lembremo-nos novamente de que o pecado não se baseia em comportamento. Já estudamos o fato de que *pecado*, singular, é viver separado de Cristo, e que *pecados*, plural, (fazer coisas erradas) são o resultado dessa separação.

Do mesmo modo, podemos traçar uma distinção entre *tentação*, singular (a tentação de viver a vida separada de um relacionamento diário com Cristo) e *tentações*, plural, que teriam que ver com ações erradas e comportamento errado.

Se estou lutando com as tentações, plural, então qual é o meu problema real? É falta de uma constante confiança em Deus. Eis por que o diabo faz de tudo para nos separar de um relacionamento

ativo com Cristo, pois é aí que nossa confiança em Deus se desenvolve. Se o diabo puder levar-nos a escolher vida independentemente de Jesus Cristo, as tentações, plural, terão êxito como conseqüência inevitável.

"A alma que ama a Deus, tem prazer em extrair força dEle pela constante comunhão com Ele. Quando se torna hábito da alma conversar com Deus, o poder do maligno é quebrado; pois Satanás não pode permanecer perto da alma que se aproxima de Deus." – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 937.

Então, vamos expor bem a questão, para começo de conversa, que o verdadeiro problema no caso da tentação é viver a vida sem o Cristo. Se estiver cedendo à tentação de começar cada dia sem tomar tempo para oração e estudo da Palavra de Deus, se estiver vivendo vida distanciada do Senhor Jesus Cristo, então já perdeu a batalha. As tentações só podem ser vencidas a partir da estrutura de um relacionamento com Cristo. E ao prosseguirmos considerando como lidar com as tentações, plural, deve isto sempre basear-se num primeiro entendimento de como lidar com a *tentação*, singular – a tentação de vivermos separados de Deus.

Mas o cristão que está diariamente submetendo-se a Cristo e gastando tempo em aprender a conhecê-Lo melhor e confiar mais nEle, pode ainda descobrir que não somente é tentado, mas que cedeu às tentações. Se isto for verdade para você, então um estudo do mecanismo das tentações pode operar uma reviravolta.

TESE 81

As tentações se tornam pecado quando consentimos com elas em nossa mente.

Suponhamos que quando você se levanta pela manhã decide passar uma hora de meditação e oração, e em contemplação da vida de Cristo. Você O convidou a ter o controle de sua vida e aceitou os Seus dons de arrependimento e perdão para o novo dia. Você coloca os seus planos aos pés dEle, convidando-O a dirigir-lhe os passos. E então sai para levar a efeito sua jornada de trabalho.

Mas, antes do anoitecer, você descobre que pecou. Cedeu a uma das tentações do demônio, e ao olhar para trás, para o que aconteceu, descobre-se perguntando: "Por quê? Como? Quando me saí errado?"

Considere, por uns poucos instantes, a "anatomia" de uma tentação.

Já temos estudado o fato de que na medida em que seus olhos permanecem fixos em Cristo, o pecado não tem poder sobre você. Quando começou o seu dia com Deus, você se colocou sob o Seu controle. Na medida em que continua dependendo dEle, o diabo não tem poder para levá-lo a pecar. De fato, enquanto estiver dependendo de Cristo, os pecados lhe serão odiosos. Portanto, o diabo sabe fazer coisa melhor do que desperdiçar o seu tempo tentando levá-lo à prática do pecado. Primeiro, ele deve de algum modo desviar sua atenção de Jesus e da dependência dEle.

O Maior Discurso de Cristo, pág. 92, afirma: "O ceder à tentação começa ao permitirdes que a mente vacile, seja inconstante na confiança em Deus."

Já observamos as táticas do demônio para remover nossos olhos de Jesus. (Ver a lista em *Caminho a Cristo*, pág. 71). Ele o leva a ficar absorvidos nos prazeres, cuidados, perplexidades e tristezas, nas faltas dos outros, em suas próprias faltas e imperfeições, ou em ansiedade quanto a se estará salvo ou não. Ao desviar-se de Cristo e começar a depender de você próprio, você baixou sua defesa e o

diabo pôde então introduzir-se com suas tentações para fazer o que é errado, o que você inevitavelmente achará atraente.

Essa transferência da atenção de Cristo para o eu, esta mudança da permanente dependência em Deus para a auto-suficiência, ocorre, com frequência, de modo imperceptível. Sua primeira pista de que algo mudou pare ocorrer quando você é brindado com uma das tentações do inimigo e acha atraente.

Edward Vick, em seu livro *Let Me Assure You*, indica cinco etapas na tentação: tentação, reflexão, consentimento, planejamento e ação. Analisemos cada etapa:

1. **Tentação**: O diabo apresenta suas seduções para cometermos pecados. Ele não nos pode compelir; pode apenas convidar. Não é pecado ser tentado. Jesus o foi.

2. **Considerar**: Deus não passa por alto nossa mente. Não obtemos vitória dissociada de nossa própria inteligência. Até mesmo Cristo considerou por tempo suficiente a tentação que o diabo Lhe apresentava, para ver as questões envolvidas. Considerar o que está em jogo e reconhecer a tentação pelo que é, não envolve pecado.

Se você estiver dependendo de Jesus na hora das tentações, haverá de parar bem aí. O Espírito do Senhor levantará um escudo contra o inimigo, e você obterá a vitória. Mas, se desviou a atenção de Jesus para você próprio, e está dependendo de sua própria força, não terá escolha, senão prosseguir para a próxima etapa, que é onde as tentações se tornam pecados – o ponto do consentimento.

3. **Consentimento**: O que é consentir? É a reação que se expressa como se fosse: "Ei, isso parece divertido!" Não precisa necessariamente ser, "Sim, eu farei isso." Pois os pecados começam antes que comecem os atos. Jesus declarou em S. Mateus 5 que se você está irado, é culpado de assassinio, e se tem pensamentos

maliciosos, já é culpado de adultério. É desnecessário ir além da etapa 3, para ser culpado de pecado perante Deus. "A predominância de um desejo pecaminoso revela a ilusão da alma." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 92.

4. *Planejar*: Dependendo da natureza da tentação, esta etapa pode ser breve ou bastante complicada. Às vezes, até as pessoas muito teimosas, que por pura resolução e determinação podem deixar de passar para a etapa 5, passarão ainda tempo aqui, porque pode ser divertido fazer planos! Os fracos planejarão e depois irão adiante com tais planos.

5. *Agir*: Finalmente, o plano se transforma em ato, pelo menos para os fracos. Mas observe que esta não é a etapa que determina se uma pessoa pecou. O pecado já começou na etapa 3, quando foi dado o consentimento.

A novidade é que em qualquer ponto ao longo do caminho, nessas cinco etapas, você pode reconhecer o seu perigo e volver-se para Cristo em busca de arrependimento e perdão. Ele está sempre disposto a nos aceitar, não importa quando vamos a Ele. Na medida em que continuarmos a buscar um relacionamento e comunhão com Ele dia a dia, Ele nos trará ao ponto em que dEle dependeremos por todo tempo, não apenas por parte deste. Quando esse tempo chegar, em vão o inimigo nos trará suas tentações.

TESE 82

Jesus foi tentado a fazer o certo, mas em Seu próprio poder, tal como nós.

Você já foi tentado a transformar pedras em pães? Tenho lutado contra muitas tentações, mas nunca com uma desse tipo! Por quê?

Porque o diabo sabe que estaria perdendo o seu tempo. Não poderia fazê-lo ainda que o desejasse.

Haverá algo de errado em transformar pedras em pães? Há algo errado em estar faminto, quando você não comeu por seis semanas? Jesus, mais tarde em Seu ministério, e sob a direção de Seu Pai, multiplicou os pães e peixes mediante poder sobrenatural, e com eles alimentou o povo que estava jejuando somente a partir do desjejum! O diabo não tentou Jesus a transformar as pedras em sorvetes ou chocolates. Tentou-O a transformar as pedras em pão – e essa parece uma ótima coisa a fazer quando você nada comeu por quarenta dias e quarenta noites.

Todas as tentações que o diabo apresentou para desviar a Jesus de Sua missão, tinham um denominador comum. Todos destinavam-se a levar Jesus a parar de depender do poder do Seu Pai e empregar o poder com o qual nascera.

Os pecados são repulsivos a Jesus. **Hebreus 1:8 e 9** di-lo em palavras bem claras: "Amaste a justiça e odiaste a iniquidade." Assim, o diabo teria sido incapaz de atraí-Lo pelas tentações a fazer coisas erradas. Sua única possibilidade era tentar levá-Lo a fazer o que era certo – mas por Seu próprio poder.

Consideraremos em maiores detalhes a natureza de Cristo nas Teses 90 a 94. Mas, para entender o assunto da tentação, precisamos pelo menos ter em mente o seguinte: Jesus não foi tentado a fazer coisas erradas. Ele foi tentado a fazer coisas certas, mas fazê-las em Seu próprio poder – e somos tentados da mesma maneira.

Apocalipse 3:14-22 registra a mensagem à igreja de Laodicéia. Laodicéia não é falha em obras, mas falta-lhe um relacionamento com Jesus. Ele é retratado como estando de fora, batendo á porta para ser admitido. O laodiceano precisa arrepender-se de seu pecado – não de seus pecados. Ele tem vivido sua vida

imaculada independente de Cristo. Tem-se esquecido de que "sem Deus a aparência exterior não tem qualquer peso. As formas exteriores de religião, sem o amor de Deus na alma, são totalmente sem valor". – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 958. Laodicéia é uma igreja cheia de pessoas fortes, que não sentem necessidade de um Salvador.

Mas há boas notícias para Laodicéia no verso 21 – uma promessa ao que vencer. E o método para vencer? Podemos vencer da mesma forma que Cristo venceu. Tal como Cristo dependia de poder que estava acima dEle, em vez de poder de dentro dEle, assim se dá conosco.

O diabo procurará vencer-nos da mesma forma que tentou vencer a Cristo. E, como dificilmente nos apercebemos, freqüentemente tem êxito em desviar-nos a atenção do Salvador. Ele não se chega a nós e pergunta se estaríamos interessados em cometer algum pecado terrível. Apenas tenta encher-nos os dias, as horas e os minutos com uma multidão de coisas, boas em si mesmas, que tirem nossa atenção de Jesus. Tenta manter-nos ocupados o bastante para não passar tempo em comunhão e relação com Cristo. Ele nem se incomoda que estejamos ocupados, trabalhando para a igreja, desde que nos encontremos demasiado ocupados para dar atenção a Cristo. Este é o pano de fundo. Ele não se preocupa com as coisas "boas" que fazemos, na medida em que a façamos por nossa própria força.

Mas fomos advertidos do perigo. Jesus não só veio para morrer por nós, como veio para mostrar-nos como viver. Veio para mostrar-nos como resistir à tentação do inimigo de afastar-nos de nosso relacionamento com Deus para depender de nós próprios. Quando compreendemos as questões envolvidas em pecado e tentação, sabemos onde jaz a nossa força. Ao nos recusarmos estar

separados da dependência de Cristo, mesmo por "boas" razões, seremos vencedores mediante o poder de Deus.

TESE 83

O Senhor sabe como livrar o justo das tentações, mas não os injustos.

Por uma boa quantidade de anos, tenho pastoreado igrejas de colégios. Ensinar uma classe no colégio cada semestre, tem-me ajudado a estar em contato com a população estudantil. E isso me faz recordar a tolice do sistema de notas! Os estudantes cedo aprendem a usar estratégias para escapar ao estudo daquilo para que supostamente estão na escola! Tentam analisar o professor e suas técnicas. Ficam à deriva durante a maior parte do semestre, e então tentam compensar tudo no último instante a fim de conseguir passar de ano.

Meus alunos tentam ser mais espertos do que eu, nas tentativas de ensinar-lhes algo; então, comecei a tentar superá-los em esperteza! Nesse processo, desenvolvi um sistema de "notas por contrato". Garanto a cada estudante que freqüentar as aulas regularmente, e fielmente fizer as lições de casa cada dia, uma nota que lhe permita passar – não importa quão fracamente se haja saído nos testes e exercícios.

O que é mais interessante (e divertido) é que após anos de ensino e centenas de estudantes, nem uma vez um aluno que assistiu às aulas regularmente e entregou os trabalhos, deixou, de qualquer forma, de obter uma nota que o aprovasse. Na medida em que assista às explicações e realize as tarefas de casa, ele não tem problemas em superar os testes e exercícios!

Deus prometeu livrar os justos da tentação. Você pode ler isso em **II S. Pedro 2:9**: "O Senhor sabe livrar da provação os piedosos." Mas quem são os "piedosos"? Já lhe passou pela cabeça a idéia de que se você fosse "piedoso", não precisaria de ajuda nenhuma para lidar com a tentação? O **Salmo 1:6** declara: "Pois o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá." Assim, os piedosos são os justos – e os impiedosos são os injustos. Os que são piedosos, ou justos, são os que não dependem de si próprios, ou de sua justiça, mas da justiça de Cristo. Estes são os que o Senhor sabe como livrar da tentação. Os que são injustos, ou impiedosos, são os que dependem de sua própria justiça e seu próprio poder. Mas não têm nada! Até mesmo Deus é incapaz de livrar da tentação os que insistem em confiar em si mesmos.

Seria seguro dizer que o Senhor não é capaz de livrar os impiedosos da tentação? Quantas vezes já foi derrotado em suas tentativas de viver a vida cristã porque, numa crise, você tenta fazer retiradas do poder em reserva com o qual não conta? É como tentar passar num exame para o qual não se preparou. Ou emitir um cheque quando não dispõe de dinheiro no Banco para cobri-lo.

A Ciência do Bom Viver, pág. 510, nos fala que "quando permitimos que nossa comunhão com Deus seja quebrada, ficamos sem defesa. Todos os bons objetivos e boas intenções que tendes não vos tornarão aptos a resistir ao mal. Deveis ser homens e mulheres de oração."

Ao buscar o Senhor dia após dia e ser transformado pela contemplação dEle, você aprende quão fútil é depender de sua própria débil força. Quando pára de procurar lutar contra o pecado e o diabo por você mesmo, então o Senhor é finalmente capaz de trazer a libertação. Ele tem todo o poder no Céu e na Terra, e, quando você repousa sobre tal poder, a vitória está assegurada.

TESE 84**As tentações não são vencidas no momento da tentação, mas sempre antes.**

Certa vez ouvi um pregador dar, do púlpito, vários exemplos de como julgava que devíamos vencer a tentação. "Suponhamos que você tenha um problema com o álcool" dizia ele. "Você vai até o bar e compra uma garrafa de vinho, volta para o carro, retira a tampa e leva a garrafa aos lábios. Subitamente, percebe que está sendo tentado!"

Bem, acredito que sim!

Mas ele prosseguia: "Suponhamos que você tenha um problema com tóxico, faça um contato com o seu traficante e adquira uma quantidade maior do produto. Você volta para o seu apartamento, pega a seringa, agita a mistura e, quando está prestes a introduzir a agulha no braço, reconhece que está sendo tentado." O que deve fazer?

Talvez um dos nossos maiores problemas com a tentação seja o de esperar até chegar à condição descrita por esse pregador e, *depois*, procurar resolver o que fazer. Mas então já é tarde demais. Se o pecado começa na mente, dando lugar a que nossa confiança e dependência de Cristo seja interrompida, então a tentação já se apresentou e foi detonada muito tempo antes. Se os pecados não constituem apenas atos errados, mas também pensamentos, planos e desejos (como temos feito notar nos últimos capítulos), então a tentação teve êxito mesmo antes da ida até o bar ou ao traficante. A tentação já se tornara pecado no momento do consentimento mental. Planejar e cometer o pecado foi o resultado inevitável do pecado que já, anteriormente, houvera assumido forma.

O Maior Discurso de Cristo, pág. 60, nos diz:

"O período de tentação sob a qual, talvez, uma pessoa caia em um pecado ofensivo, não cria o mal revelado, mas apenas desenvolve ou torna manifesto aquilo que estava oculto e latente no coração. Um homem 'é tal quais são os seus pensamentos' (Prov. 23:7); porque de seu coração 'procedem as saídas da vida' (Prov. 4:23)."

Quando você fracassa num exame de aritmética, o verdadeiro problema teve lugar quando deixou de aprender sua tabuada ou negligenciou resolver os problemas dados como dever de casa. Se de repente sua conta bancária apresenta saldo negativo, o problema começou quando você deixou de registrar no canhoto do talão todos os cheques que emitiu, ou não fez a adição ou subtração corretamente. Se se encontrar afogando na extremidade mais profunda de uma piscina, o problema real é que não aprendeu a flutuar primeiro, na extremidade rasa.

Os fortes têm-se valido de toda sorte de técnicas para tentar vencer o pecado no tempo da tentação. Os fracos tentam as mesmas técnicas e concluem que elas não fazem qualquer diferença. O problema não consiste em encontrar as palavras certas que deve dizer, ou oração que deve proferir, ou cântico que deve entoar no momento da tentação. O problema é descobrir a Fonte de poder, de modo que, quando vier a tentação, o Espírito do Senhor erga um estandarte contra o inimigo, em seu benefício.

Qualquer método que tente impor o comportamento certo no instante da tentação, irá centralizar sua atenção em você mesmo, e esse é tão-só um beco sem saída. O único modo pelo qual uma pessoa vence o pecado e o diabo é olhar para Jesus – não para o eu. Mesmo os fortes têm descoberto que, quando estão separados de

Cristo, tudo quanto esperam controlar são os atos exteriores. Não podem mudar o desejo de seu coração.

Quando Jesus Se aproximou dos discípulos no Jardim e os encontrou dormindo, disse-lhes: "Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação." S. Lucas 22:46. Estavam eles sendo tentados naquela ocasião? Bem, eles estavam sendo tentados a dormir. Mas o que contribuiu para a sua derrota quando vieram as tentações foi o fato de que cederam à tentação de negligenciar o poder disponível do Alto. E, devido a sua negligência, quando veio a crise todos O abandonaram e fugiram.

Hebreus 4:16 nos fala em chegar-se "confiadamente junto ao trono da graça, afim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna". Com freqüência lemos, em vez disso, que devemos ir confiadamente ao trono da graça em tempo de necessidade. É verdade que Jesus sempre nos aceita quando quer que nos volvamos a Ele, mas somente buscando Sua misericórdia junto ao trono da graça *agora*, teremos graça para nos ajudar quando chegar o tempo de necessidade Ele sempre oferece perdão do pecado – mas se formos livrados de pecar, será porque fomos a Ele em busca de Seu poder antes de chegar a tentação. Obtemos vitória aprendendo a permanecer nEle dia após dia e momento a momento.

VITÓRIA

TESE 85

Vitória não é algo que efetuamos. É algo que recebemos.

Um tema perpassa todas as mensagens às sete igrejas em Apocalipse 1-3: Vencer! Uma promessa especial é dada a cada igreja, uma promessa aos vencedores. À igreja de **Éfeso**: "Ao vencedor dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus." Apocalipse 2:7. À igreja de **Esmirna**: "O vencedor, de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte. " Verso 11. À igreja de **Pérgamo**: "Ao vencedor dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe." Verso 17.

À igreja de **Tiatira**: "Ao vencedor, e ao que guardar até ao fim as Minhas obras, Eu lhe darei autoridade sobre as nações. " Verso 26. À igreja de **Sardes**: "O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos." Apocalipse 3:5.

À igreja de **Filadélfia**: "Ao vencedor fá-lo-ei coluna no santuário do Meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do Meu Deus, o nome da cidade do Meu Deus, a nova Jerusalém que desce do Céu, vinda da parte do Meu Deus, e o Meu novo nome." Verso 12.

E, finalmente, para a igreja de **Laodicéia**: "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no Meu trono, assim como também Eu venci, e Me sentei com Meu Pai no Seu trono. " Verso 21.

É algo muito importante tornar-se um vencedor, não é mesmo? O Senhor certamente concede àquele que vence alguns poderosos incentivos para fazê-lo: ser capaz de comer da árvore da vida, do maná escondido, receber um nome novo, ter poder sobre as nações, ser vestido de vestes brancas, ser uma coluna no santuário de Deus, e sentar-se com Cristo no Seu trono.

Às vezes as pessoas desenvolvem a idéia, quando eu digo que a vitória é um dom, de que isso de alguma forma não é importante. Nada podia estar mais longe da verdade. A salvação é um dom – é a salvação importante? Fé é um dom – é a fé importante? O arrependimento é um dom – é o arrependimento importante? O alvo de Deus para nós é a vitória – e mesmo mais do que a vitória. Ele deseja que sejamos "mais que vencedores" por Seu intermédio. Romanos 8:37.

Quando Deus fala sobre obter vitória, e mesmo "mais" do que vitória, que vitória é essa que está descrevendo? É vitória sobre os pecados? Não. É uma vitória sobre algo muito mais difícil de controlar.

O Maior Discurso de Cristo, pág. 141: "A vida cristã é uma batalha e uma marcha. Mas a vitória a ser ganha não é obtida por força humana. O campo de luta é o domínio do coração. A batalha que temos a ferir – a maior de quantas já foram travadas pelo homem – é a entrega do próprio eu à vontade de Deus, a sujeição do coração á soberania do amor."

Observe que submissão do eu, a renúncia a nós próprios e o deixar o controle para Deus, é o que está em pauta – não a submissão de coisas erradas.

É talvez a única batalha no Universo em que o caminho para a vitória está em sujeitar-se! E, sendo isto verdade, então é inevitável que a vitória tenha de ser um dom, pois submissão é um dom.

"Não podemos de nós mesmos, vencer os maus desejos e hábitos que lutam pela predominância. Não nos é possível dominar o poderoso inimigo que nos mantém em escravidão. Unicamente Deus nos pode dar a vitória." – *Idem*, pág. 142.

Já vimos o método para obter a vitória, que Deus indica na mensagem à igreja de Laodicéia: "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no Meu trono, assim *como também Eu venci*, e Me sentei com Meu Pai no Seu trono." (Ênfase acrescentada). Como Jesus venceu? Mediante dependência do poder do Seu Pai e mediante o relacionamento com o Seu Pai – não mediante o combate ao diabo por Sua própria força, conquanto tivesse a força, o que não é o nosso caso. Por meio de confiança no poder e força de Seu Pai, Jesus foi Vencedor. E mediante a confiança nEle, por meio de fé nEle, nós também podemos conseguir a vitória. "Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé." I S. João 5:4.

TESE 86

Na milícia cristã, somos ativos no combate da fé e passivos no combate aos pecados.

Toda sorte de programas de exercícios invadem o mercado hoje. O exercício tornou-se tão popular que algumas pessoas já prejudicaram seriamente a saúde exagerando-o. Mas conheço um exercício que gostaria que experimentassem para conseguir saúde espiritual. Um exercício que o tornará forte para obter a vitória! Está pronto? Desejo que fique em pé, parado, e avance para a frente ao mesmo tempo!

O Senhor designou este exercício em particular para os israelitas bem no início de sua jornada para a Terra Prometida. Você pode ler a respeito em Êxodo 14:13-15. Eles estavam às margens do

Mar Vermelho, cercados de montanhas por todos os lados, com o inimigo vindo rapidamente por trás. Quando estavam a ponto de entrar em pânico total, o Senhor enviou uma mensagem através de Moisés. "Não temais: aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tomareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis. Disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a Mim? Dize aos filhos de Israel que marchem."

Ai está, um programa de exercícios respaldado pela Bíblia! Permanecer quieto no lugar e ir adiante. É somente isso.

Seria possível ficar parado e ir adiante ao mesmo tempo? Bem, talvez já o tenha feito antes! Já ficou de pé dentro de um ônibus, ou trem ou avião, enquanto o veículo avançava para diante? Você permaneceu parado no lugar? A maioria das pessoas reconhece a futilidade de correr para cima e para baixo no corredor de um ônibus ou avião enquanto este se movimenta. Não só é isso esforço desperdiçado, mas você provavelmente perderia o equilíbrio e cairia! Assim, você apenas permanece parado. Mas, ao mesmo tempo, está indo para a frente – e não só isso, como está se deslocando numa velocidade muito maior do que se desembarcasse e tentasse correr em sua própria força.

Como devia o povo de Israel permanecer parado e marchar a um só tempo? Deveriam aquietar-se no que respeita a combater o inimigo – mas deveriam avançar em fé! Esta é a diferença entre a luta da fé e a luta do pecado. Deus nos convida a nos envolvermos na luta da fé. Ele nos adverte contra nos tornarmos envolvidos na luta do pecado.

A luta da fé é o empenho para pôr de lado aquele tempo de meditação cada dia para oração e estudo da vida de Cristo, para a comunhão com Ele. A luta do pecado é o empenho para vencer as

tentações e os pecados, guerrear contra o diabo e seus poderes. Se tentamos combater na luta do pecado, seremos vencidos logo no começo.

Efésios 6:12 nos diz que "nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes". Se não estamos sequer combatendo carne e sangue, então como podemos lutar? Como se combate um espírito? Há somente uma maneira. Você terá que se valer do auxílio de outro Espírito para realizar o combate por você. E é isso que Deus prometeu fazer por nós.

"O homem não é capaz de salvar-se a si mesmo, mas o Filho de Deus Se empenha em suas batalhas por ele, e o coloca em terreno vantajoso, dando-lhe os atributos divinos." – Ellen G. White, *Review and Herald*, 8 de fevereiro de 1898.

É verdade que Paulo nos fala em revestir-nos de toda a armadura de Deus – o que dá a impressão de que vai haver uma luta! Mas se você examinar a armadura descrita em **Efésios 6:11-18**, é armadura para uma guerra de *resistência*. De fato, é o que o texto diz repetidamente. "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes *ficar firmes*." "Depois de terdes vencido tudo, *permanecer inabaláveis*".

Observe que cada item da armadura de Deus que temos de trajar tem que ver com uma relação de fé com Deus, ou a luta da fé. É para defesa – não uma armadura para o ataque. As várias peças representam verdade, justiça, o evangelho da paz, fé, salvação, oração e a Palavra de Deus. A pessoa que está assim equipada estará pronta para *permanecer inabalável* para o combate contra o inimigo – mas *marchar* avante num relacionamento de fé e confiança em Deus.

Não tente avançar, a menos que permaneça firme – você certamente cairá! Não tente permanecer parado sem ir adiante – do contrário terá apenas uma religião passiva que logo se revelará inútil. Permaneça em pé, quieto, e marche para diante. É o único caminho para a vitória!

TESE 87

A vitória real é obter vitória sobre tentar obter vitória.

Josafá acabara de receber notícia de que o inimigo estava chegando. Em vez de convocar um conselho de guerra e ordenar que as tropas se preparassem imediatamente para um grande ataque, ele fez uma coisa muito interessante. Você poderá ler a respeito em **II Crônicas 20** – convocou uma reunião de oração!

Durante a reunião de oração, um homem se levantou, movido pelo Espírito de Deus, e sugeriu um plano. Disse às pessoas que deveriam sair para encontrar o inimigo, mas que não precisariam lutar, que o Senhor lutaria por elas. Assim, na manhã seguinte elas se reuniram bem cedo para sair e encontrar o inimigo, e, após uma breve discussão, decidiram enviar o coro à frente de sua companhia, entoando louvores ao Senhor a caminho do campo de batalha.

Que lhe parece ter feito parte daquele coro? Teria sido uma real vitória obter vitória sob tentar obter vitória, não é mesmo? Pode imaginar alguém lá da fileira dos baixos trazendo sob a longa beca um estilingue?

Se você estivesse estado ali naquele dia, seria necessária muito mais fé para deixar o estilingue em casa e partir em nome do Senhor, cantando louvores a Ele, não é mesmo? Mas de algum modo o povo conseguiu fazer o que Josafá tinha ordenado, e o Senhor obteve uma extraordinária vitória em Seu favor naquele dia.

Na vida espiritual, igualmente, a vitória é sempre ganha por olhar a Jesus e depender de Seu poder. Nunca é conseguida por tentar combater o pecado e o diabo. Nunca é conseguida por tentar "ajudar" a Deus, permitindo-Lhe fazer parte do trabalho, enquanto nós ficamos de lado, dando estocadas no inimigo. Vitória é um setor de Deus. Pode-se apenas cooperar mediante a busca de um relacionamento dia a dia com Ele, permitindo-Lhe assim combater o inimigo por nós.

Talvez tenha experimentado praticar o truque do garotinho da escola, de equilibrar uma vassoura na mão. Se olhar para a mão, terá problemas. Mas se concentrar a atenção na vassoura e olhar para cima, subitamente se torna fácil.

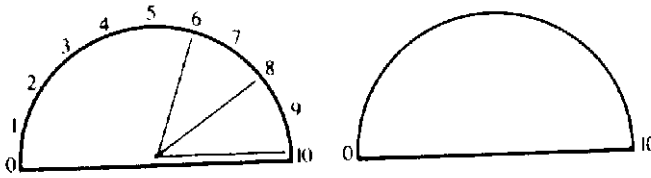
Quando olhamos para nós próprios, inevitavelmente perdemos a vitória – mas, quando olhamos para Cristo, a vitória vem como resultado. Há um poema que reza mais ou menos assim: "Olhei para Cristo, e a pomba da paz entrou voando. Olhei para a pomba e esta novamente voou para longe."

A maioria de nós tem perdido a vitória, não por falta de nos esforçarmos bastante para consegui-la, mas devido a termos feito *esforço demais*. Temos estado ocupados com a vitória em si mesma, e, exatamente neste procedimento perdemos aquilo que esperávamos ganhar.

Na vida cristã em crescimento, é possível trabalhar todo o dia para alcançar vitória – mas perdê-la; ou olhar para Cristo em lugar de trabalhar na vitória – e ganhá-la.

A vitória assemelha-se à submissão, pois se baseia em submissão. É tudo ou nada. Não existe vitória parcial.

Poderíamos ilustrar esta verdade empregando um "sismógrafo do pecado".



Primeiro observe o que está à esquerda. Esta é a maneira em que, com freqüência, temos procurado medir a vitória. Suponhamos que no início de minha vida cristã eu tivesse um temperamento terrível. Mas eu começo a tentar obter a vitória, e, após as primeiras vezes, minha explosão de temperamento mede somente nove na escala. Após vários anos de vida cristã, perder o temperamento mede somente seis. Após alguns anos mais de ingentes esforços, a agulha vai até o três. E, pouco antes de morrer, eu amanheço um dia e a agulha nem se mexe. Isto *não* é vitória! Em lugar disso, observe a ilustração da direita.

Tem só dois números, zero e dez. A qualquer momento que eu dependa de mim mesmo, em lugar de depender de Cristo, tenha eu sido cristão por um dia ou por toda a vida, a agulha se fixará sempre no dez. Sempre que estiver dependendo de Cristo em vez de mim mesmo, seja no primeiro ou no último dia de minha vida cristã, a agulha não irá sequer mexer-se.

O alvo de Deus para nós é que aprendamos a depender dEle todo o tempo. É-nos possível, assim como o foi para Cristo.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 679, diz: "Sabia que a vida de Seus confiantes discípulos seria como a Sua, uma série de ininterruptas vitórias, que aqui não pareciam sê-lo, mas reconhecidas como tais no grande porvir."

O que traz as vitórias ininterruptas? Ser discípulo *confiante*. E somente ao aprendermos a conhecê-Lo, podemos aprender a nEle confiar todo o tempo. Quando nEle confiamos e olhamos para Ele, a vitória está assegurada.

PERFEIÇÃO

TESE 88

A perfeição de caráter não é obra nossa. É a obra de Deus em nós.

Você já comprou um carro novo? Lembra-se de sua pintura reluzente e de seu estofado impecável, e de como se sentia ao guiá-lo indo para casa pela primeira vez? Como se sentiu na primeira vez que alguém lhe entortou o pára-lama, ou um de seus filhos derramou leite com chocolate no assento traseiro?

Há uma busca interior de perfeição em todo ser humano. Ansiamos a perfeição, e nos desapontamos quando algo "perfeito" é maculado. Não estamos dispostos a pagar o preço total por mercadoria danificada. Mesmo quando crianças, aprendemos que, a partir do momento em que alguma coisa esteja quebrada, sua utilidade fica prejudicada. Nossos pais instam para que tomemos cuidado com nossas coisas, prorroguemos ao máximo o dia em que elas se gastarão e não mais terão valor para nós.

Empenhamo-nos por manter a perfeição física. Os pais se regozijam quanto à perfeição de seu filhinho recém-nascido, e se entristecem com qualquer cicatriz, seja física ou emocional. Fazemos o melhor que podemos para disfarçar as evidências do avanço da idade, e suspiramos com o aparecimento das rugas, da flacidez na pele, do cabelo que cai, da perda de agilidade. Ansiamos pelo tempo da glorificação, quando o processo se reverterá e viveremos em corpo perfeito.

A perfeição é importante para todos nós – e é também importante para Deus. Ele nos prometeu eterna juventude, sem doença ou dor, ao vivermos pela eternidade com saúde perfeita e beleza incorruptível. Ele nos tem falado sobre nosso lar celestial, perfeito nos mínimos detalhes – até as flores lá serão perfeitas e nunca fenecerão. É-nos assegurada perfeita felicidade, pois Ele nos diz que não mais haverá lágrimas, ou sofrimento, ou pranto.

Mas não precisamos esperar até chegar ao Céu, por um tipo de perfeição. Deus também prometeu perfeição de caráter – e esta deve ser desenvolvida aqui. Deus prometeu perfeição, *ordenou* perfeição. E Sua vontade é que sejamos perfeitos!

Deus disse a Abraão: "Anda na minha presença, e sê perfeito." Gênesis 17:1. Jesus disse a Seus seguidores: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste." S. Mateus 5:48. Paulo escreveu: "Deixemo-nos levar para o que é perfeito." Heb. 6:1.

A perfeição é importante; é possível; a perfeição é necessária para o cristão. Mas nunca esqueça que a perfeição é obra de Deus, não nossa. Observe algumas evidências bíblicas:

"Deus é a minha fortaleza e a minha força, e Ele perfeitamente desembaraça o meu caminho." II Samuel 22:33.

"O Deus que me revestiu de força, e aperfeiçoou o meu caminho." Salmo 18:32.

"Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à Sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, Ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar." I S. Pedro 5:10.

"Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a Sua

vontade, operando em vós o que é agradável diante dEle, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém." Hebreus 13:20 e 21.

Você está interessado em perfeição de caráter? É-lhe possível obtê-la. É bom saber que embora nosso corpo físico entre em decadência e nossas posses materiais pereçam com o uso, nossa vida interior pode ser renovada dia após dia. Ver II Coríntios 4:16. O caráter perfeito está disponível deste lado do Céu. É Deus que está moldando nossa vida, na medida em que permaneçamos relacionados com Ele. E "Suas obras são perfeitas". Deuteronômio 32:4.

TESE 89

A perfeição pode ser coisa perigosa se concentra nossa atenção em nós mesmos e em nossas obras.

CUIDADO: Estudar o assunto da perfeição pode ser perigoso para sua saúde espiritual.

Contudo, não deveríamos evitar o estudo da perfeição; porque perfeição é um ensino bíblico. Mas pode ser perigoso o estudo, se isto atrair nossa atenção para nós mesmos. Em qualquer época que nossa atenção se concentre em nós próprios, em lugar de se concentrar em Cristo, cairemos, falharemos e pecaremos. Só podemos estudar com segurança a perfeição quando nos lembramos de que é a obra de Deus em nós, e não nossa própria obra. E se perfeição é obra de Deus apenas, então o estudo da perfeição deverá concentrar nossa atenção nEle e desviá-la para longe de nós próprios.

A Bíblia descreve três tipos de perfeição. Podemos ser perfeitos no nascimento, perfeitos no crescimento, e perfeitos em caráter. Às vezes você ouve pessoas discutindo um texto como o de S. Mateus 5:48: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste." E então dizem: "Não significa 'perfeito', significa 'maduro'."

Mas a palavra *maduro* é mais forte do que perfeito. Um bebê pode ser perfeito enquanto emite seus murmúrios e gritinhos. Uma criança pode ser uma criança perfeita enquanto brinca de amarelinha com um garoto vizinho; mas, se ainda estivesse fazendo isso com a idade de 20 anos, ficaríamos preocupados!

Ser perfeito em caráter não é somente ser perfeito em nascimento e em crescimento, mas em maturidade também.

S. Marcos 4:28 declara: "Primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga." A erva pode ser erva perfeita; a espiga pode ser espiga perfeita. Mas o grão cheio na espiga significa ser tanto perfeito quanto maduro. *Parábolas de Jesus*, pág. 65 diz que podemos ser perfeitos em qualquer estágio de nosso desenvolvimento.

Assim, a Bíblia ensina que a perfeição é possível. A Bíblia também ensina que a perfeição é obra de Deus, não nossa, como fizemos notar no capítulo precedente. E a Bíblia ensina que nunca devemos reivindicar perfeição – de fato tal reivindicação provaria que não somos perfeitos!

Jó 9:20: "Ainda que eu seja justo, a minha boca me condenará; embora seja eu íntegro, Ele me terá por culpado."

"Ninguém que reivindica santidade é realmente santo. Aqueles que são registrados como santos nos livros do Céu não estão conscientes do fato, e são os últimos a se vangloriarem de sua própria bondade." – *The Faith I Live By*, pág. 140.

"Quanto mais perto vos chegardes de Jesus, tanto mais cheios de falta parecereis aos vossos olhos; porque vossa visão será mais clara e vossas imperfeições se verão em amplo e vivo contraste com Sua natureza perfeita. Isto é prova de que os enganos de Satanás perderam seu poder; que a influência vivificante do Espírito de Deus está a despertar-vos." – *Caminho a Cristo*, pág. 64.

Se quanto mais perto de Jesus chegarmos, menos perfeitos pareceremos em nossa própria estima, então a perfeição nunca pode ter a intenção de captar nossa atenção, pois não saberemos quando a recebemos. Nossa parte no processo de perfeição é continuar a aproximar-nos de Jesus e manter os olhos nEle. Ele tomará conta do resto.

"Cada um terá uma severa luta para vencer o pecado em seu próprio coração. Isto às vezes é obra muito penosa e desanimadora; porque, ao vermos as deformações de nosso caráter, continuamos a olhar para elas, quando devíamos olhar para Jesus e revestir-nos com o manto de Sua justiça." – *Testimonies*, vol. 9, págs. 182 e 183.

Enquanto nos lembrarmos de que a perfeição é obra de Deus por nós, e enquanto olharmos para Ele a fim de efetuar o que quer que necessite ser feito nessa área, podemos seguramente estudar Suas promessas a respeito. Podemos regozijar-nos na abundante provisão que Ele fez para nos resgatar do pecado.

JESUS

TESE 90

Jesus foi semelhante a Adão antes da queda por ter uma natureza sem pecado – Ele não nasceu separado de Deus. Jesus foi semelhante a Adão após a queda em força física, poder mental, e valor moral.

As pessoas às vezes perguntam se Jesus foi semelhante a Adão antes da queda ou depois da queda. A resposta é antes!

A fim de compreender esta resposta, temos que entender de que aspectos da vida de Jesus estamos falando. Poderíamos dividir Sua personalidade como ser humano em quatro aspectos: natureza espiritual, força física, poder mental, e valor moral.

Jesus foi semelhante a Adão antes da queda em Sua natureza espiritual.

"Cristo é chamado o segundo Adão. Em pureza e santidade, ligado com Deus e amado por Deus, *Ele começou onde o primeiro Adão começou*. Voluntariamente *Ele passou pelo terreno onde Adão caíra*, e redimiu as falhas de Adão." *SDA Bible Commentary*, vol. 7A, pág. 650.

Cristo era completamente humano, mas completamente isento de pecado – o único ser humano desde Adão a ser capaz de apresentar tal alegação. Ele pôde dizer, sem contestação, ao fim de Seu ministério: "Aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em Mim." S. João 14:30.

Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 256, declara: "Não devemos ter dúvidas acerca da perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo."

E nos Comentários de Ellen G. White do *SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 912, lemos: "Ele devia tomar Sua posição à cabeça da humanidade por tomar a natureza, mas não a pecaminosidade do homem."

À primeira vista, você pode ver uma contradição aqui, pois há um sentido em que Cristo tomou sobre Si nossa culpa, nosso pecado, e mesmo a nossa natureza pecaminosa. Conquanto Ele haja tomado a nossa culpa, Ele não Se tornou culpado; caso contrário,

também teria necessitado de um Salvador. Quando Ele tomou nossa natureza pecaminosa, isso não tornou Sua natureza pecaminosa. Ele assumiu nossa culpa e pecado como nosso Substituto.

Quando o anjo veio visitar Maria com as notícias do Messias que breve nasceria, ele disse: "Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus." S. Lucas 1:35. Jesus nasceu de modo diferente daquele pelo qual nascemos. Nenhum de nós poderia jamais ser chamado "ente santo".

Tal como Adão antes da queda, Jesus tinha a natureza humana do homem, com a *possibilidade* de cair em tentação. Mas uma vez que Ele nunca cedeu ao pecado, permaneceu sem pecado. Ver *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 117. Assim Ele Se tornou o segundo Adão e nos redimiou da falha do primeiro Adão. Ver I Coríntios 15:21 e 22.

Mas Jesus também nasceu de modo diferente de Adão. Em primeiro lugar, Ele nasceu! Adão, não; foi criado! Mas Jesus não começou com as vantagens de que Adão dispunha.

"Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação." – *O Desejado de T. as Nações*, pág. 117.

Assim, Cristo recebeu menos força física do que Adão tinha possuído. Ele não era tão alto quanto Adão, pois a raça havia diminuído em estatura desde o tempo da Criação. Não era tão forte quanto Adão. Cansava-Se, e precisava descansar, quando Adão provavelmente não teria o mesmo problema – como naquela noite junto ao lago, e ao lado do poço em Samaria, ocasiões em que mesmo Seus discípulos foram capazes de continuar em atividade.

O Cristo humano não era tão inteligente quanto Adão! A sabedoria vista em Seu ministério derivava de acima dEle, não de dentro dEle. Ele não empregava o seu "QI" divino. Dependia de Seu Pai para sabedoria e mesmo para Seus planos de cada dia.

Nem teve Cristo a medida de valor moral que Adão teve. Quanto vale a moral? Ellen White, que empregou o termo, não define. Mas valor moral tem que ver com quanta fibra moral uma pessoa conta, quanto controle exerce sobre o seu comportamento. Se Cristo tivesse menos fibra moral do que Adão, então Ele teria sido mais fraco que Adão, menos capaz de resistir a tentação em sua natureza humana à parte do poder do alto.

Que declaração do amor de Deus a de que Ele estava disposto a permitir que Seu Filho viesse e tomasse tal risco em nosso benefício!

O Desejado de Todas as Nações nos diz que o Pai permitiu que Cristo "enfrentasse os perigos da vida em comum com toda a alma humana, combatesse o combate como qualquer filho da humanidade o tem de fazer, com risco de fracasso e ruína eterna." Nós ansiamos em escudar nossos entes queridos do poder de Satanás. Mas "Deus deu Seu Filho unigênito, para que a vereda da vida fosse assegurada aos nossos pequeninos. "Nisto está o amor." Maravilhai-vos, ó céus! e assombrai-vos, ó Terra!" – Pág. 49.

TESE 91

Jesus não tinha qualquer vantagem sobre nós em vencer a tentação.

Na economia moderna, muitas pessoas se acham tendo problemas financeiros. Se se encontrar entre esse grupo, você talvez deseje assistir a um seminário que tem por título, "Como Viver

Dentro de sua Renda". Está sendo promovido por John D. Rockefeller. Está interessado? E para os estudantes, que tal uma matéria chamada, "Facilitando as Tarefas de Casa". O professor tem um QI de 200. Ou prefere algo no campo dos esportes? Que tal um programa sobre Vôos Acrobáticos, dirigido pelo anjo Gabriel?

Se Jesus veio apenas para ser o nosso Salvador, então não haveria de ser tão importante o modo como viveu aqui. Mas se Ele veio para ser o nosso exemplo, mostrar-nos como viver, então Ele deve viver a vida como a devemos viver. Doutro modo, não seríamos capazes de tirar proveito do Seu exemplo.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 24, declara: "Se tivéssemos de sofrer qualquer coisa que Cristo não houvesse suportado, Satanás havia de apresentar o poder de Deus como nos sendo insuficiente."

Em todo debate e discussão a respeito da natureza de Cristo, dois pontos principais causam a maior parte das discordâncias: a questão do que significa que Jesus foi tentado em todos os pontos como nós, contudo sem pecado (ver Hebreus 4) e como pôde ter nascido sem pecado de parentesco humano. Nenhuma dessas questões tem aplicação direta em nossa vida, e ambas são questões que nos têm sido apresentadas como mistérios sobre que não devemos gastar bastante tempo para tentar dissecar. Ver Comentário de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 5, págs. 1.128 e 1.129.

Por outro lado, quase todos parecem concordar sobre dois pontos básicos nesse assunto: que Jesus não teve vantagem sobre nós para vencer a tentação, e que Ele venceu o pecado do mesmo modo por que podemos vencer. Estes são pontos práticos de que temos muita informação inspirada.

Nem mesmo por um pensamento cedeu Jesus à tentação – e a mesma vitória pode também ser nossa. Ver *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 123.

Apocalipse 3:21 declara que paremos vencer da mesma maneira que Jesus venceu.

"Mediante a vitória de Cristo as mesmas vantagens de que Ele dispunha são providas ao homem; porque pode partilhar de um poder fora e acima dele mesmo, participando até da natureza divina pela qual pode vencer a concupiscência que há no mundo." – Ellen G. White, *Signs of the Times*, 16 de janeiro de 1896.

Assim, Jesus não teve qualquer vantagem sobre nós ao vencer o pecado; portanto, Ele está qualificado a mostrar-nos como viver. Ele veio e experimentou as necessidades e fraquezas da humanidade de modo a poder oferecer assistência àqueles que devem viver dentro dos limites da humanidade.

Sem dúvida, Jesus possuía todos os tipos de vantagens sobre nós, pois Ele era Deus tão seguramente quanto era homem. Mas Ele nunca *empregou* as vantagens com que nasceu, e na medida em que não as empregou, essas mesmas vantagens Lhe deram uma *desvantagem* igual ou maior comparado a nós.

TESE 92

Jesus venceu a tentação da mesma maneira por que podemos vencer: pelo poder do alto, não pelo poder vindo de dentro.

Jesus tinha trabalhado incansavelmente o dia inteiro, ensinando e curando o povo. Ao chegar a noite, foi com os discípulos para o lado do lago. Estava exausto. Mal começara a viagem, adormeceu na popa do barco. Os discípulos nem perceberam.

Eram pescadores – não professores. Por todo o dia, havia Jesus feito Seu trabalho; agora, era tempo de eles fazerem o deles. Talvez fossem um tanto desajeitados, tentando ministrar ao povo, como Ele fazia; mas estavam aprendendo. Contudo, coisas relacionadas com o mar e embarcações eram de seu campo de atividade normal, e estavam confiantes em que podiam enfrentar o que quer que acontecesse.

A princípio, não se preocuparam quanto à tempestade. Tinham testemunhado muitas tempestades nesse mar em particular, e haviam superado a todas. Lutar para manter o controle do barco, absorvia-lhes a atenção, e, no momento em que a borrasca atingia o auge, eles haviam até esquecido que Jesus estava a bordo. Parece incrível, não é verdade? Ficamos intrigados ao pensar em como puderam ter-se esquecido!

Mas, quantas vezes não nos temos esquecido de Jesus? Já lhe ocorreu isso? Já teve um quase acidente na estrada, tendo que depender de sua habilidade como motorista para salvar-se, em lugar de rogar por ajuda do alto? Já se defrontou com uma crise familiar, quando as emoções estavam alteradas e as palavras eram cortantes, e você tentava amainar o furor da crise – tendo se lembrado de orar *depois*? Quando um de seus filhos é vítima de ferimento ou enfermidade súbita, a quem chama primeiro – o médico da família ou o Grande Médico? É possível mesmo hoje esquecer que Jesus está a bordo, não é?

A experiência de Jesus e Seus discípulos naquela noite no lago é uma parábola para nós hoje, de como Jesus venceu a tentação.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 336, descreve-o nestes termos:

"Quando Jesus foi despertado para enfrentar a tempestade, estava em perfeita paz. Nenhum indício de temor na fisionomia ou

olhar, pois receio algum havia em Seu coração. Contudo, não era na posse da força onipotente que Ele descansava. Não era como o 'Senhor da Terra, do mar e do Céu' que repousava em sossego. Esse poder, depusera-o Ele, e diz: 'Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma.' João 5:30. Confiava no poder de Seu Pai. Foi pela fé – no amor e cuidado de Deus – que Jesus repousou, e o poder que impôs silêncio à tempestade, foi o poder de Deus. Como Jesus descansou pela fé no cuidado do Pai, assim devemos repousar no de nosso Salvador."

Ellen White prossegue, fazendo a ligação entre a tempestade no mar e as tempestades da tentação que nos sobrevêm.

"Quantas vezes se repete em nós a experiência dos discípulos Quando as tempestades das tentações se levantam, e fuzilam os terríveis relâmpagos, e as ondas se avolumam por sobre nossa cabeça, sozinhos combatemos contra a tormenta, esquecendo-nos de que existe Alguém que nos pode valer. Confiamos em nossa própria força até que nos foge a esperança, e vemo-nos prestes a perecer. Lembramo-nos então de Jesus, e se O invocarmos para nos salvar, não o faremos em vão. Embora nos repreve magoado a incredulidade e a confiança em nós mesmos, nunca deixa de nos conceder o auxílio de que necessitamos."

É bom sabermos que Jesus venceu do mesmo modo que podemos vencer. Bom, porque Ele viveu a vida tal como devemos vivê-la. Ele não levou vantagem sobre nós ao viver vida de dependência do Seu Pai. Bom, porque Ele obteve vitória – e por meio dEle nós também podemos alcançar vitória. Mediante Sua graça justificadora, Sua vitória é posta a nosso crédito quando vamos a Ele em busca de perdão. Mas Ele faz mais do que tornar disponível a vitória vicária. Mediante o Seu poder em nossa vida, podemos conhecer Sua vitória também por experiência.

"Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé nEle. Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi." – *Idem*, pág. 664.

E em *Mensagens Escolhidas*, livro 1, encontramos estas palavras:

"Resistiu Ele à tentação, mediante o Poder que o homem também pode possuir. Apoiou-Se no trono de Deus, e não existe homem ou mulher que não possa ter acesso ao mesmo auxílio, pela fé em Deus. Pode o homem tornar-se participante da natureza divina; não vive uma alma que não possa chamar o auxílio do Céu, quando tentada e provada. Cristo veio para revelar a fonte de Seu poder, a fim de que o homem não confiasse jamais em suas capacidades humanas desajudadas." – Pág. 409.

Cristo pôs de parte Seu divino poder quando veio à Terra. Contudo, foi mediante o poder divino que Ele Se tornou vitorioso. Ele renunciou ao uso de Sua divindade inerente e, em vez disso, dependeu de um poder acima dEle. E o mesmo poder nos está disponível. A Divindade pode ser combinada com a humanidade em nossa vida tal como foi na dEle, e por tornar-nos "co-participantes da natureza divina" podemos ser vencedores. II S. Pedro 1:4.

TESE 93

Jesus achava os pecados repulsivos. Na medida em que dependamos de Deus também acharemos os pecados repulsivos.

Em virtude de ter vivido toda Sua vida terrenal dependendo de Seu Pai, em razão de jamais ter cedido à tentação de separar-Se de Seu Pai, mesmo por um instante, o diabo não foi capaz de tentá-lo com pecados, plural. Ele achava os pecados repulsivos.

Seguidas vezes é dada evidência nos escritos inspirados. Hebreus 1:9 diz a respeito de Cristo: "Amaste a justiça e odiaste a iniquidade."

O Desejado de Todas as Nações, pág. 111:

"Todo pecado, toda discórdia, toda contaminadora concupiscência trazida pela transgressão, Lhe era uma tortura para o espírito."

Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 322:

"Odiando o pecado com um ódio perfeito, Ele [Jesus] acolheu, no entanto, sobre Sua alma os pecados de todo o mundo."

Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 5, pág. 1.142: "Seu caráter revelava um perfeito ódio pelo pecado."

Vol. 7, pág. 904: "Cristo sempre conservou o mais vigoroso ódio pelo pecado."

Vol. 7, pág. 927: "Quem dera compreendêssemos o significado das palavras, Cristo 'sofreu tendo sido tentado'. Conquanto Ele estivesse livre de mácula de pecado, as refinadas sensibilidades de Sua natureza santa tiveram contato com a iniquidade inexprimivelmente penosa para Ele."

O Desejado de Todas as Nações, pág. 88:

"Não aborrecia Ele senão uma coisa no mundo, e isso era o pecado. Não podia testemunhar uma ação injusta, sem uma dor que Lhe não era possível disfarçar."

O Desejado de Todas as Nações, pág. 700: Jesus "sofreu proporcionalmente à perfeição de Sua santidade e ao Seu ódio pelo

pecado. ... Achar-Se rodeado de criaturas humanas sob o domínio de Satanás, era-Lhe revoltante."

Às vezes as pessoas tentam provar que Cristo foi tentado com a iniquidade do mesmo modo que um homem pecador é tentado quando está vivendo sem Cristo. Dizem que os pecados e tentações que o diabo apresentava a Cristo neste mundo, eram-Lhe atraentes, mas que Ele apertava os dentes, endurecia a espinha e recusava agir segundo o que Seus desejos naturais O instavam a fazer. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Outra teoria é a de que Cristo era atraído pelas coisas más, que Ele experimentou desejos sensuais, cobiça e ira, mas que devido a Seu amor a Seu Pai, recusava-Se a fazer aquilo que, doutro modo, seria feliz em cumprir. A informação inspirada tampouco sustenta tal ponto de vista. Conquanto seja verdade que o Seu amor ao Pai fosse forte, Seu ódio ao pecado era também forte. Ele achava o pecado repulsivo, não atraente.

Ao estudarmos a vida e natureza de Cristo, a novidade é que Sua visão de pecado e erro também nos está disponível. Não precisamos viver a vida cristã desejando unir-nos ao mundo com os seus pecados, mas apertando os dentes e forçando-nos a não agir assim. Não precisamos tentar reunir amor suficiente a Deus, a fim de que estejamos dispostos a negar nossos instintos naturais para torná-Lo feliz. Podemos experimentar o mesmo tipo de vitória que Jesus experimentou – vitória não só sobre atos pecaminosos, mas sobre desejos pecaminosos também. Uma vitória que vai além do comportamento, aos próprios desejos e inclinações do coração. Podemos considerar os pecados repulsivos, tal como Jesus.

Novamente, a evidência nos escritos inspirados é considerável.

Mensagens aos Jovens, pág. 338: "Quando estivermos revestidos da justiça de Cristo, não teremos nenhum prazer no

pecado; pois Ele estará trabalhando conosco. Poderemos cometer erros, mas temos de aborrecer o pecado que causou os sofrimentos do Filho de Deus."

O Grande Conflito, pág. 650: "Pela sua própria experiência dolorosa compreenderam a malignidade do pecado, seu poder, sua culpa, suas desgraças; e para ele olham com aversão."

O Grande Conflito, pág. 508: "No coração renovado há ódio e decidida resistência ao pecado."

Testimonies, vol. 2, pág. 294, fala da pessoa convertida: "Sua vida pregressa parece-lhe repulsiva e detestável. Ele odeia o pecado."

E *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 498:

"Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, nossa vida será de contínua obediência. Mediante o apreço do caráter de Cristo, por meio da comunhão com Deus, o pecado se nos tornará aborrecível."

Você aprecia os pecados, ou os acha repulsivos e detestáveis? A diferença está em conhecer a Deus como lhe é dado o privilégio de fazê-lo, ou não. Você não odiará o pecado pelo fato de empenhar-se arduamente nisso. Aprende a odiar o pecado empreendendo o necessário esforço para conhecer a Deus e ter comunhão com Ele dia a dia. Não importa em que ponto comece o estudo da salvação pela fé em Jesus Cristo, você sempre termina no mesmo lugar. Você O conhece? Conhecê-Lo é a base de todas as coisas que se seguem. Conhecê-Lo é vida eterna.

TESE 94

Nunca poderemos ser como Jesus foi, mas podemos agir como Jesus agia.

Lembra-se do cântico infantil "Quero Ser Como Jesus"?

Ser como Jesus, este é meu cântico,

Em casa e na multidão;

Ser como Jesus o dia inteiro!

Quero ser como Jesus.

É possível ser como Jesus? Ou esse cântico estava errado? É possível ser como Jesus em alguns sentidos, mas não em outros?

Para começar, sabemos que há um modo pelo qual nunca seremos como Jesus – pois Ele é Deus, e nós não. Ele é nosso Criador, e nós apenas criaturas. Podemos tornar-nos participantes de Sua divina natureza mediante Sua presença no íntimo de nossa vida. Mas nunca deixaremos de ser seres humanos. Assim, nesse sentido, jamais podemos ser como Jesus.

"A encarnação de Cristo sempre foi, e continuará sendo, um mistério. O que é revelado é para nós e nossos filhos, mas que todo ser humano seja advertido quanto a tornar Cristo inteiramente humano, um como nós; pois isso não pode ser." – Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 5, pág. 1.129.

Mas mesmo quando limitamos nossa comparação do aspecto humano da natureza de Jesus, ainda achamos que nunca podemos ser exatamente como Ele. Ele nasceu como "o ente santo", *isento de pecado* por natureza desde o nascimento, como vimos na Tese 90. Nós nascemos separados de Deus, *pecaminosos* por natureza desde o nascimento. Enquanto vivemos neste mundo, teremos essa diferença em nossa natureza. Ver *Parábolas de Jesus*, pág. 160.

Outra maneira pela qual jamais nos igualaremos a Cristo é nosso passado pecaminoso. Temos um histórico comprometedor. Por toda a eternidade sempre nos acharemos em necessidade da graça justificadora e perdoadora de Cristo para cobrir nossos

pecados passados. Uma vez que Jesus nunca pecou, Ele nunca teve um passado pecaminoso.

Contudo, é ainda possível sermos semelhantes a Jesus! Podemos viver como Jesus viveu e trabalhar como Ele trabalhou. Podemos obter vitória sobre as tentações do mesmo modo como Ele obteve, mediante dependência de um poder do alto, em lugar de em um poder de dentro. Podemos viver em relação a Deus como Ele viveu, e assim descobrir que as diferenças entre nós não fazem diferença!

Jesus viveu como homem. Por toda Sua vida neste mundo Ele nunca empregou Seu poder divino até a manhã da Ressurreição.

Todos os milagres que Jesus realizou – ressuscitar os mortos, curar os enfermos, purificar os leprosos, expulsar demônios, caminhar sobre as águas, conhecer o pensamento das pessoas – foram também praticados por Seus seguidores. As obras que Jesus fazia eram obras feitas por Seu Pai. Jesus o disse em **S. João 14:10**: "O Pai que permanece em Mim, faz as Suas obras."

Por cerca de onze vezes o livro *O Desejado de Todas as Nações* menciona que a "divindade irradiou através da humanidade". A primeira vez foi por ocasião da primeira purificação do Templo, quando por um momento o véu da humanidade parecia ter deslizado para um lado, e a humanidade viu no Seu íntimo um lampejo da divindade. Mas mesmo então, as palavras utilizadas têm significado especial. É dito que a divindade irrompeu *através* – não *a partir de*. Mesmo então, o Pai estava no controle, e foi a divindade do Pai que se revelou mediante Seu Filho.

Porém ainda mais importante do que os milagres que Jesus realizou foi a vitória que obteve em Sua batalha com o inimigo. Mediante a comunhão com o Seu Pai, através da dependência de Seu Pai, obteve Ele a vitória. E a vitória dEle pode ser nossa. Tal

como as obras do Pai podem ser manifestas na vida de Jesus, assim pode Ele operar em nós "tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade". Filip. 2:13.

TESE 95

O problema do pecado é um relacionamento interrompido entre Deus e o homem. O alvo da salvação é restaurar a relação entre Deus e o homem.

Jesus deseja casar! **Apocalipse 19:6-9** fala a respeito disso:

"Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. Então, me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro."

A relação entre a humanidade e Deus foi interrompida no Éden. Quando Adão e Eva pecaram, ocultaram-se e não mais vinham ansiosamente encontrar-se com Deus; não mais podiam andar com Ele na viração do dia.

Adão e Eva tinham preferido não confiar nAquele que havia sido apenas digno de confiança, e, desse modo, a relação com Deus foi desfeita.

Mas Deus não desejava que a história terminasse aí. A comunhão com Seus filhos era-Lhe tão importante que Ele Se dispunha a ir até a cruz a fim de restaurar a interrompida relação.

Veio pessoalmente andar com os homens, dessa vez velado com a humanidade, com vistas a superar o abismo causado pelo pecado.

"Desde que Cristo veio habitar entre nós, sabemos que Deus está relacionado com as nossas provações, e Se compadece de nossas dores. Todo filho e filha de Adão pode compreender que nosso Criador é o amigo dos pecadores. Pois em toda doutrina de graça, toda promessa de alegria, todo ato de amor, toda atração divina apresentada na vida do Salvador na Terra, vemos 'Deus conosco'." – *O Desejado de Todas as Noções*, pág. 24.

E agora Jesus deseja casar. O que significa casar? Significa estar juntos pessoal e permanentemente.

No aeroporto de Tóquio minha esposa e eu certa vez conhecemos um cavalheiro sueco que ia encontrar a noiva em Seul, Coréia. Eles nunca se haviam encontrado. Haviam, mediante correspondência, tido muita comunicação a longa distância. Mas esta era a primeira vez que veriam um ao outro em pessoa. Ele, compreensivelmente, estava ansioso para se encontrar com ela. Não via a hora de casar, ansiando encontrá-la em pessoa e tê-la permanentemente.

Mediante oração e o estudo de Sua Palavra, temos estado em correspondência com Jesus. Aprendemos a amá-Lo porque Ele nos amou primeiro. Podemos contudo, unir-nos a Ele na espera do casamento, até o tempo em que possamos encontrá-Lo, pessoalmente e para sempre.

Às vezes as pessoas se preocupam, com a possibilidade de que o relacionamento diário com Cristo se torne apenas outra rotina de obras. Mas o relacionamento não é simplesmente um meio para o fim. É o próprio fim! Não temos uma relação com Cristo a fim de sermos salvos. Somos salvos a fim de termos relação com Cristo!

"Quando por meio de Jesus, entramos no repouso, o Céu começa aqui. Atendemos-Lhe ao convite: Vinde, aprendei de Mim; e assim fazendo começamos a vida eterna. O Céu é um incessante aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo. Quanto mais tempo estivermos no céu da bem-aventurança, tanto mais e sempre mais de glória nos será manifestado; e quanto mais conhecermos a Deus, tanto mais intensa será nossa felicidade. Ao andarmos com Jesus nesta vida, podemos encher-nos de Seu amor, satisfazer-nos de Sua presença. Tudo quanto a natureza humana é capaz de suportar, é-nos dado receber aqui. Mas que é isso comparado ao porvir?" – *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 331 e 332.

Jesus deseja casar! E você?